

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**DO LATIM AO PORTUGUÊS: PERCURSO HISTÓRICO DOS
SUFIXOS -DOR E -NTE**

MARCO ANTÔNIO FERREIRA MARINHO

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DO LATIM AO PORTUGUÊS: PERCURSO HISTÓRICO DOS SUFIXOS –DOR E –NTE

Marco Antônio Ferreira Marinho

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como quesito para a obtenção do Título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientador: Professor Doutor Carlos Alexandre Victório Gonçalves.

**Rio de Janeiro
Junho de 2009**

Marinho, Marco Antônio Ferreira.

Do Latim ao Português: Percurso Histórico dos Sufixos –DOR e –NTE. /
Marco Antônio Ferreira Marinho. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2009.

x, 210 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Carlos Alexandre Victório Gonçalves (UFRJ).

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Letras /
Programa de Letras Vernáculas, 2009.

Referências Bibliográficas: f. 206-210.

1. –DOR. 2. –NTE. I. Gonçalves, Carlos Alexandre Victório. II.
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. III. Título.

Do Latim ao Português: Percurso Histórico dos sufixos –DOR e –NTE

Marco Antônio Ferreira Marinho

Orientador: Carlos Alexandre Victório Gonçalves

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

Presidente, Professor Doutor Carlos Alexandre Victório Gonçalves - UFRJ

Professora Doutora Margarida Maria de Paula Basílio - PUC-Rio

Professor Doutor João Luiz Ferreira de Azevedo - UFRRJ

Professora Doutora Maria Lúcia Leitão de Almeida - UFRJ

Professor Doutor Afrânio Gonçalves Barbosa - UFRJ

Professora Doutora Sandra Pereira Bernardo - UERJ / PUC-Rio, suplente

Professor Doutor João Antônio de Moraes UFRJ, suplente

Rio de Janeiro
Junho de 2009

A Deus, por mais essa inspiração.

Agradecimentos

A Deus (novamente) e aos bons espíritos que me ajudaram na árdua tarefa de concluir este Trabalho.

À Renata, minha quase-esposa, por ouvir minhas teorizações e por me estimular a “parir” esta Tese. Valeu também pelo “abstract”. Menina indispensável!

À minha mãe, Terezinha, sem ela eu não poderia estar aqui (em qualquer sentido que se possa imaginar!).

A meu pai, Dimar. Pai é pai, né!?

Ao meu orientador, Carlos Alexandre: lá se vai mais de dez anos exemplificando o que é ser, de fato, um professor.

Ao meu irmão Rinaldo, cuja inteligência e dedicação aos estudos contribuíram para formar um Marco com características semelhantes.

Ao meu irmão Alexandre, também muito inteligente, por existir, por ser lutaDOR e perseveraNTE. Por ter me dado esses exemplos.

Aos meus parentes mais próximos: Rosana, Ana Célia, Thainá, Yasmin, Glauber, Tífani (nunca sei se a grafia é essa!) e Alícia. Todos nota 1000!

Ao meu tio e padrinho, Geraldo: não tem estudo formal, mas ouvir histórias sobre sua vida é uma descontração, alivia o estresse. Ah, é claro: agradeço também pela bebedeira dos domingos!

A todos os professores da FL-UFRJ que participaram da minha vida acadêmica. Grandes mentes!

A todos os meus amigos: impossível enumerá-los!

Aos meus alunos que sentem prazer em estudar e que gostam do meu trabalho. Foram várias forcinhas a mais.

Aos professores-amigos que tive nas redes municipais do Rio, Niterói, Nilópolis e Caxias. Pedir exoneração foi fácil. Difícil é abrir mão da convivência com cada um de vocês!

Ao Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-RJ), escola que me deu condições de impulsionar esse doutorado.

Aos professores do CEFET-RJ, mentes brilhantes e zoadoras. Agradecimento à professora Aline pelo “help” em inglês.

Ao Fernando, pelo carinho com que sempre me recebe e pela expectativa de sempre receber sua coxinha. Eta, cachorro danado, adora comer o que não presta

“Se a língua é um fenômeno social que só existe entre os homens e para eles, é imperativo e justo que se faça a história do instrumento através daqueles que o dominam.” (SILVA NETO, 1979).

SINOPSE

Identidade formal dos sufixos –DOR e –NTE. Percurso histórico (do latim ao português) desses formativos.

Resumo

Do Latim ao Português: Percurso Histórico dos Sufixos –DOR e –NTE

Marco Antônio Ferreira Marinho

Orientador: Carlos Alexandre Victório Gonçalves

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

O objetivo deste Trabalho é apresentar o percurso histórico de dois sufixos agentivos deverbais: –DOR e –NTE. Utilizamos para tal duas perspectivas de análise: a Morfologia Derivacional de base gerativa – com centro nos trabalhos de Aronoff (1976) e Basílio (1980) – e a Morfologia Diacrônica, conforme apresentada em Joseph (1998). O *corpus* principal foram verbetes do Houaiss Eletrônico de 2002. O método de investigação seguiu seis passos: (a) definimos os grupos de afinidade semântica de cada um dos sufixos no português atual; (b) examinamos os significados que –DOR e –NTE possuíam no latim escrito; (c) empregamos o método histórico-comparativo nos grupos semânticos dos formativos; (d) apontamos as irregularidades advindas do passo anterior; (e) pesquisamos as datas de entrada dos vocábulos envolvidos em todos os grupos de afinidade semântica de –DOR e –NTE; e (f) repetimos o que foi aventado em (e) para palavras das outras línguas românicas trabalhadas. Em termos de resultado, isso evidenciou que os sufixos vão, com o passar do tempo, adquirindo novos significados.

Palavras-chave: -DOR, -NTE, Morfologia Derivacional, Morfologia Diacrônica, percurso histórico e significados.

Abstract

From Latin to Portuguese: the Historical Trajectory of the –DOR and –NTE Suffixes

Marco Antônio Ferreira Marinho

Orientator: Carlos Alexandre Victório Gonçalves

The *Abstract* of the Doctoral Thesis submitted to the Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, as part of the necessary requirements to obtain the Doctor Title in Portuguese Language.

This work's objective is to present the historical trajectory from two deverbals agentives suffixes: -DOR and –NTE. We used two analyse's perspectives: the Derivational Morphology, based at the Gerative studies, especially from Aronoff's workes (1976) and Basílio (1980) – and the Diachronic Morphology, like the presents in Joseph (1998). The main corpus were entries from Eletronic Houaiss (2002). The inquiry's method followed six steps: (a) We defined the semantic affinity groups from –DOR and –NTE in contemporaneam portuguese; (b) We examined the meanings of the suffixes –DOR and –NTE at the Latin writted; (c) we applied the historical-comparative method in the formative's semantic groups; (d) we showed the irregularities came from the previous step; (e) researched the dates of entry of the words involved in all groups of semantic affinity of –DOR and -NTE, and (f) repeat what was suggested in (e) for words from other Romance languages worked. In terms of outcome, this demonstrated that the suffixes will, over time, acquiring new meanings.

Key-words: -DOR, -NTE, Derivational Morphology , Diachronic Morphology, historical trajectory and meanings.

Resumen

Del Latín al Portugués: Camino de la Historia y Sufijos –DOR y –NTE

Marco Antônio Ferreira Marinho

Asesor: Carlos Alexandre Gonçalves Victorio

Resumen de la Tesis Doctoral presentada a la del Programa de Postgrado en Literatura Vernácula de la Universidad Federal de Río de Janeiro - UFRJ, como parte de los requisitos necesarios para obtener el título de Doctor en Letras Vernáculas (idioma portugués).

El objetivo de este trabajo es presentar la historia personal de dos sufijos deverbais: –DOR y –NTE. Utilizado para el análisis de dos perspectivas: la Morfología basada Derivacional Geräte - con centro en el trabajo de Aronoff (1976) y Basilio (1980) - y la Morfología Diacrónica, tal como se presenta en Joseph (1998). El cuerpo principal de las entradas se Houaiss Eletrônico 2002. El método de investigación seguido seis etapas: (a) definir los grupos de afinidad semántica de cada uno de los sufijos en portugués actual; (b) examinar los significados que –DOR y –NTE había escrito en latín; (c) utilizar el Método Histórico Comparativo en la semántica de la formación de grupos; (d) señalar las deficiencias resultantes del paso anterior; (e) investigó las fechas de entrada de las palabras que participan en todos los grupos de afinidad semántica de –DOR y –NTE; y (f) la repetición se sugirió que en (e), por las palabras de otras lenguas románicas trabajado. En términos de resultados, esta demostrado que los sufijos, con el tiempo, la adquisición de nuevos significados.

Palabras clave: –DOR, –NTE, Derivacional Morfología, Morfología Diacrónica, la historia y los significados.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	14
2. ARCABOUÇO TEÓRICO	19
2.1 PERCURSO HISTÓRICO DA MORFOLOGIA DERIVACIONAL.....	19
2.1.1 Aronoff (1976).....	20
2.1.2 Basílio (1980) e (1981)	26
2.2 MORFOLOGIA DIACRÔNICA: JOSEPH (1998).....	31
3. ALGUMAS QUESTÕES ACERCA DO LATIM	36
3.1 ROMÂNIA	36
3.2 CONCEITO DE LATIM VULGAR	38
3.3 O LATIM LITERÁRIO.....	43
3.4 FONTES DO LATIM VULGAR	44
3.5 ORIGENS ERUDITA, SEMIERUDITA E POPULAR	46
4. FORMAÇÕES X-DOR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO ..	48
4.1 UM RETRATO DAS FORMAÇÕES X-DOR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ATUAL.....	49
4.1.1 Grupos de afinidade semântica.....	49
4.1.1.1 Agentes profissionais.....	49
4.1.1.1.1 Novamente a problemática do Produto Categoral Único (PCU).....	52
4.1.1.2 Agentes frequentativos.....	54
4.1.1.3 Agentes instrumentais.....	56
4.1.2 Marcação categorial dos <i>outputs</i> : aprofundando a questão	59
4.1.3 Basílio (1982): fortalecendo a extensão de categoria	65
4.1.4 Formações X-DOR: regra única ou tripla?	69
4.1.4.1 O parâmetro X-EIRO	69
4.1.4.2 Aplicação em X-DOR	73

5. FORMAÇÕES X-DOR: O PERCURSO HISTÓRICO E A CONSEQUENTE ASSOCIAÇÃO DE SIGNIFICADOS	77
5.1 X-DOR NO LATIM.....	78
5.1.1 X-DOR no latim literário	78
5.1.2 X-DOR no latim vulgar	89
5.1.2.1 Agentes profissionais.....	89
5.1.2.2 Agentes frequentativos.....	101
5.1.2.3 Agentes instrumentais.....	109
5.2 CONCLUSÕES	117
6. FORMAÇÕES X-NTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO ..	119
6.1 DESCRIÇÃO FORMAL DAS CONSTRUÇÕES X-NTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	120
6.1.1 Grupos de afinidade semântica.....	120
6.1.1.1 Grupos determinados a partir da leitura de Basílio (1981).....	120
6.1.1.1.1 Adjetivos que não são agentivos (?).....	120
6.1.1.1.2 Substantivos agentivos que podem ser adjetivos	125
6.1.1.1.3 Agentes profissionais e instrumentais.....	129
6.1.1.2 Grupo não citado em Basílio (1981): agentes químicos.....	131
6.1.2 Formações em X-DOR e X-NTE com a mesma base.....	134
6.1.2.1 O caso dos agentes químicos	135
6.1.2.2 O caso dos agentes frequentativos	139
6.1.2.3 O caso dos agentes profissionais.....	142
6.1.2.4 O caso dos agentes instrumentais	143
6.1.2.5 O caso dos adjetivos.....	144
6.1.2.6 Conclusão.....	146
6.1.3 Formações X-NTE: regra única ou dupla?	148

7. FORMAÇÕES X-NTE: O PERCURSO HISTÓRICO E A CONSEQUENTE ASSOCIAÇÃO DE SIGNIFICADOS	152
7.1 X-NTE NO LATIM	153
7.1.1 X-NTE no latim literário	153
7.1.1.1 O valor das formas X-NTE no latim literário	163
7.1.2 X-NTE no latim vulgar	171
7.1.2.1 Agentes frequentativos	173
7.1.2.2 Agentes profissionais	182
7.1.2.3 Agentes instrumentais	188
7.1.2.4 Agentes químicos	191
7.2 CONCLUSÕES	196
8. CONCLUSÃO: SUMÁRIO E PALAVRAS FINAIS.....	198
Referências bibliográficas	206

Introdução

Objetivamos, com esta Tese, estudar o percurso histórico dos sufixos –DOR e –NTE. Mas o que nos motivou a investigar esse assunto?

Em Marinho (2004), vimos que um mesmo vocábulo X-EIRO pode abarcar três significados: agente, locativo e excesso, representados respectivamente a seguir:

O **louceiro** me vendeu um prato.
Ponha os pratos no **louceiro**.
Tenho um **louceiro** por lavar.

Booij (1986) e Dressler (1986) afirmam que, nesses casos, o significado de agente é o mais básico. O último autor ressalta que uma das evidências disso é o fato de, ao longo da história, o primeiro significado desses sufixos polissêmicos ser o de agente. Por isso, optamos por focar no Trabalho o exame da associação de significados e em que momentos ocorrem, uma vez que os textos desses linguistas

deixam transparecer a questão da ordem de combinação de um significado a uma dada forma.

Todo trabalho de pesquisa deve contar com um **arcabouço teórico** e um *corpus*. Para realizar nosso objetivo, usaremos, como pano de fundo, duas perspectivas de análise: a **Morfologia Derivacional**, sobretudo Basílio (1980); e a **Morfologia Diacrônica**, tal como tratada em Joseph (1998). Nossos *corpora* são verbetes de dicionários – Houaiss (2002), principalmente; Saraiva (2006); e os de línguas estrangeiras românicas –; traduções de escritores latinos, sobretudo Cícero; e palavras colhidas em situações de fala espontânea.

Nosso **método de análise** consiste no estabelecimento de alguns passos, elencados abaixo:

- I. Definir os grupos de afinidade semântica de cada um dos sufixos no português atual;
- II. Investigar os significados que –DOR e –NTE possuíam no latim escrito;
- III. Empregar o Método Histórico-Comparativo nos grupos semânticos dos formativos;
- IV. Examinar as irregularidades presentes nos quadros comparativos;
- V. Pesquisar as datas de entrada dos vocábulos envolvidos em todos os grupos de afinidade semântica de –DOR e –NTE;
- VI. Repetir o que foi aventado no passo V para palavras das outras línguas românicas trabalhadas.

Durante toda a Tese, explicitaremos esses passos para que fique claro o porquê de um determinado assunto estar sendo explorado. O passo I visa conhecer

que significados os sufixos estudados possuem atualmente. A partir das acepções encontradas, teremos base para saber os grupos a serem investigados na trajetória do formativo. Em II e III, procuraremos estabelecer como eram e como se comportavam X-DOR / X-NTE em latim, na escrita e na fala, respectivamente. Nossa prioridade, obviamente, é a fala, mas as fontes do latim vulgar são escassas e a escrita pode nos fornecer informações contundentes a respeito do tema aqui tratado. O passo IV servirá para reforçar nossa aplicação do Método Histórico-Comparativo. Já, em V e VI, recorreremos novamente à escrita, perscrutando os primeiros registros de palavras X-DOR / X-NTE nas línguas românicas. O esperável é que significados associados há mais tempo apresentem registro nos primórdios dessas línguas. Com os significados mais novos, a expectativa é contrária. Todos esses passos, unidos, agirão no sentido de corroborar nossos resultados.

Esta Tese está dividida em oito capítulos. Após esta introdução, teremos no capítulo 2 a apresentação das duas perspectivas teóricas. Primeiramente, em 2.1, trataremos da Morfologia Derivacional. Enfocaremos Aronoff (1976), Basílio (1980) e Basílio (1981). Em 2.2, escreveremos algumas palavras sobre a Morfologia Diacrônica, sumariando Joseph (1998).

No capítulo 3, trataremos algumas questões que envolvem o latim e que são fundamentais para a compreensão de alguns pontos do desenvolvimento. Conceituaremos România, latim vulgar e latim literário. Conheceremos também as fontes do latim falado. Entenderemos, por fim, o que são origens erudita, semierudita e popular.

O capítulo 4 é a execução do passo I, mostrado na metodologia. Seu objetivo é a delimitação dos significados de –DOR. Veremos que o sufixo possui três grupos

de afinidade semântica: agente profissional (“administrador”), agente frequentativo (“zoador”) e agente instrumental (“apagador”). Ainda teremos um ponto que poderia ser tratado no capítulo teórico, mas que escolhemos deixar aqui para aplicar diretamente ao caso das Regras de Formação de Palavras (RFP) de –DOR. Esse ponto é a marcação categorial dos *outputs*. O capítulo se encerra com a demonstração da conveniência de não admitirmos regra única para os três tipos de agentivos. Vale dizer que tanto este quanto o capítulo 6 fazem parte de um objetivo (menor) da Tese: o retrato formal de –DOR e –NTE no português brasileiro contemporâneo.

Em 5, encontramos o primeiro capítulo a cumprir o objetivo maior: o percurso histórico. Aqui cumprem-se os passos de II a VI da metodologia. Mostraremos X-DOR no latim escrito e no latim vulgar, apontaremos as datações de registro no português e nas outras línguas românicas utilizadas para comparação: espanhol, francês e italiano. No final, elaboraremos uma conclusão.

O capítulo 6 é reflexo do 4: é o passo I aplicado a –NTE. Faremos as considerações formais. Apresentaremos inicialmente os grupos semânticos: adjetivo (“desconcertante”), agente frequentativo (“repetente”), agente profissional (“comerciante”), agente instrumental (“trinchante”) e agente químico (“desinfetante”). Logo após, observaremos construções X-NTE e X-DOR em que “X” é uma base idêntica e, finalmente, procederemos a uma nova discussão a respeito de separar RFPs distintas para os diferentes agentes.

Em 7, temos o segundo capítulo do objetivo maior. Os passos de II a VI são empregados, agora, em formações X-NTE. A mesma divisão encontrada no capítulo 5 será feita no 7.

No capítulo 8, apresentaremos um sumário das principais conclusões desta Tese, seja da parte formal, seja da histórica. No final, exibiremos uma linha temporal que marca a associação de significados aos formativos deverbais em enfoque.

Passemos, então, ao capítulo 2, que se centra nas questões teóricas.

As perspectivas de análise desta Tese, conforme anunciado no capítulo anterior, passam pela Morfologia Derivacional de cunho gerativo – com centro nos trabalhos de Aronoff (1976) e Basílio (1980) – e pela Morfologia Diacrônica, tal como apresentada em Joseph (1998). Nas seções seguintes, mostraremos o percurso histórico da primeira e uma síntese do trabalho do autor da segunda.

2.1 Percurso histórico da Morfologia Derivacional

Nos capítulos 4 e 6, procederemos a uma descrição formal de respectivamente X-DOR e X-NTE. Como já comentamos, isso é de fundamental importância para os capítulos centrais (5 e 7), pois é a partir dos grupos de acepções existentes no presente que teremos base para pensar no caminho histórico trilhado pelos sufixos desde a época latina. Torna-se essencial entendermos os conceitos de RFP (Regras de Formação de Palavras) e RAE (Regra de Análise de Estruturas), intimamente ligados ao fato de um grupo ser ou não produtivo. Esses conceitos são pertinentes a Basílio (1980). O estabelecimento desses pontos pela autora, no

entanto, foi resultado do próprio percurso histórico da Morfologia Derivacional. Com isso, examinaremos autores como Halle (1973), cujo trabalho foi produto das novas idéias do *Remarks*, de Chomsky (1970); Jackendoff (1975); e Aronoff (1976). Dos autores anteriores a Basílio, Aronoff merece destaque maior. Citaremos os outros autores apenas de maneira superficial.

2.1.1 Aronoff (1976)

No período que compreende 1957— publicação do *Syntactic Structures*, por Chomsky — a 1970 — publicação do *Remarks on Nominalization*, pelo mesmo autor —, a pesquisa morfológica, dentro da Teoria Gerativa, teve papel secundário. O foco estava direcionado para a sintaxe. Durante esse tempo, denominado “transformacionalista”, a morfologia não era tratada como uma parte autônoma da gramática. A formação das palavras estaria inserida nas regras transformacionais da sentença. Com a publicação do *Remarks*, Chomsky acena com a possibilidade de incluirmos a nominalização no escopo lexical e não mais no âmbito sintático. Dessa forma, esse artigo estimula o desenvolvimento das primeiras descrições morfológicas referentes à Teoria Gerativa. O *Prolegomena to a Theory of Word-formation*, de Halle, em 1973, traz um dos primeiros modelos de gramática gerativa em que o léxico aparece ao lado da sintaxe e da fonologia. Apesar do vanguardismo, o modelo de Halle suscita algumas questões de ordem crítica. Primeiramente, não possui um componente semântico. Além disso, torna-se ineficiente pela redundância ocasionada pelos “primitivos morfológicos” (palavras e afixos, por exemplo) em vários componentes do modelo, como a lista e as RFPs.

Em 1975 e 1976, surgem os trabalhos de respectivamente Jackendoff e Aronoff, insuflados pelo ressurgimento da morfologia no quadro gerativo. Aronoff (1976) é de crucial importância para os estudos morfológicos. Com os conceitos de produtividade e bloqueio, o autor consegue justificar as restrições à classe potencial de palavras da língua, o que não acontecia no trabalho de Halle na proposição do filtro e do traço [-inserção lexical], os quais não obedeciam a nenhum critério¹.

As RFPs propostas por Aronoff possuem uma diferença central em relação as de Halle (1973): a presença de um *input*, o que dá às regras um caráter mais ativo. Assim, a RFP pode ser formalizada desta maneira:

$$[X]_a \rightarrow [[X]_a \ Y]_b$$

A produtividade, no trabalho do autor, está ligada a dois fatores: coerência e inalterabilidade do radical. Uma vez preservados esses parâmetros, a regra tende a ser capaz de formar novos itens lexicais na língua. Aronoff trabalha o conceito, confrontando, sobretudo, o potencial de regras concorrentes. Quanto maior a coerência (baixa ocorrência de desvios semânticos) e maior inalterabilidade do radical, mais produtiva será a regra. Em contrapartida, o contrário será indício de baixa produtividade. Exemplo emblemático é a relação entre as regras que formam substantivos deadjetivais e os sufixos ingleses –NESS e –ITY. Os vocábulos X-

¹ Simplificadamente, o modelo de Hale é o seguinte: há um componente morfológico, que contém lista, RFPs e filtro, e um dicionário. A lista, como já foi aventado, possui os primitivos morfológicos, que serão usados nas RFPs para formar o conjunto possível de palavras da língua. O filtro atribuirá o traço [-inserção lexical] a todas as palavras agramaticais e/ou inaceitáveis. Os vocábulos que não recebem esse traço têm acesso ao dicionário. A palavra “pianista”, por exemplo, não recebe o traço e vai para o dicionário. O mesmo não ocorreria com “*pianeiro”, que, sendo inaceitável, ficaria retida no filtro.

NESS (“fabulousness”, “dubiousness”) são mais coerentes que os X-ITY (“curiosity”, “notoriety”), uma vez que cumprem exatamente o significado previsto na especificação semântica da regra. Há ainda constante alteração do radical provocada por esse último sufixo. A base “fabulous” serve de *input* tanto para –NESS quanto para –ITY, gerando os *outputs* “fabulousness” (inalterabilidade do radical) e “fabulosity” (alteração do radical).

Outro fator que interfere diretamente na produtividade é o bloqueio. Ele atua como agente inibidor da aplicação de uma regra e foi definido pelo autor como “a não ocorrência de uma forma em virtude da existência de outra” (Aronoff, 1976:43). No modelo de Halle, como visto, o filtro atribui o traço [-inserção lexical] a itens como “*denteiro” e “*paisageiro”. De acordo com Aronoff, a impossibilidade de realização dessas formas se deve a existência dos vocábulos “dentista” e “paisagista”.

Em Aronoff (1976), no entanto, percebemos a existência de pontos verdadeiramente controversos: as Hipóteses de Base Palavra e Base Unitária (BU), o Produto Categorial Único (PCU) e as Regras de Truncamento (RT). Com exceção do PCU, que comentaremos mais adiante, no capítulo 4, veremos agora esses problemas.

Ao contrário do modelo de Halle, cuja morfologia é baseada em morfemas, a teoria de Aronoff pressupõe que palavras são formadas de palavras. Entretanto, ao observarmos o grupo de itens lexicais abaixo, vemos que tal hipótese não se sustenta:

Marceneiro, pedreiro, serralheiro.

As regras envolvidas na produção dos vocábulos acima têm como base radicais presos e não, palavras. Aronoff, com o intuito de solucionar a questão, formula as RTs a fim de preservar a Hipótese. Essas RTs apresentam o seguinte aspecto formal:

$$[[\text{raiz} + \text{A}]_x \text{B}]_y \Rightarrow 1 \ 0 \ 3$$

1 2 3

Os elementos “raiz”, “A” e “B” são identificados por 1, 2 e 3. Após a RT, o elemento A, identificado por 2, passa a 0, o que simboliza sua supressão. Dessa forma, uma palavra como “marceneiro” passaria pelo seguinte processo:

$$[[\text{marcen} + \text{aria}]_s \text{eiro}]_s \Rightarrow 1 \ 0 \ 3 \text{ marceneiro (cancelamento de “aria”)}$$

1 2 3

Como afirma Basílio (1980), as RTs são um mecanismo *ad hoc* para sustentar a morfologia baseada em palavras. Além disso, elas são questionáveis. Pensemos em grupos de palavras estruturalmente relacionados, como os vocábulos X-EIRO e X-ARIA (tal como “serralheiro” e “serralheria”). A regra explica a formação de “marceneiro”, mas, em contrapartida, não há como estipular uma regra que dê conta da formação de “marcenaria”, visto que “marceneiro” já foi considerada como produto, não podendo, portanto, ser também uma entrada. Exemplo clássico é o das palavras “agression”, “agressive” e “agressor”. “Agressive” e “agressor” partem da base “agression”, que tem a sequência “-ion” cancelada pela RT. No entanto, não

teríamos como explicar a formação de “agression”, que também necessitaria do mecanismo.

No português, temos também X-ISTA e X-ICO, que mantêm relação estreita.

Vejamos alguns pares:

X-ISTA	X-ICO
Morfologista	Morfológico
Oftalmologista	Oftalmológico
Filologista	Filológico
Ginecologista	Ginecológico

Poderíamos propor uma RT a partir das palavras X-ISTA. Assim, esse sufixo seria suprimido, havendo posteriormente a adição de –ICO. Com essa perspectiva de análise, no entanto, não daríamos conta da formação das construções X-ISTA. Se partíssemos do pressuposto de que as formas X-ICO são a base, perceberíamos o mesmo problema. Outro contra-argumento às RTs é o que podemos depreender dos dados abaixo:

X-ISTA	X-ICO
Expressionista	*Expressiônico
*Malefista	Maléfico

Se a base de um vocábulo X-ISTA fosse uma palavra X-ICO, não teríamos como explicar a formação da palavra “expressionista”, que não possui um X-ICO

correspondente. No sentido oposto, não haveria possibilidade de entendermos o processo de formação de “maléfico”, uma vez que não percebemos um X-ISTA relacionado.

Observemos agora a questão da Base Unitária. De acordo com Aronoff, a base de uma regra deve apresentar uma única especificação categorial. A seguir, apresentamos algumas palavras com a estrutura X-ISMO:

Comunismo, nacionalismo, interacionismo, grevismo.

As bases dessas palavras são adjetivas (“comum” e “nacional”) e substantivas (“interação” e “greve”). Se levarmos às últimas consequências a hipótese da base unitária, teremos de admitir duas regras para o grupo: uma com base adjetival e outra com base substantiva, o que se revela incoerente.

$$[X]_{\text{adj}} \rightarrow [[X]_{\text{adj}} \text{ ISMO}]_{\text{s}}$$

“que se baseia em X”

$$[X]_{\text{s}} \rightarrow [[X]_{\text{s}} \text{ ISMO}]_{\text{s}}$$

“que se baseia em X”

Vejamos, a seguir, como Basílio pensou a questão no início da década de 80.

2.1.2 Basílio (1980) e (1981)

O modelo de Basílio (1980) baseia-se em duas coordenadas. A primeira se refere ao fato de regras de formação de palavras e regras de análise estrutural não comportarem todos os fenômenos que uma teoria do léxico deve abranger. A segunda é que a capacidade de o falante formar novos itens lexicais não deve ser identificada à capacidade de analisar a estrutura interna desses itens, embora haja realmente uma relação.

No que tange à primeira coordenada, Basílio afirma que a competência lexical deve abarcar:

- I. Lista de entradas lexicais;**
- II. Conhecimento da estrutura interna dos itens;**
- III. Relação entre esses itens;**
- IV. Formação de novas entradas;**
- V. Rejeição a determinados itens.**

Isso demonstra que regras de formação de palavras e regras de análise estrutural, que ainda não estavam presentes no modelo aronoffiano, não dão conta de todos os fenômenos que devem ser descritos por uma teoria lexical. O item III, por exemplo, alude a frequentes restrições que ocorrem mesmo em regras produtivas, que, como visto, formam novos vocábulos na língua. É fato que, como demonstrado em Marinho (2004), a regra mostrada abaixo é produtiva:

$[X]_s \rightarrow [[X]_s \text{ eiro}]_{s \text{ Ag.}}$
 “profissional de X”

Assim, bases como “sorvete”, “verdura” e “barco” se encaixam perfeitamente na RFP acima. Entretanto, isso não ocorreria com a base “dente”, já que o produto “denteiro” seria bloqueado pela RFP a seguir, que forma itens como “cartunista”, “desenhista” e “pianista”:

[X]_s → [[X]_s ista]_s Ag.
“profissional de X”

O mesmo ocorreria com a regra de nominalização por meio de –ÇÃO. Ela é indiscutivelmente produtiva no português. No entanto, a forma “*desmatação” é vetada em virtude da existência de “desmatamento”.

Em relação à segunda coordenada, o desvincilhamento entre RFP e RAE resolve um problema encontrado em Aronoff. O modelo de Basílio, que traz a noção de RAE, soluciona um problema encontrado no trabalho do autor, cujo modelo não permite explicar o fato de o falante reconhecer a estrutura interna de palavras que não pertencem a uma regra produtiva, uma vez que somente regras produtivas eram vinculadas a regras de redundância. Seguindo o postulado de Aronoff, o falante do português não daria conta da estrutura interna de um vocábulo como “tornozeleira”, que faz parte de um grupo improdutivo de –EIRA, conforme estudado por Marinho (2004). Porém, sabemos que qualquer falante da língua consegue perceber a estrutura “tornozelo” mais “eira” no item lexical. Desvinculando RFP de RAE, Basílio resolve essa questão. A análise de estrutura interna agora é algo diferente da formação de novas palavras. RFPs são intrínsecas à capacidade de formar novos

itens lexicais e possuem uma contraparte de análise estrutural. Nem todo reconhecimento de estrutura, entretanto, favorece a formação de novas palavras, como ocorre em “tornozeleira”. Dessa forma, as RAEs não possuem sempre uma RFP como contraparte. Formalmente, RFPs possuem representação semelhante àquela vista em Aronoff:

RFP: $[X]_{(a)} \rightarrow [[X]_{(a)} Y]_b$

RAE: $[[X]_{(a)} Y]_b$

Uma RFP como $[X]_{adj} \rightarrow [[X]_{adj} \text{ IDADE}]_s$ deve ser entendida da seguinte maneira: podemos formar substantivos em português por meio da adição do sufixo “-IDADE” a bases adjetivas². A RAE correspondente, $[[X]_{adj} \text{ IDADE}]_s$, informa que analisamos nomes em -IDADE, do português, como sendo formados pelo acréscimo desse sufixo a bases adjetivas.

Basílio ainda trabalha a questão dos tipos de bases sobre as quais RFPs podem operar. Vimos que Aronoff estipula que palavras são formadas de palavras, servindo-se de um mecanismo *ad hoc* para sustentar sua teoria, as Regras de Truncamento. Para Basílio, as RFPs podem operar sobre formas livres, como Aronoff, e sobre formas presas. Sobre essa última possibilidade, vale a pena relatar o raciocínio utilizado pela autora para mostrar que em algumas regras não temos outra possibilidade senão admitir o radical preso. Vejamos a tabela:

² Exemplos: infantil/infantilidade, familiar/familiaridade, fácil/facilidade, frágil/fragilidade e maior/maioridade.

X-ia	X-ico
Euforia	Eufórico
Economia	Econômico
Nostalgia	Nostálgico
Afasia	Afásico
História	Histórico

Em relação às formações X-ICO, temos duas possibilidades³: ou admitir que a base da regra é o substantivo X-IA, ou admitir o radical preso. A autora se serve de um argumento principal para a inadmissão da primeira hipótese. Se as palavras X-IA forem a base das formações X-ICO, teríamos de formular uma regra para dar conta do fato de que, em formações X-ICO, o acento avança da penúltima (X-IA) para a antepenúltima vogal.

Operações sobre radicais presos requerem um tipo de relação paradigmática que pode claramente ser observada no próximo exemplo em destaque. Uma RFP operaria sobre radicais presos se os seus vocábulos resultantes mantivessem uma relação em que sua existência pressupõe a existência de uma outra palavra. Em termos formais, esse relacionamento pode ser assim esquematizado:

$$[Xy]_A \leftrightarrow [Xw]_B$$

“Xy” e “Xw” são formas morfológicamente complexas criadas a partir de diferentes sufixos, em que uma presume a existência da outra. Conforme dito, esse tipo de regra é importante para dar conta do fato de que muitas entradas lexicais

³ O mesmo ocorre para o raciocínio a partir das formas X-ia.

pressupõem a existência de uma outra, como ocorre com as formas X-IA (“euforia”) e X-ICO (“eufórico”).

Basílio (1981) já traz nova postura em relação a casos como o PCU. Mais à frente, como já mencionado, trataremos dessa questão. Para entender o conteúdo desse texto da autora, basta ter em mente a ideia do PCU: o produto de uma regra não pode gerar item com flutuação categorial. Um *output* pode ser somente verbo, ou somente substantivo e assim por diante.

A solução de Basílio passa pela visão de processos lexicais em níveis diferentes:

- I. o nível da formação de palavras;**
- II. o nível de variações de sentido e categoria.**

Claramente, as RFPs estão inseridas no primeiro nível. Variações no sentido da palavra e a possibilidade de emprego do vocábulo com mais de uma especificação categorial aparecem no segundo nível⁴. Logo, a dupla marcação não apareceria na regra, sendo, pois, uma atribuição sintática e não morfológica. À RFP adicionaríamos uma Regra de Extensão de Categoria (originada no componente sintático) para dar conta da variação categorial. Nos termos de Basílio, uma RFP com dupla marcação de categoria confere grande poder à teoria lexical.

⁴ No que se refere às variações de sentido: as RFPs, por si, não poderiam dar conta, por exemplo, do fato de que “espadaúdo” e “carnudo” não apresentam a mesma conotação pejorativa de “narigudo” e “barrigudo”. Esses fenômenos seriam tratados no nível semântico, em que atuaria uma Regra de Extensão de Sentido.

Como já dissemos, nosso foco nesta Tese é a pesquisa diacrônica. Assim como a morfologia no período pré-*Remarks*, os estudos diacrônicos estavam em ocaso. Porém, o trabalho de Joseph (1998), que descreveremos na próxima seção, reacende o interesse pela área.

2.2 Morfologia Diacrônica: Joseph (1998)

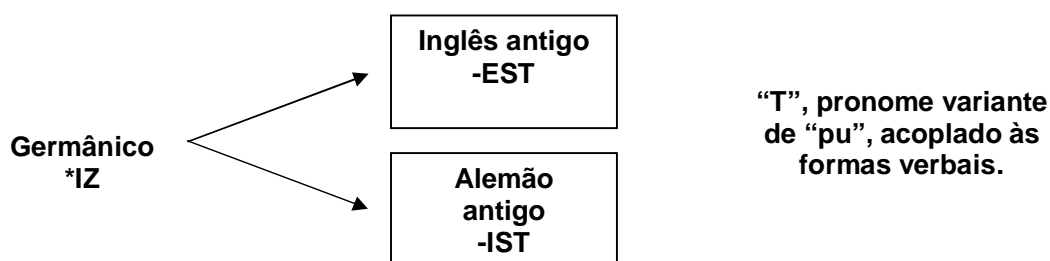
Situado no **Handbook of Morphology**, organizado por Spencer e Zwicky (1998), o texto de Joseph (1998) traz uma perspectiva diferente da dos outros autores do Manual: a diacrônica. Ao longo do capítulo, o autor busca responder a algumas questões, que constituem os subtítulos:

- I. O que pode mudar no componente morfológico?
- II. Que aspectos da morfologia são estáveis?
- III. De onde vem a morfologia?
- IV. O que desencadeia a mudança na morfologia?
- V. É possível uma teoria geral da mudança morfológica?

As perguntas I e II são unidas, formando uma única seção. Ao lado da questão IV, é a que mais nos interessa por manter relação direta com os problemas explorados ao longo do nosso trabalho.

Para o autor, a mudança morfológica pode atingir categorias da morfologia flexional, como pessoa, número, gênero, concordância e caso. Radicais podem ser modificados. No que se refere ao aspecto derivacional, o grau de produtividade de uma regra pode apresentar alteração no decorrer da história de uma língua. Ainda

passível de mudança é a relação entre elementos morfológicos. O número e a natureza dos morfemas e entradas lexicais podem sofrer alteração. Ao longo do tempo, também é possível vermos mudança no *status* morfológico de palavras e partículas, ou seja, conversão desses elementos para clíticos ou prefixos, por exemplo. Para este último caso, é citado um aspecto do germânico. No protogermânico, a terminação caracterizadora da segunda pessoa do singular de formas verbais ativas era “*-IZ”, porém, tanto em inglês quanto em alemão antigos, observávamos a presença de um “-T” final: “-EST” (inglês) e “-IST” (alemão). Tal segmento se originou de uma variante do pronome de segunda pessoa “-pu”, que, enclítico e diante de sons sibilantes, passava a “-T”.



Na história da língua portuguesa, também podemos apontar casos de mudança como os que são citados em Joseph (1998). Exemplo emblemático é o sistema de preposições. Essa classe de palavras, em grande parte, se perdeu no percurso latim-português, ocasionando, como diz Câmara Jr. (1979), “um empobrecimento quanto às formas concretas que constituem esse tipo de partículas”.

Dessa forma, muitas preposições sobreviveram em nossa língua somente com a função de prefixos. “AD”, “EX” e “TRANS” possuíam *status* duplo em latim. Funcionavam como preposição e prefixo, mas, como se pode presumir, passaram à

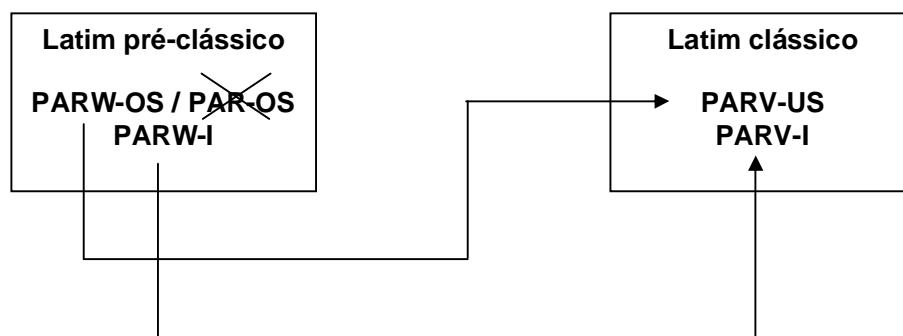
nossa língua apenas como prefixo. Isso, portanto, está de acordo com o que diz Joseph (1998): o *status* morfológico está no rol de mudanças possíveis dentro da morfologia.

A compreensão plena da mudança morfológica, entretanto, passa pelo entendimento da influência oriunda de outros componentes da gramática na morfologia, a saber: a sintaxe e a fonologia. Joseph (1998) demonstra como a formação do futuro em grego é reflexo da influência da sintaxe na morfologia. Verificando diferentes estágios dessa língua, notamos, em um primeiro momento, no grego antigo, que tal tempo era materializado morfológicamente (futuro sintético). “Escreverei”, por exemplo, era “GRÁPSŌ”, em que “-Ō” é a marca morfológica. No período pós-clássico, já existia uma forma perifrástica, com auxiliar “TER” ou “QUERER” mais verbo. Assim, por exemplo: “THÉLŌ GRÁPSEIN”, cujo significado é “eu quero escrever”. Vale dizer, ainda, que essas partes mantêm independência, visto que podem ser invertidas ou separadas por advérbio. Por fim, no grego moderno, vemos uma forma, por assim dizer, mista. Volta a forma sintética, agora com um primeiro segmento “Υ-” e um “-O” não longo no final: “ΥRÁPSO”. Todavia, é adjungido por um marcador prefixal “ΘΑ”, inseparável da forma verbal. Portanto, “escreverei” corresponde hoje a “ΘΑ ΥRÁPSO”. Abaixo, a linha ilustrativa da mudança apresentada:

Grego Antigo	Grego pós-clássico	Grego moderno
-----	-----	-----
GRÁPSŌ	THÉLŌ GRÁPSEIN	ΘΑ ΥRÁPSO
“Escreverei”	“Quero escrever”	“Escreverei”

Igualmente relevante é a reflexão sobre o que não pode mudar em uma língua. Princípios bem-estabelecidos da teoria morfológica, como a integridade lexical e o ordenamento disjuntivo das regras morfológicas em competição, não são passíveis de mudança.

E o gatilho das mudanças morfológicas? Causas internas e externas explicam a evolução das línguas. Estas últimas dizem respeito a questões de contato, que podem ser mais bem explicadas pela Sociolinguística. No que diz respeito às pressões internas do sistema, o autor se apropria do latim para mostrar um exemplo. Em um estágio mais antigo de nossa protolíngua, o adjetivo “pequeno” apresentava nominativo e genitivo singulares, respectivamente, por meio de “PARW-OS” e “PARW-I”. Em paralelo, havia uma alomorfia paradigmática cuja correspondência, também respectiva, era: “PAR-OS” e “PARW-I”. A variante do nominativo era resultado da eliminação de “-W-” antecedendo vogal arredondada. Em latim clássico, porém, ficaram as formas “PARVUS” e “PARVI”. Logo, a pressão paradigmática forçou o fim da variante que subtraía o “-W-”.



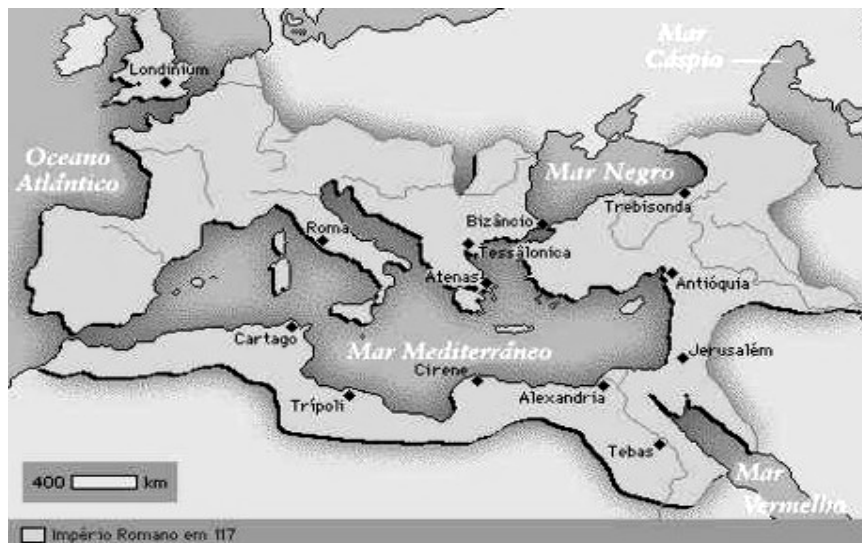
Concluindo o capítulo, Joseph (1998) ressalta que, embora imprevisíveis, a observação do percurso histórico das línguas nos oferece visão global das mudanças morfológicas que podem ocorrer nos idiomas do mundo. Segundo o autor, é possível afirmar que boa parte (talvez a maioria) das mudanças encontradas nas línguas passe pela morfologia. Mudanças comumente atribuídas à sintaxe, como as de concordância, envolvem morfologia.

Ao analisarmos, nos capítulos 5 e 7, os caminhos evolutivos de –DOR e –NTE, estabeleceremos os laços com as ideias contidas em Joseph (1998). No próximo capítulo, traremos alguns conhecimentos básicos que envolvem a língua latina para que haja compreensão plena do que será exposto nesta Tese.

Algumas questões acerca do latim

Antes de entrarmos nos capítulos sobre –DOR e –NTE, faz-se necessário realizar alguns comentários a respeito de questões pertinentes ao latim. Os conceitos de România; de latim vulgar e literário; as fontes da modalidade falada; e as origens popular, erudita e semierudita são pontos que aparecerão com frequência ao longo da Tese. Em função disso, devem ser esclarecidos. Começemos pelo conceito de România.

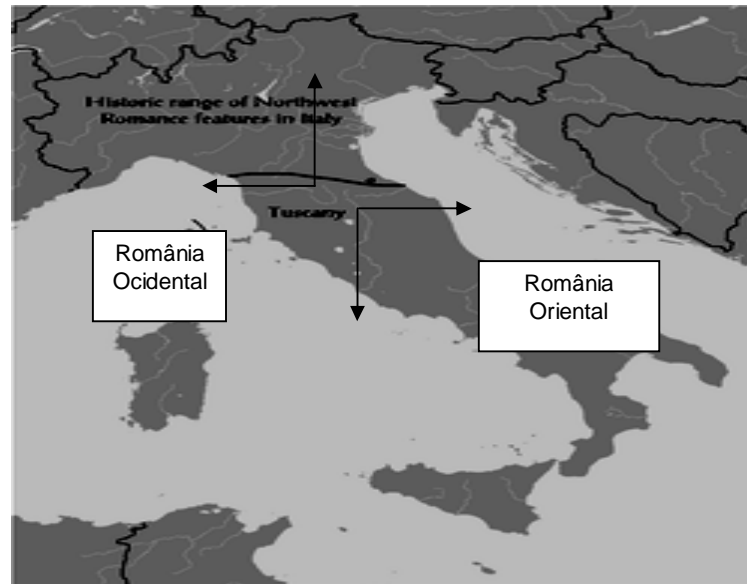
3.1 România



România equivale ao Império Romano: Roma e todas as regiões conquistadas (ver mapa acima). Opõe-se à **Barbária**, que são os locais situados além das fronteiras do Império. Do conceito de România, derivam outros, expostos a seguir.

Outro confronto conceitual que se estabelece é a oposição **România Atual** e **România Perdida**. A primeira diz respeito a todas as regiões do mundo onde se fala língua neolatina. A América do Sul, por exemplo, não fez parte do Império Romano, mas está inserida na România Atual, pois extensa maioria de seus habitantes fala português ou espanhol. Por outro lado, a parte do Império que não conservou a tradição linguística latina é a România Perdida. É o caso da Grã-Bretanha, que fala inglês, língua derivada do tronco germânico.

Importante diferenciar também **România Ocidental** de **România Oriental**. São duas regiões dialetais distintas no Império Romano. A divisão é feita por meio da Isoglossa Spezia-Rimini, uma linha imaginária entre as duas cidades italianas que a nomeiam. Tudo que se situa a norte e a oeste da isoglossa pertence à România Ocidental. A área da România Oriental corresponde, portanto, ao que está a sul e a leste da linha. Assim, português, galego, espanhol, catalão, francês, franco-provençal, rético e línguas do norte da Itália pertencem à România Ocidental. Em contraste, romeno, dalmático e línguas do centro e do sul da Itália (incluindo o toscano, que é o italiano propriamente dito) fazem parte da România Oriental. Abaixo, o mapa italiano com a isoglossa em evidência:



Dentro de cada região, houve um conjunto de mudanças bem regular. O caso emblemático é o das consoantes surdas intervocálicas. Nas línguas da românia oriental, tivemos a conservação e, na România Ocidental, ocorreu a sonorização. Por exemplo: “CAPU” (latim) derivou “CAPO” e “CAP” em respectivamente italiano e romeno, línguas da România Oriental. Já em português e espanhol, ambas da România Ocidental, originou “CABO”, com /p/ se convertendo a /b/. Passemos, agora, ao conceito de latim vulgar.

3.2 Conceito de latim vulgar

É comum a ideia de que o latim vulgar se restringiu ao falar dos iletrados do Império Romano. Entretanto, o exame cuidadoso dos textos de alguns famosos romanistas mostra que esse pensamento é, de fato, equivocado.

Mello (1951) opõe língua viva à língua presente nas obras de grandes escritores romanos, identificando a primeira ao chamado latim vulgar:

Cumpra também ressaltar que esse latim de que as línguas românicas são continuações históricas tem um aspecto bastante diverso daquela língua polida e requintada, que se deveria aprender nos ginásios e colégios, aquela língua de Cícero, Virgílio, Horácio, Catulo, etc. O latim ponto de partida dos idiomas românicos é o latim vulgar, ou, por melhor nome, o latim coloquial, isto é, a língua viva entre o povo romano e povos romanizados, língua instrumento de comunicação diária, com finalidades práticas e imediatas. (MELLO, 1951, p. 99-100).

É notório no fragmento que o autor se preocupa em associar o latim vulgar à modalidade falada, o que é expresso no momento em que ele afirma ser o latim vulgar a “língua viva”. Notemos, ainda, que o latim vulgar é atribuído aos povos romano e romanizado, isto é, à totalidade dos habitantes do Império. Não é relacionado, portanto, ao fato de o cidadão ser ou não culto/ letrado.

Cunha (1975) também traz ideias semelhantes:

Tal diferença era já sentida pelos romanos, que opunham ao conservador latim literário ou clássico (*sermo literarius*) o inovador latim vulgar (*sermo vulgaris*), compreendidas nestas denominações as inúmeras variedades da língua falada, que vão do colóquio polido às linguagens profissionais, e até as gírias (*sermo quotidianus, urbanus, plebeius, rusticus, ruralis, pedestris, castrensis*, etc.). (CUNHA, 1975, p. 12-13).

A “tal diferença” citada no fragmento é a distância entre o latim corrente, a que Mello (1951) se referiu como “língua viva”, e o latim literário, escrito. Cunha

(1975), além disso, reforça algo que também é discutido em Mello (1951). O latim vulgar, assim como toda língua, apresenta variação e as variedades são nomeadas pelas expressões latinas iniciadas por “*sermo*”⁵, que aparecem no trecho mostrado.

Auerbach (1972) também faz a oposição entre latim literário e vulgar, sublinhando que a origem das línguas românicas está neste último. Da mesma forma que Mello (1951), vê no *sermo vulgaris* a língua falada corrente. O autor aprofunda, no fragmento exposto a seguir, o fato de o latim vulgar ser a língua falada durante toda a época latina por todo o Império:

Da exposição que acabamos de fazer acerca da diferenciação local e temporal do latim vulgar, verifica-se que ele não é uma língua, mas antes uma concepção que compreende os falares mais diversos. Um camponês romano do século III a.C. falava de maneira muito diferente da de um camponês gaulês do século III d.C. e, não obstante, ambos falavam latim vulgar. (AUERBACH, 1972, p.48).

Lausberg (1974) defende, em consonância com tudo o que foi dito pelos autores antes mostrados, que as pessoas cultas não falavam latim literário:

Também a fala cotidiana das pessoas cultas não alcançou o nível gramatical e retórico da língua literária. Assim encontra-se abaixo da língua escrita uma variedade de fala mais ou menos vulgares. (LAUSBERG, 1974, 48-49).

⁵ De acordo com Saraiva (2006), do latim *sermo*, -onis: modo de expressão, linguagem.

E Câmara Jr. (1979) endossa Lausberg (1974):

No intercâmbio diário, mesmo por parte dos patrícios, funcionava um latim que era mais propriamente vulgar do que clássico. Acresce que as conquistas, no âmbito político, social e econômico, por parte dos plebeus, através de uma prolongada luta de classes, concorreram para diluir a diferenciação linguística no uso falado: os patrícios foram aceitando melhor o uso plebeu, e os plebeus foram procurando amoldar-se melhor ao uso elegante. Entretanto, na língua escrita cuidada e na língua literária, a disciplina gramatical se enrijecia e mais se firmava um ideal de latim clássico como língua “fixada” e estática. (CÂMARA Jr, 1979, p. 20).

Portanto, o latim literário era, na verdade, o ideal linguístico, expressão da língua latina que aparecia na literatura de grandes autores, como Cícero ou Virgílio. Seria a língua gramatical, que, com efeito, não é falada por ninguém. A realidade linguística é a fala, com suas variações diatópicas, diastráticas e, até mesmo, diafásicas. Essa realidade linguística pode ser observada no seguinte quadro⁶:

MODALIDADES	VARIEDADES		
	Diatópica	Diastrática	Diafásica
<i>Sermo literarius</i>	--	--	Todos os registros
<i>Sermo vulgaris (latim vulgar)</i>	<i>Sermo urbanus</i>	<i>Sermo urbanus</i> <i>Sermo plebeius</i>	Todos os registros
	<i>Sermo provincialis</i>	<i>Sermo urbanus</i> <i>Sermo plebeius</i>	Todos os registros
	<i>Sermo rusticus</i>	<i>Sermo plebeius</i>	Todos os registros

⁶ Apresentado em Andrade (199-?), mas com reformulações.

O quadro acima reúne as ideias dos autores citados e está de acordo com o que se observa nas línguas do mundo. Temos as modalidades escrita e falada. Ambas podem ser realizadas em todos os registros linguísticos. A escrita, *sermo literarius*, por ser um ideal, obviamente não possui variedades em nível diatópico ou diastrático. No *sermo vulgaris*, latim vulgar, ocorre o contrário, uma vez que a variação é inerente a essa modalidade. Na esfera diatópica, o *sermo urbanus* representa o centro do Império. Já o *sermo provincialis*, como o nome sugere, se refere às províncias, espaços distantes de Roma. Por fim, o *sermo rusticus* reproduz a fala do interior, tanto de Roma, quanto das províncias. Diastraticamente, vemos uma divisão bipartida em *sermo urbanus* e *sermo plebeius*, que aludem respectivamente aos falares mais e menos culto. O interior, habitado por muitos camponeses e pessoas iletradas, apresentava somente o *sermo plebeius*.

Dessa forma, o habitante culto de Roma, como Cícero, não falava latim literário. Sua língua, na verdade, era o latim vulgar (*sermo vulgaris*), *urbanus* (geograficamente) e *urbanus* (socialmente). Um plebeu romano falava latim vulgar *urbanus* (geograficamente) e *plebeius* (socialmente). Um cidadão culto do norte da África, Santo Agostinho por exemplo, falava latim vulgar *provincialis* (geograficamente) e *urbanus* (socialmente).

Logo, o latim vulgar foi a modalidade falada de nossa protolíngua, realizada por todas as pessoas (de qualquer classe social) do vasto Império Romano em todas as épocas da latinidade.

3.3 O latim literário

Já vimos que o latim literário corresponde à modalidade escrita. Abaixo, temos um quadro, apresentado em Faria (1970), que representa a periodização da escrita latina. Em cada estágio da língua, vemos o período, características e escritores.

ESTÁGIOS DO LATIM	CARACTERÍSTICA	ESCRITORES
Pré-histórico XI a.C. a VII a.C.	Sem documentação.	--
Proto-histórico VII a.C. a 240 a.C.	Marca o surgimento do primeiro documento: a Fíbula de Preneste (séc. VII a.C.). Outros documentos: Lei das Doze Tábuas (séc. V a.C.: origem do Direito Romano) e Scipionum Elogia (séc. III a.C.: inscrições funerárias).	--
Arcaico 240 a.C. a 81 a.C.	Aparecem os primeiros textos literários, porém a linguagem não é tão rebuscada quanto a do período clássico. Alguns poemas gregos foram traduzidos do latim.	Lívio Andrônico, Ênio, Névio, Lucílio, Plauto, Terêncio e Catão.
Clássico 81 a.C. a 17 d.C.	Período de perfeição na prosa e na poesia.	Cícero, César, Salústio, Lucrecio, Catulo, Virgílio, Horácio, Ovídio, Tito Lívio e C. Galo.
Pós-clássico 17 d.C. a V d.C.	Existem ainda grandes obras literárias, mas sem a pureza nem a perfeição clássica. Muitos escritores não são originários da Itália.	Fedro, Sêneca, Lucano, Marcial, Juvenal, Tácito, Plínio (o Jovem e o Velho), Quintiliano e Petrónio.

Outro ponto que pode gerar confusão é denominar o latim escrito de clássico, como vimos há pouco na transcrição de Câmara Jr. (1979). Observando o quadro acima, devemos entender que essa atitude é uma espécie de recurso metonímico: a parte “glamourosa” (período da língua) pelo todo (latim literário). Sendo assim, é necessário reforçar que **o latim literário é a modalidade escrita, ao passo que o**

latim clássico é um período do latim literário que se estendeu de 81 a.C. até 17 d.C. e que marcou a fase de perfeição na prosa e na poesia.

3.4 Fontes do latim vulgar

Em uma pesquisa histórica na língua portuguesa, é natural que recorramos ao latim vulgar, sobretudo quando procuramos reconstituir os significados que determinadas construções vão adquirindo ao longo do tempo. É de conhecimento de todos que essas fontes são precárias e escassas. Existem basicamente dois tipos: as inscrições e as línguas românicas.

Temos vários tipos de **inscrições**. As **oficiais**, além das gramáticas, são o *Appendix Probi*, a Glosa de Reichenau e a Glosa de Kassel. A mais relevante é a primeira. O *Appendix*, de um suposto Probo, é constituído de 227 verbetes. Com um carácter normativo, confronta uma forma corrente, falada (latim vulgar), a uma outra, considerada correta (latim literário). O formato é “X não Y”. Por exemplo, “ANSA non ASA”, em que fica claro que “ASA” era a forma típica da fala.

As **fórmulas** são outro tipo de inscrição, mais especificamente as funerárias. Um exemplo é este:

HIC CISCVED FAVSTINA FILIA FAVSTINI PATER QVE SATIS GRANDE
DOLOREM FECET PARENTEBVS ET LACREMAS CIBITAT.

Aqui repousa Faustina, filha de Faustino pai, que causou muito grande dor a seus pais e lágrimas aos cidadãos.

Existiam ainda inscrições cunhadas em tabuletas execratórias. Pertencem ao tipo **espontâneas** e visavam rogar praga em alguém. Abaixo, segue o exemplo:

QVI MIHI MATELIV INVOLAVIT SIC LIQUAT COMO AQVA ELLA MUTTA NI QVI
EAM SALVAVIT.

Quem minha toalha roubou se liquefaça como água a não ser que a tenha guardado.

Os Grafitos de Pompeia, a literatura técnica (Vitrúvio, *De Architectura*; e *Mulomedicina Chironis*), *Peregrinatio ad loca Sancta* e *Vetus Latina* também são considerados inscrições espontâneas. As comédias, que muitas vezes reproduziam o modo de falar do povo, também são fontes do latim vulgar, porém não se enquadram nos tipos apresentados.

A fonte mais importante são as **línguas românicas**, por meio do **Método Histórico Comparativo**. O Método consiste na comparação de elementos das línguas românicas para que possamos depreender a origem comum, o latim vulgar.

Muitos vocábulos, nas línguas românicas, não coincidem com os latinos de mesmo sentido. Utilizamos a comparação para tentarmos chegar à forma que teria existido no latim vulgar. Miazzi (19-?) cita o caso do português “rédea”, que não pode ter originado do latim “habenae”. Observando as outras línguas românicas, “rienda” (espanhol), “regna” (catalão), “renha” (provençal), “rêne” (francês) e “redina” (italiano), chegamos à “retina”, que se liga a “retinere”.

Da mesma maneira, o latim vulgar empregava o vocábulo “*tripaliare”, preterindo “laborare”, do latim escrito. Português (“trabalhar”), espanhol (“trabajar”),

francês (“travailler”) e italiano (“travagliare”) comprovam isso. O étimo se relaciona com “*trepalium”, um “instrumento de tortura”.

É lícito concluir que tudo o que é comum às línguas românicas tende a pertencer ao latim vulgar. Como estamos diante de uma possibilidade, embora forte, tornam-se necessárias precauções antes de fazermos qualquer afirmação. Ao logo da Tese, veremos alguns casos específicos em que essa ressalva ficará explícita⁷.

3.5 Origens erudita, semierudita e popular

Em momentos oportunos, haverá referência a esses três tipos de origens dos vocábulos. Cabe a nós, então, fazer os devidos esclarecimentos. As palavras do português, em maior parte, possuem origem popular, ou seja, foram herdadas naturalmente do latim vulgar. Itens lexicais eruditos foram resgatados diretamente do latim literário por ocasião da época renascentista, quando existiu uma apropriação dos padrões do período clássico⁸.

“Macula”, do latim, por via popular, originou “mancha” e “malha”. No século XVI, mais especificamente em 1589, temos seu primeiro registro no português, como palavra resgatada, com significado de “marca”, “impureza”.

A origem semierudita, por fim, ocorre quando um vocábulo, após reintroduzido por via erudita, sofre modificações. Exemplo disso é a palavra “porão”. Ela é fruto de modificações posteriores de “plano”, vocábulo que foi resgatado e que, por via popular, gerou “chão”.

⁷ Sobretudo em 5.1.2.3.

⁸ Esses vocábulos foram resgatados com maior profusão no século XVI, embora observemos o fenômeno já no século XIV.

Entremos agora nos capítulos principais da Tese. A seguir, a apresentação dos aspectos formais das construções X-DOR.

Neste capítulo, examinaremos, por um prisma formal, os vocábulos X-DOR. O objetivo será o reconhecimento dessas formações à luz da Morfologia Derivacional, satisfazendo, portanto, ao passo I, mostrado na introdução. No rol de palavras com essa estrutura, quantos grupos de afinidade semântica (significados) estão envolvidos? Todos são produtivos, ou seja, o falante cria novos itens lexicais dentro desses grupos? Ainda nesse ponto, discutiremos a abordagem que Basílio (1980) tece a respeito do formativo, com o intuito de fundamentar nossa análise. Trataremos também do Produto Categorial Único, questão levantada por Aronoff ainda na década de 70. Finalizando essa parte, analisaremos quantas regras estão envolvidas no processo de produção de vocábulos X-DOR. Veremos que o sufixo encerra três tipos de agentes: profissional (“soldador”), frequentativo (“zoador”) e instrumental (“computador”). Mas será que essa similaridade semântica é suficiente para propormos uma RFP única?

Como visto na introdução, é a partir do quadro aqui estabelecido que, no próximo capítulo, traçaremos o percurso histórico de X-DOR. É justamente o

conjunto de significados constante no português atual e a polissemia gerada por eles que motivam esta pesquisa diacrônica.

4.1 Um retrato das formações X-DOR no português brasileiro atual

Com o intuito de explicar o que subjaz aos fenômenos morfológicos e entendermos o funcionamento de nossa competência lexical, começaremos pela delimitação dos grupos de afinidade semântica de –DOR. Além das formações tipicamente adjetivas (“compensador”, por exemplo), descreveremos os três grupos mencionados anteriormente: **agente profissional** (“governador”), **agente frequentativo** (“pichador”) e **agente instrumental** (“alternador”⁹).

4.1.1 Grupos de afinidade semântica

4.1.1.1 Agentes profissionais

Assim como ocorre com o sufixo –EIRO (“ladrilheiro”, por exemplo), –DOR engloba um agente do tipo profissional (“mergulhador”). Dos mais de 3000 (três mil) vocábulos com a estrutura X-DOR presentes no *Houaiss Eletrônico*, muitos permitem parafrasear o sufixo como aquele que trabalha com o que está especificado na base. Temos como *input* uma base verbal e como *output* um substantivo de traço [+concreto]. Isso se torna perceptível nos itens abaixo, em (1).

⁹ Alternador”, conforme Houaiss et al. (2002), refere-se à peça automotiva “que (...) é capaz de fornecer tensão alternada (diz-se de sistema elétrico)”.

(1)

Apresentador, boxeador, caiador, operador, panificador, procurador, recreador, soldador, tratador e vendedor.

Podemos notar, portanto, que os dez vocábulos especificados apresentam base verbal: “apresentar”, “boxear”, “caiar”, “operar”, “panificar”, “procurar”, “recrear”, “soldar”, “tratar” e “vender”. Os *outputs* podem ser substantivos, como explicitaremos em (2), a seguir.

(2)

- I. O **apresentador** daquele programa é aventureiro.
- II. Foi um sucesso a carreira daquele **boxeador**.
- III. Temos de contratar um **caiador** para deixar essa parede mais bonita.
- IV. O **operador** de caixa deu troco errado para o Alexandre.
- V. Todo **panificador** acorda cedo.
- VI. Mais um trabalho foi entregue ao **procurador** da República.
- VII. Precisa-se de um **recreador** infantil.
- VIII. Aquela empresa naval admitiu mais um **soldador**.
- IX. Alimentar os animais é função do **tratador**.
- X. Fomos bem atendidos pelo **vendedor**.

O *site* da *Catho*, ligado ao mercado de trabalho, traz algumas chamadas profissões do futuro. Uma delas é o “**planejador** instrucional”. Embora a palavra em questão não seja propriamente nova, sua associação a esse tipo de atividade o é. Esse profissional terá a incumbência de desenvolver os chamados *e-learning*s, ferramentas eletrônicas de aprendizagem. Será responsável por todo conteúdo e diagramação do novo *software*. É ele quem pesquisará sobre os temas dos *e-learning*s, entrevistará especialistas sobre o assunto, fará a coleta de dados, transformando tudo isso em aprendizagem. Montará a diagramação do curso,

separando-o em módulos e telas, calculando como o usuário vai interagir com o programa.

Em 03/03/2009, Joaquim Ferreira dos Santos, no jornal **O Globo**, apresenta uma nova profissão: o “**chamador**”. O colunista escreve: “Márcio Silva é ‘chamador’ – o cara que convence os clientes a entrar – do restaurante Jerimum, na Feira de São Cristóvão.”

Isso demonstra a produtividade do grupo, isto é, a capacidade de formar novas palavras X-DOR com o significado em exame. Dessa forma, podemos propor inicialmente a RFP (3), com a RAE correspondente em (4):

(3)
RFP: $[X]_v \rightarrow [[X]_v \text{ dor}]_{S \text{ Ag. prof.}}$
“profissional de X”

(4)
RAE: $[[X]_v \text{ dor}]_{S \text{ Ag. prof.}}$
“profissional de X”

Devemos entender, portanto, que formamos substantivos agentivos profissionais em –DOR a partir do acréscimo desse formativo a bases verbais. A RAE, em contrapartida, informa que analisamos esses agentes como soma do sufixo –DOR a uma base verbal.

4.1.1.1.1 Novamente a problemática do Produto Categórico Único (PCU)

O modelo proposto por Aronoff (1976) prevê que o produto de uma RFP deve apresentar categoria única, o que ignora o fato recorrente da flutuação categorial. Em Marinho (2004), estivemos diante dessa questão em sentenças como as apresentadas abaixo.

(5)

- I. O Paulo não passa de um **fofoqueiro**.
- II. Esse menino **fofoqueiro** revelou meu segredo.

Em (5), o mesmo item lexical é marcado categorialmente, de maneira distinta, em I (substantivo) e II (adjetivo). É contraintuitivo admitir que existem no léxico duas regras para dar conta do fenômeno. O mais lúcido seria seguir um destes caminhos, diferentes em termos de formalização: (a) embasando-se em Basílio (1980), abraçar a marcação categorial dupla dentro de uma mesma regra [como em (6)] ou, (b) seguindo Basílio (1981), defender a existência de uma Regra de Extensão de Categoria (doravante REC), que ocorreria em um nível diferente do morfológico: o sintático [exemplo (7)]:

(6)

RFP: $[X]_{s(-concreto)}^{10} \rightarrow [[X]_{s} \text{ eiro}]_{s \text{ e_adj Ag}}$
 “que faz ou pratica X com habitualidade ou eventualidade”

¹⁰ A especificação deste traço foi necessária para haver diferença entre as RFPs dos agentes profissional e frequentativo, uma vez que os primeiros se assentam sobre bases concretas.

- (7) RFP: $[X]_{s(-concreto)} \rightarrow [[X]_s \text{ eiro}]_{s \text{ Ag}}$ (REC no nível sintático)
 “que faz ou pratica X com habitualidade ou eventualidade”

Com base no que foi exposto, examinemos os dados de (8).

- (8)
 I. O Luciano **apresentador** possui um programa na Globo.
 II. Aquele rapaz **boxeador** quer falar com você.

(8) nos mostra que os dados expostos em (2) não permitem apontar uma categoria única para os *outputs* da regra visto que agora são empregados como adjetivos. Sendo assim, a manutenção da RFP em (3) incorreria no mesmo problema trazido por Aronoff (1976) e solucionado por Basílio ainda na década de oitenta. Logo, (3) e (4) deveriam levar em consideração uma REC no nível sintático, como em (9) e (10), respectivamente:

- (9) RFP: $[X]_v \rightarrow [[X]_v \text{ dor}]_{s \text{ Ag. prof.}}$ (REC no nível sintático)
 “profissional de X”

- (10) RAE: $[[X]_v \text{ dor}]_{s \text{ Ag. prof.}}$ (REC no nível sintático)
 “profissional de X”

4.1.1.2 Agentes frequentativos¹¹

Grande parte dos agentes do *corpus* se caracteriza pela habitualidade ou eventualidade. –DOR pode ser lido como aquele que faz com frequência a ação expressa pela base verbal. A produtividade do grupo pode ser comprovada em itens que entraram no léxico recentemente e que expomos em (11), (12) e (13):

(11)

“Compre um Oi e torne-se um **ligador**.”
(Propaganda da Oi veiculada nos principais meios de comunicação em 2007).

(12)

“Cuidado, ainda não saiu da minha cabeça essa história do **sufocador**.”
(Fala do personagem Juvenal Antena, Antônio Fagundes, em Duas Caras, novela da Globo, em 07/03/2008).

(13)

“Eu sou um **boiador**.”
(Propaganda do supermercado Prezunic veiculada nas rádios em abril de 2008).

De acordo com a propaganda transcrita em (11), o indivíduo, ao adquirir um telefone celular da Oi, passaria a fazer ligações com frequência, preterindo a prática de apenas recebê-las. Seria, portanto, um “ligador”. Em (12), “sufocador” faz referência a um personagem misterioso que, com habitualidade, persegue as mulheres, sufocando-as. Já o item “boiador”, em (13), refere-se a um personagem

¹¹ Ao contrário do que fizemos em Marinho (2004), não empregaremos a denominação “agente habitual”. O exame dos dados nos mostra que muitos itens não podem ser caracterizados como aquele que faz o que está expresso pela base com habitualidade. É tênue a fronteira entre a habitualidade e a eventualidade. Uma pessoa pode ser denominada de “sonhadora” porque uma vez na vida teve um sonho bastante utópico ou por sonhar de forma recorrente. Isso também se aplica a outros formativos: o indivíduo pode ser chamado de “fofoqueiro” porque existe nele o hábito de fazer fofocas, porém, da mesma forma, é denominado assim quando, pela primeira vez, pratica essa ação. Portanto, “agente frequentativo” engloba tanto o eventual quanto o habitual (frequência mínima ou repetida).

da citada propaganda que possui o hábito de comer muito, filando todas as “boias” que ele consegue comprar no estabelecimento aludido. A base seria um possível verbo “boiar”. Assim, também estamos diante de um grupo produtivo.

Outros dez dados de agente frequentativo aparecem em (14), a seguir:

(14)

Bebedor, blasfemador, comedor, enganador, malhador, namorador, pegador, torcedor, zoador e zombador.

Como é facilmente perceptível, estamos diante de *inputs* verbais: “beber”, “blasfemar”, “comer”, “enganar”, “malhar”, “namorar”, “pegar”, “torcer”, “zoar” e “zombar”. Os *outputs* podem funcionar como substantivos:

(15)

- I. O **bebedor** do Marcelo sempre fala mais do que deve.
- II. O Rinaldo não passa de um **blasfemador**.
- III. Está todo arrumadinho o **comedor / pegador** de menininhas.
- IV. O **enganador** conquista pelo papo.
- V. Preciso de uma ajuda dos **malhadores**.
- VI. É triste ver minha filha com o **namorador** do Eduardo.
- VII. O sorteio não contemplou todos os **torcedores**.
- VIII. O **zoador / zombador** do Leonardo não perde uma chance de encarnar.

Entretanto, também podem funcionar como adjetivos:

(16)

- I. Que homem **blasfemador**!
- II. Aquele é um rapaz **namorador**!

Portanto, a flutuação observada nos chamados agentes profissionais se repete nos frequentativos e, como visto, exigirá regras com a dupla marcação de categoria ou, conforme adotamos, pressupondo a atuação da REC.

(17)

RFP: $[X]_v \rightarrow [[X]_v \text{ dor}]_{S \text{ Ag. hab.}}$ (REC no nível sintático)

“que pratica X com habitualidade ou eventualidade”

(18)

RAE: $[[X]_v \text{ dor}]_{S \text{ Ag. hab.}}$ (REC no nível sintático)

“que pratica X com habitualidade ou eventualidade”

Assim, (17) informa a possibilidade de formarmos novos itens lexicais substantivos ou adjetivos, com o significado de agente frequentativo, a partir da adição de uma base verbal ao formativo –DOR. Por (18), analisamos a estrutura interna dessas palavras como sendo a soma de *input* verbal ao sufixo em questão.

4.1.1.3 Agentes instrumentais

Nos dados de agentes instrumentais, –DOR pode ser parafraseado como aquilo (máquina, instrumento, utensílio, ferramenta) que executa a ação expressa pela base verbal. Também aqui, estamos diante uma acepção que gerará RFP, isto é, o grupo é produtivo e, conseqüentemente, podemos formular uma regra que possui a capacidade de formar novos itens lexicais. É o caso, por exemplo, de “emulador”, termo surgido com o grande desenvolvimento da informática nos últimos

anos. Refere-se ao *software* que tem a propriedade de fazer um outro programa ser executado em um computador, que, sozinho, não poderia realizar tal ação. Por isso, o *input* é “emular”, cujo significado é “procurar emparelhar-se, imitar, seguir o exemplo de”. Estamos diante, portanto, de um programa que imita, faz a função de um outro.

Ainda no universo da informática, temos o “buscador”, programa que permite fazer pesquisas das páginas da *Internet* em que ocorrem determinado vocábulo, termos ou frases previamente digitados.

Outros itens presentes no *corpus* com este significado são vistos a seguir, nos dados de (19).

(19)

Alisador, alternador, amortecedor, amplificador, apagador, carregador, computador, decodificador, dilatador e equalizador.

Mais uma vez, os *inputs* são verbais: “alisar”, “alternar”, “amortecer”, “amplificar”, “apagar”, “carregar”, “computar”, “decodificar”, “dilatador” e “equalizar”. Já os *outputs* revelam significativa diferença em relação aos grupos anteriores, uma vez que funcionam apenas como substantivos. Vejamos as sentenças de (20):

(20)

- I. Pegue o **alisador** para eu fazer um polimento.
- II. Troquei o **alternador** do carro.
- III. O **amortecedor** daquele Gol está novinho.
- IV. Esse **amplificador** é ruim.
- V. Temos **apagador** de quadro branco.
- VI. O celular está no **carregador**.
- VII. Este **computador** possui ótima configuração.

- VIII. Aqui está o **decodificador** da TV a cabo.
 IX. Será necessário usar um **dilatador** na cavidade nasal.
 X. Ajuste o **equalizador** do aparelho de som.

Pelo que dissemos, então, a acepção de agente instrumental do sufixo –DOR requer RFP e RAE, expostas abaixo em (21) e (22).

(21)
 RFP: $[X]_v \rightarrow [[X]_v \text{ dor}]_{S \text{ Ag. instr.}}$
 “que X”

(22)
 RAE: $[[X]_v \text{ dor}]_{S \text{ Ag. instr.}}$
 “que X”

Logo, as regras deixam claro que formamos nomes de instrumentos com o sufixo –DOR por meio do seu acréscimo a uma base verbal. Por extensão, os substantivos instrumentais X–DOR são analisados como adição do formativo a um *input* verbal.

É interessante perceber que, nos instrumentais X–DOR, de fato, reside semântica agentiva, o que fica evidenciado pela leitura da regra (“que X”). É bem verdade, portanto, que estamos diante de um sufixo essencialmente agentivo, com três grupos que traduzem esse significado.

4.1.2 Marcação categorial dos *outputs*: aprofundando a questão

Vimos anteriormente, na descrição dos grupos de afinidade semântica de –DOR, que há flutuação categorial dos agentes profissional e frequentativo. O mesmo não ocorre nos instrumentos, que funcionam apenas como substantivos. Em Basílio (1980), há um estudo interessante a respeito dessa questão.

Na obra supracitada, Basílio começa citando Aronoff (1976), defensor do PCU:

(23)

“Sintaticamente, toda palavra nova deve ser membro de alguma categoria lexical maior, sendo que a categoria exata é determinada pela RFP que produz a palavra.”

Como ficou explícito na descrição dos grupos, a autora mostra que (23) cobriria apenas uma parte das palavras possíveis que pode ser formada com o sufixo –DOR. Após análise, Basílio conclui que vocábulos com essa estrutura atendem a três tipos de representação categorial para os produtos:

(24)

- a. +N, +Adj
- b. +N
- c. +Adj

Segundo a autora, portanto, (24) “a” se refere a itens que flutuam categorialmente entre substantivos e adjetivos. (24) “b” caracteriza vocábulos que só funcionam como nomes e (28) “c”, como adjetivos.

Não há, porém, como poderíamos imaginar inicialmente, possibilidade de estabelecermos relação entre acepção e possibilidade de marcação categorial do produto. Nem todo dado do grupo agente profissional, por exemplo, deveria receber dupla categoria como foi sugerido em 4.1.1.1. Vejamos os itens abaixo, em (25), citados por Basílio:

(25) Governador, cobrador, escultor e maquilador.

(25), no entanto, traz dados que, ainda sim, são questionáveis quando apontados como +N. É relativamente comum pensarmos contextos, embora restritos, como os que vamos observar a seguir em (26) e que já estiveram presentes em (02):

(26)
a. O Garotinho **governador** não estava de bom humor.
b. O Jean **escultor** é pai do Max.

É frequente usarmos itens como esses em função adjetiva para fazermos distinção de homônimos. (26) “a” distingue a famosa homonímia entre os “Garotinhos”, ex-governador e locutor esportivo da Rádio Globo.

Isso, todavia, não invalida a existência de agentes X-DOR com marcação +N, pois é justamente o caso dos nossos dados do grupo instrumento, mostrados anteriormente em (20).

Basílio cita, como exemplos de (24) “c”, alguns poucos agentivos em –DOR que só podem ser marcados como adjetivos:

(27)

Tentador, revelador, desesperador, compensador e enganador.

Observemos, agora, em (28), um possível contexto, também extraído de Basílio:

(28)

Este negócio é **compensador**.

Este negócio apresenta aspectos **compensadores**.

Em (28), “compensador” é usado em funções que a gramática tradicional aponta como sendo do adjetivo, a saber: predicativo do sujeito e adjunto adnominal, respectivamente. Não iremos, ao longo desta Tese, nos centrar nesses dados, visto que são reduzidos quando comparados com os itens dos três grupos já analisados. Devemos destacar, no entanto, que, conforme corrobora Basílio, esses vocábulos também são agentivos, mesmo exercendo função exclusivamente adjetiva. Atenemos para o texto *ipsis litteris* da autora:

(29)

... poderia surgir a questão de saber se deveríamos considerar adjetivos em –DOR como agentivos. Ora, a diferença entre o nome e o adjetivo em português consiste sobretudo no fato de que nos nomes a referência a “alguém” ou “alguma coisa” está incluída no próprio agentivo, enquanto na ocorrência dos adjetivos **esta referência está em outra** forma. Portanto, não há motivo para deixarmos de considerar todas as formações em –DOR como agentivos. (BASÍLIO, 1980, p. 93).

Ainda segundo Basílio, os agentivos em –DOR apresentam dois níveis de significado, que podem ser explicados em termos de uma interpretação verbal positiva ou negativa. Neste segundo caso, haveria tão somente a relação de significado lexical entre vocábulo e verbo da base.

O raciocínio da autora mostra que os agentivos designados como +N só podem apresentar interpretação nominal. É o caso de “varredor”, no exemplo abaixo:

(30)

João é um **varredor**.

Para a autora, “varredor” não pode receber a interpretação “que varre”, apesar de conter tal pressuposição. O proeminente é a designação “aquele que tem a função de varrer”.

Os vocábulos +N, +Adj revelam tanto interpretação verbal, quanto nominal. Isso nem sempre ocorre, contudo, de forma concomitante. Existem contextos favorecedores para uma ou outra.

(31)

João é um **administrador**.

“Administrador” (+N,+Adj), em (31), possui apenas interpretação nominal, isto é, equivale “àquele que tem função de administrar”. Para adquirir leitura verbal, é fundamental que haja modificadores e / ou complementos:

(32)

João é um *bom* **administrador**.

A presença de “bom” ressalta a função da atividade. João é bom profissional porque **administra** bem.

Os adjetivos agentivos (+Adj) veiculam somente interpretação verbal. Dessa forma, os vocábulos em negrito, nos exemplos de (33), são entendidos como “que revela”, “que desespera” e “que engana”.

(33)

- a. É uma situação **reveladora**;
- b. Essa é uma guerra **desesperadora**;
- c. Paulo foi um homem **enganador**.

Em Basílio (1981), há o reforço de que o uso do termo adjetivo não é totalmente apropriado visto que essas palavras X-DOR não apresentam

características típicas desse grupo de vocábulos. O que ocorre, na verdade, é o uso desses agentes em função adjetiva. Não vemos, por exemplo, a possibilidade de intensificação:

(34)

- a. Mariana é muito bonita.
- b. *?Aquele rapaz é muito **apresentador**.

Enquanto a intensificação de “bonita” em (34) “a” é extremamente comum, a de “apresentador” gera, no mínimo, dúvidas quanto à aceitabilidade.

Outro ponto importante a se considerar é a impossibilidade de nominalização. Assim, de adjetivos clássicos como “obrigatório” e “burro” são derivadas as formas “obrigatoriedade” e “burrice”. O mesmo não ocorre com nossas palavras em estudo. “Organizador” não origina “organizadori(e)dade” e “administrador” não produz “administradorice”.

É corriqueiro também o uso de adjetivos com os tradicionais verbos de ligação na função que as gramáticas tradicionais denominam de predicativo do sujeito:

(35)

- a. O professor está satisfeito.
- b. *Esta firma está administradora.

Ao passo que (35) “a” exibe sentença normalmente empregada na língua, com verbo de ligação e adjetivo, (35) “b” mostra frase agramatical, já que o uso de “administradora” nessa posição adjetiva é rejeitado.

Após essas considerações, Basílio defende um processo morfológico único. Para a autora, os agentivos X-DOR apresentam o mesmo significado geral “que Z”, em que “Z” é a base verbal, que, por sua vez, é comum a todos os vocábulos em questão. As interpretações dependentes dos traços +N e +Adj também constituiriam argumentos fortes da regra única.

É importante notar que há defesa de regra única em relação à possibilidade de não existir marcação categorial dupla para o produto. Percebamos que esse recorte não diz respeito a uma regra única que dê conta dos três grupos. Isso será analisado em 4.1.4.

4.1.3 Basílio (1982): fortalecendo a extensão de categoria

A fim de reforçar a questão da extensão de classe dos *outputs*, é válido trazer à baila um estudo de 1982 de Basílio sobre substantivação de adjetivos, recentemente republicado. Notemos que o foco não é o mesmo dos nossos dados, afinal acontece o percurso contrário, substantivos que se adjetivizam. Entretanto, é preciso perceber que o propósito de apresentar esse artigo da autora nada mais é do que um reforço acerca das tênues denominações de classe existentes.

Basílio mostra nesse trabalho dois níveis de substantivação: a plena e a precária. Estabelece também distinção entre dois grupos de adjetivos: os que

modificam nomes referentes a seres humanos (adjetivos H) e os que modificam nomes referentes a seres não humanos (adjetivos NH).

O objetivo do estudo foi verificar até que ponto adjetivos assumem propriedades gerais de substantivos, quando estão na posição destes. Começaremos abordando os adjetivos H. O teste da autora contou com cerca de noventa adjetivos desse tipo. Aproximadamente vinte exibiram propriedades gerais de substantivos. Um exemplo é “velho” no contexto abaixo:

(36)

Dei um livro ao velho.

A interpretação do falante, segundo Basílio, é dupla: o locutor deu o livro a um indivíduo velho (único) ou, dentre várias pessoas, o emissor deu o livro àquela que é velha. Assim, em (36), o vocábulo em questão pode ser visto, de acordo com a primeira interpretação, como substantivo, uma vez que revela característica básica desta classe: a designação. Observemos, todavia, que “bonito” não é interpretado como substantivo típico, visto que é entendido, no mesmo contexto, apenas como palavra restritiva. Dessa forma, em (37), a sentença é compreendida da seguinte maneira: em um grupo de pessoas, dei o livro àquela que era bonita.

(37)

Dei um livro ao bonito.

Portanto, acima, “velho” é um exemplo de substantivação plena, pois assume integralmente as propriedades de um substantivo. Já “bonito” constitui caso de substantivação precária, porque, apesar de substantivo em posição superficial, é interpretado como adjetivo no nível da estrutura profunda.

O baixo índice de adjetivos como “velho”, como enfatiza Basílio, desfaz a impressão de que adjetivos H são em geral substantiváveis. De fato, podem ser utilizados em contextos genéricos como em (38) a seguir:

(38)

Bem-aventurados os MANSOS, porque deles...

Notemos, pois, que não há nesse contexto distinção entre singular e plural. Em “bem-aventurado o manso...”, o sentido seria o mesmo, plural. Não haveria, porém, a possibilidade de converter (38) para o feminino: “bem-aventurada a mansa”. Logo, esse caso ou semelhantes não caracterizam substantivação plena.

Algo similar ocorre com os adjetivos NH. Cerca de oitenta e cinco adjetivos foram testados e apenas dezesseis apresentaram propriedades gerais de substantivos. Vejamos em (39) a comparação entre “absurdo” e “correto”:

(39)

- a. Ele escreveu vários absurdos.
- b. *Ele escreveu vários corretos.

Em (39) “a”, “absurdos” é entendido como substantivo. O interlocutor não sente falta de um possível substantivo elíptico. O mesmo não podemos afirmar de (39) “b”. É necessário o uso de um substantivo explícito para a sentença ser interpretável:

(40)

Ele escreveu vários artigos corretos.

No contexto apresentado, “corretos” só pode, portanto, ser interpretado como adjetivo. Em (40), explicitamos o substantivo “artigos”. O uso isolado (39) “b”, como visto, torna a frase agramatical.

Existem casos de adjetivos NH sobre os quais recaem lexicalização automática. São os adjetivos utilizados em referência a propriedades de substâncias. Nesse padrão, encontram-se formas X-VEL, como “combustível”. Também podemos citar formas X-NTE, como “aromatizante”.

Em suma, os problemas apresentados aqui mostram como é delicado o emprego de marcações categoriais em RFPs, embora não possamos abrir mão desse recurso sob pena de perdermos generalizações importantes tais como os tipos de base (nominal, adjetival ou verbal) em que opera uma regra e de produto por ela gerado¹². Vejamos agora, em termos de significado, se é conveniente adotarmos três regras para os diferentes tipos de agentes X-DOR.

¹² É o que aconteceria se adotássemos, por exemplo, a generalização proposta por CÂMARA JR (1999), que considera substantivos e adjetivos como representantes de uma única classe: a dos nomes.

4.1.4 Formações X-DOR: regra única ou tripla?

4.1.4.1 O parâmetro X-EIRO

É fundamental, para uma descrição consistente das formações X-DOR, definirmos se o cunho agentivo dos três grupos é suficiente para, diferentemente do que fizemos nas subseções 4.1.1.1, 4.1.1.2 e 4.1.1.3, estabelecermos regra única que dê conta de todas as formações X-DOR.

Em Marinho (2004), defrontamo-nos com problema semelhante. Afinal, –EIRO possui dois agentes, o profissional (“verdureiro”) e o frequentativo¹³ (“fofoqueiro”). Na ocasião, optamos por ignorar argumentos como economia de regras dentro de um modelo assentado na competência lexical porque outros fatores eram de maior relevância. Torna-se lícito, então, exibirmos esses argumentos para verificar se são aplicáveis neste novo estudo.

A adoção de RFPs distintas foi essencial para captarmos diferença flagrante dos *inputs*. Enquanto profissionais possuem bases concretas, os frequentativos têm *inputs* abstratos¹⁴ ou abstratizados¹⁵.

(41)

AGENTE	BASE / TRAÇO	PRODUTO / SEMÂNTICA
JARDINEIRO	JARDIM [+CONCRETO]	AGENTE PROFISSIONAL
BUGREIRO	BUGRE [+CONCRETO]	AGENTE PROFISSIONAL
GALHOFEIRO	GALHOFA [-CONCRETO]	AGENTE FREQUENTATIVO
FUZARQUEIRO	FUZARCA [-CONCRETO]	AGENTE FREQUENTATIVO

¹³ Lá, como dito em nota anterior, era chamado de habitual.

¹⁴ Estamos utilizando as expressões “concreto” e “abstrato” de acordo com a perspectiva tradicional. Conforme Dubois et al. (1998): “Chamam-se substantivos concretos uma subcategoria de substantivos que se referem a objetos do mundo físico (ou do que é considerado como tal), por oposição aos substantivos abstratos, que denotam entidades que pertencem ao conjunto ideológico: assim, os substantivos *rochedo, cadeira, João, cerveja, Deus*, etc. são substantivos concretos, têm o traço [+concreto], ao passo que *coragem, pensamento, ciúme*, etc. são substantivos não concretos ou abstratos. Têm o traço [-concreto].”

¹⁵ O termo “abstratizado” foi utilizado por nós para se referir a bases de agentes frequentativos como “maconheiro” ou “cachaceiro”. Isso porque “maconha”, no item lexical, abarca qualquer droga e, do mesmo modo, “cachaça” engloba outras bebidas alcoólicas.

Vemos, em (41), que os profissionais “jardineiro” e “bugreiro” são derivados de bases concretas: “jardim” e “bugre”. O inverso acontece com os frequentativos, pois “galhofa” e “fuzarca” são *inputs* abstratos que originam “galhofeiro” e “fuzarqueiro”. Um vocábulo interessante, que apontamos na ocasião, foi “faroleiro”. Isolado, o item é ambíguo. Só o contexto definiria se sua base é concreta ou abstrata. No primeiro caso, teríamos um agente profissional (“aquele que trabalha em **farol**”) e no segundo, um frequentativo (“aquele que faz **farol**”, dado a ostentações).

A própria especificação semântica do produto funciona como argumento para advogarmos RFPs distintas. Uma regra não captaria a diferença largamente perceptível que os *outputs* mantêm. É extremamente relevante a distinção dos agentes profissionais dos frequentativos:

(42)

AGENTIVO	TIPO DE AGENTIVO
BALEIRO	PROFISSIONAL
BORRACHEIRO	PROFISSIONAL
FURDUNCEIRO	FREQUENTATIVO
FUXIQUEIRO	FREQUENTATIVO

Outro ponto decisivo em nossa argumentação é a possibilidade de flutuação categorial dos produtos frequentativos, o que não ocorre com profissionais:

(43)

- a. A [**fofoqueira**]_N da Maria contou seu segredo para todos.
- b. Essa mulher [**fofoqueira**]_{ADJ} é um problema.

- c. Os **[pedreiros]_N** fizeram uma festa.
 d. *A festa **[pedreiro]_{ADJ}** foi muito divertida.

O agente frequentativo “fofoqueira” apresenta categorias diferentes em “a” e “b” de (43). Já o item “pedreiro” não oferece essa possibilidade uma vez que não cabe em posição adjetiva em (43) “d”. Seria necessário seu aparecimento dentro de um sintagma preposicionado:

- (44)** A festa **[dos pedreiros]_{SPREP}** foi muito divertida.

É verdade, porém, que a mesma questão levantada para os dados de (25), presentes em Basílio (1980), é oportuna também aqui. Exemplos como os de (26) são perfeitamente elaboráveis para os profissionais X-EIRO:

- (45)** O Zé Carlos **[pedreiro]_{ADJ}** quer negociar com você.

(45) nos permite pressupor que locutor e interlocutor conhecem mais de um Zé Carlos. O uso adjetivo de “pedreiro” é o que estabelece a diferença.

Mais um fator que não seria captado por regra única é a pejoratividade, intrínseca aos frequentativos e ausente nos profissionais:

(46)

AGENTE	CLASSIFICAÇÃO	PEJORATIVO
TRAMBIQUEIRO	FREQUENTATIVO	[+PEJORATIVO]
BADERNEIRO	FREQUENTATIVO	[+PEJORATIVO]
SORVETEIRO	PROFISSIONAL	[-PEJORATIVO]
BARBEIRO	PROFISSIONAL	[-PEJORATIVO]

Podemos, notoriamente, perceber que “trambiqueiro” e “baderneiro” são altamente depreciativos. Esse caráter negativo não se encontra em palavras como “sorveteiro” e “barbeiro”, que são profissões pouco valorizadas, diferente, portanto, de pejoratividade.

Argumento vultoso também é a correspondência que os X-EIRO profissionais possuem com formas X-ARIA:

(47)

X-EIRO	X-ARIA
BARBEIRO	BARBEARIA
CHAPELEIRO	CHAPELARIA
ENFERMEIRO	ENFERMARIA
PEIXEIRO	PEIXARIA
SAPATEIRO	SAPATARIA

Notamos em (47) que ao profissional X-EIRO corresponde um estabelecimento, locativo, com a estrutura X-ARIA. Assim, por exemplo, “barbeiro” se relaciona com “barbearia”. Essa relação inexistente nos habituais:

(48)

X-EIRO	X-ARIA
FOFOQUEIRO	*FOFOCARIA
MEXERIQUEIRO	*MEXERICARIA
CAMBALACHEIRO	*CAMBALACHARIA
CALOTEIRO	*CALOTARIA
MACUMBEIRO	*MACUMBARIA

Logo, ao “fofoqueiro” não corresponde uma “fofocaria”. Dessa forma, isso é decisivo para não pensarmos em RFP única para os agentes X-EIRO¹⁶. Vejamos, agora, de que maneira isso pode ser aplicado às formas X-DOR.

4.1.4.2 Aplicação em itens X-DOR

No que tange à questão da concretude *versus* a abstração das bases, não podemos enxergar aí argumento para adoção de RFPs distintas dos vocábulos X-DOR. A razão disso é o fato já comentado de os *inputs* não serem nominais, mas verbais.

A especificação semântica do produto, assim como nas formas X-EIRO, constitui motivo para aceitação de regras distintas:

(49)

AGENTIVO	TIPO DE AGENTIVO
COBRADOR	PROFISSIONAL
MERGULHADOR	PROFISSIONAL
BAZOFIADOR	FREQUENTATIVO
ZOADOR	FREQUENTATIVO
APAGADOR	INSTRUMENTAL
BORRIFADOR	INSTRUMENTAL

¹⁶ É bem verdade que nem todos os profissionais X-EIRO apresentam locativo correspondente em X-ARIA (“jangadeiro” e “carroceiro”, por exemplo). Mas a possibilidade de ligação só existe nos profissionais e não, nos frequentativos.

Regra única, assim, não poderia dar conta da peculiaridade semântica dessas palavras. Se adotássemos uma regra apenas, seria de difícil aceitação admitir que dela sairiam produtos distintos em significados como “cobrador” e “bazofiador”. Caso aceitássemos isso, teríamos de começar a pensar na licitude de uma RFP para sufixos que produzem significados bem mais distintos, como estes itens X-ISTA: “nazista” (agente ideológico) e “dentista” (agente profissional).

A flutuação também funciona como razão para RFPs distintas. Como visto, os instrumentais X-DOR possuem uso exclusivamente substantivo. Frequentativos e profissionais oscilam entre substantivos e adjetivos. Dessa forma, a atuação da REC não existiria em agentes instrumentais.

(50)

- a. Um [brigador]_N nunca perde a chance de entrar numa confusão.
- b. Você é mesmo um homem [brigador]_{ADJ}.
- c. Os [boxeadores]_N saíram do ringue.
- d. O Tyson [boxeador]_{ADJ} possui boas qualidades, mas o Tyson cidadão, não.
- e. O [centrifugador]_N separa as substâncias do sangue.
- f. O aparelho [centrifugador]_{ADJ} isola componentes da urina.

“Brigador”, frequentativo, e “boxeador”, profissional, funcionam como substantivos em “a” e “c” respectivamente. São adjetivos em “b” e “d”. Já “centrifugador”, instrumento, destoa dos itens anteriores por não funcionar como adjetivo. Notem que, em “f”, o vocábulo se transformou em um agenteivo daqueles com traço +Adj. A semântica de instrumento foi transferida para o substantivo “aparelho”. Portanto, temos aqui motivo de plena relevância para RFPs distintas.

A pejoratividade dos frequentativos X-EIRO está presente também nas palavras X-DOR com mesma especificação semântica:

(51)

AGENTE	CLASSIFICAÇÃO	PEJORATIVO
BAJULADOR	FREQUENTATIVO	[+PEJORATIVO]
BEBEDOR	FREQUENTATIVO	[+PEJORATIVO]
GUARDADOR	PROFISSIONAL	[-PEJORATIVO]
PESCADOR	PROFISSIONAL	[-PEJORATIVO]
AMORTECEDOR	INSTRUMENTAL	[-PEJORATIVO]
COMPUTADOR	INSTRUMENTAL	[-PEJORATIVO]

“Bajulador” e “bebedor” são nitidamente depreciativos. No *Houaiss Eletrônico*, vemos um sem-número de sinônimos / variantes do primeiro, entre os quais “baba-ovo”, “capacho” e “cheira-cheira”. O segundo equivale a “beberrão”. Já os itens de agentes profissional e instrumental não podem ser marcados positivamente no traço pejoratividade. “Guardador” é um exemplo bastante expressivo disso, visto que funciona como uma espécie de eufemismo de “flanelinha”, que é uma função de caráter mais ilícito. O “guardador”, então, seria um flanelinha legal. Temos, portanto, uma mudança de nome que extingue a pejoratividade, evidenciando sua ausência nos itens profissionais X-DOR.

A correspondência que relaciona formas X-EIRO profissionais e X-ARIA locais não é percebida entre agentes X-DOR e outra estrutura. Dessa maneira, não pode reforçar o rol dos motivos para a aceitação de diferentes RFPs.

Em Basílio (1981), há defesa de RFP única. A autora diz que regras separadas não captariam relações existentes entre agente simples (os +Adj), profissional e instrumental. Em consequência, afirma ainda que uma regra seria capaz de dar conta do fato de que profissionais sempre podem ser interpretados como agentes simples, apesar de nem sempre a recíproca ser válida.

É preciso considerar, no entanto, que nem todas as palavras do *corpus* apresentam polissemia. “Amputador”, por exemplo, pode se referir a profissional e

instrumental, mas “decorador” é somente profissional. Esse fato já seria relevante para defesa de RFPs distintas.

Sumariando, podemos apontar dois argumentos que funcionam somente para X-EIRO: a concretude / abstração das bases e o elo com outro tipo de estrutura. No primeiro caso, não poderia ser diferente, uma vez que é algo intrínseco à marcação categorial do *input* desses agentes. Verbos, bases de X-DOR, não recebem anotação de concretude e abstração. A relação com outras formas é algo assaz *sui generis* na língua. Algo semelhante é raro e ocorre em estruturas como X-ISTA (agente ideológico) e X-ISMO (corrente ideológica), abaixo:

(52)

AGENTE IDEOLÓGICO	CORRENTE IDEOLÓGICA
ANARQUISTA	ANARQUISMO
CUBISTA	CUBISMO
EXISTENCIALISTA	EXISTENCIALISMO
IMPERIALISTA	IMPERIALISMO
REGIONALISTA	REGIONALISMO

Em contrapartida, a especificação semântica do produto, a flutuação categorial dos *outputs* e a pejoratividade dos frequentativos são pontos que não podem ser ignorados por RFP única. **Sendo assim, da mesma forma que acontece com agentes X-EIRO, é mais plausível admitir que a melhor estratégia de descrição é a que abona uma regra para cada tipo de agente.**

Encerramos aqui a descrição de X-DOR no que tange aos aspectos formais dos seus vocábulos. Cumprido o passo I, passaremos a examinar agora o percurso histórico com a finalidade de estudarmos a associação dos significados (profissional, habitual e instrumental) à estrutura em análise.

Formações X-DOR: o percurso histórico e a consequente associação dos significados

Neste capítulo, haverá concentração na parte primordial desta Tese. Trabalharemos os passos de II a VI. É fato notório que construções X-DOR envolvem, com muita frequência, casos de polissemia. “Ralador”, por exemplo, é um item polissêmico. Pode se referir a um agente frequentativo, “aquele que gosta de namorar se esfregando”, ou a um agente instrumental, “utensílio usado para ralar um alimento”. “Lutador” pode aludir tanto a um “profissional” quanto a um “indivíduo batalhador”, isto é, um agente frequentativo. “Copiadora” é uma pessoa encarregada de fazer cópias e também uma máquina usada para esse fim. “Contador” é o profissional formado em Ciências Contábeis, o *software* de computador que realiza contagem de tempo e um agente frequentativo (“contador de histórias”). Mas será que esses significados se adjungem a essas formas de maneira simultânea? Ou vão se agregando um após o outro de acordo com o percurso histórico da língua?

Para chegarmos a uma resposta, montaremos um painel histórico do formativo, desde que possuía a forma –TOR em latim. Mostraremos sua presença na modalidade escrita da língua romana (passo II) por meio do levantamento de vocábulos presentes em três obras de reconhecida importância em latim: *A Eneida*, de Virgílio; *De Officiis*, de Cícero; e o *Discursus*, do mesmo autor. Utilizaremos, além dessas fontes, verbetes do *Dicionário Latino-Português*, de Saraiva. Comprovaremos sua existência na fala (latim vulgar) via Método Histórico-Comparativo, por meio dos dados de quatro línguas românicas: português, espanhol, francês e italiano (passo III). Com isso, entenderemos o processo de associação dos significados às formas X-TOR / X-DOR. Vale ressaltar que realizaremos uma descrição etimológica exaustiva, a fim de explicarmos as irregularidades dos quadros comparativos dos dados das línguas românicas (passo IV). Por fim, trabalharemos com pesquisa de datação dos vocábulos pelos idiomas neolatinos (passos V e VI).

5.1 X-DOR no latim

Já fizemos anteriormente distinção entre dois tipos de latim: o literário e o vulgar. Em linhas gerais, este faz menção à fala e aquele está ligado à escrita. Verificaremos, a partir de então, para cumprir o passo II, a presença de vocábulos X-DOR nessas modalidades de nossa protolíngua.

5.1.1 X-DOR no latim literário

–DOR, do português, é originado do –TOR latino, cujos vocábulos pertenciam à terceira declinação. Tal paradigma apresentava nomes masculinos e femininos e o seguinte modelo distribuído pelos casos:

(53)

CASOS	FORMA	
	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	-TOR	-TORES
Acusativo	-TOREM	-TORES
Ablativo	-TORE	-TORIBUS
Dativo	-TORI	-TORIBUS
Genitivo	-TORIS	-TORUM
Vocativo	-TOR	-TORES

É importante explicitar as terminações veiculadas por (53) porque o leitor menos atento pode não associar, por exemplo, um “-TORIBUS” (ablativo e dativo plurais) ao sufixo em estudo. Assim como no português, formas X-DOR / X-TOR são assaz recorrentes no latim escrito. Em (54), (55) e (56), apresentaremos trechos de obras reconhecidamente relevantes escritas na língua latina: *A Eneida*, de Virgílio (70 a 19 a.C.); *De Officiis*, de Cícero (106 a 43 a.C.); e o *Discursus*, deste mesmo autor.

A Eneida foi escrita no século I a.C. por Virgílio. Relata a saga de Eneas, troiano salvo dos gregos em Troia. O protagonista viaja pela região que hoje pertence à Itália. Esse poema épico, encomendado pelo imperador romano César Augusto (63 a 14 a.C.), canta a ancestralidade de um povo ávido de afirmação histórica. A obra ainda se constituiu numa tentativa de o autor elaborar um texto superior aos vistos em *A Ilíada* e *A Odisseia*, de Homero. Na epopeia do escritor romano, encontramos numerosos exemplos de vocábulos X-TOR. Alguns deles são apresentados em (54), abaixo. Cada item aparece dentro do fragmento em latim e há posterior tradução para o português¹⁷.

¹⁷ As traduções de *A Eneida* e do *De Officiis* foram extraídas de Gonçalves [1981] e Gonçalves [196-?]. Já a tradução do *Discursus* é de nossa autoria.

(54)

a.

Demens nec tacui et promisi me (esse) **ultorem** si qua fors tulisset si umquam remeassem **uictor** ad Argos pátrios, et movi áspera odia uerbis.

Insensato (desesperado) nem me calei e prometi ser eu o **vingador**, se alguma oportunidade me oferecesse, se algum dia tivesse regressado **vencedor** para Argos, minha pátria, e excitei terríveis ódios com (as minhas) palavras.

b.

Quo statuere hanc molem equi immanis? Quis **auctor**? Eu quid petunt? Quae religio? Aut quae machina belli?

Para que construíram esta enormidade de cavalo tão grande? Qual o **autor** (dessa ideia)? O que procuram? Qual religião? Ou que máquina de guerra é essa?

c.

Sed enim ex quo impius Tydides que Ulysses **inventor** scelerum, aggressi avellere templo sacrat fatale Palladium, caesis custodibus arcis summae, corripuere sacram effigiem [...].

Mas, na verdade, desde que o ímpio filho de Tideu e Ulisses, **inventor** de crimes, tendo empreendido arrancar do templo sagrado o fatal paládio, mortos os guardas da cidadela elevada, roubaram a sagrada estátua.

d.

[...] et Menelaus et ipse Epeos, **fabricator** doli, invadunt urbem sepultam somno que vino.

E Menelau e o próprio Epeu, **construtor** de engano, invadem a cidade sepultada no sono e no vinho.

e.

Una ingens Periphas, et armiger Automedon **agitator** equorum Achillis, gurgite moles oppositas, fertur in arva [...].

Ao mesmo tempo, o grande Périfas, e o escudeiro Automedonte, **condutor** dos cavalos de Aquiles, com a garganta (corrente) as barreiras opostas, é levado para os campos [...].

f.

[...] et Pergama prolapsa, quondam superbum **regnatorem** tot populis que terris Asiae.

[...] e Pérgamo desmoronado outrora invejável **dominador** de tantos povos da Ásia.

g.

Atque ubi iam peruentum eram ad limina sedis patriae, que domos antiquas, **genitor** quem optabam tollere primum in montes altos, que petebam primum, negat producere uitam [...].

E logo que eu já havia chegado ao limiar (à entrada) da habitação paterna, e às casas antigas, (meu) **genitor** (pai) a quem (eu) desejava levar primeiro para os montes elevados e (ao qual me) dirigia primeiro, recusa prolongar a vida [...].

As palavras apresentadas em (54) suscitam algumas reflexões de ordem etimológica. “Ultorem” (ultor, -oris) foi traduzido como “vingador”, mas este vocábulo da língua portuguesa, como é facilmente perceptível, não pode ter se originado daquele item lexical latino. Na verdade, deriva do verbo “vindicare”, do latim, que gera “vingar” e, por consequência, “vingador”. Vale a pena ressaltar que, segundo Saraiva (2006), o verbo romano significava “reclamar algo em juízo”, não possuindo, dessa forma, a semântica negativa que a palavra adquire em nossa língua. Por fim, o *Houaiss Eletrônico* registra o verbete “ultor”, este sim derivado do “ultor” latino, com o significado de “vingador”.

“Vencedor”, assim como “vingador”, não vem da palavra sugerida em *A Eneida*. O vocábulo é derivado do verbo “vincere”, “vencer”. “Victor”, em português, é a base dos antropônimos “Víctor” e “Victória” (ou “Vítor” e “Vitória”).

“Auctor” e “inventor” preservaram, no português, o /t/. Um exame mais cuidadoso nos revela que esse fato não é raro. Mais complexo, porém, é determinar se essas palavras se agregaram à nossa língua por via popular ou erudita. Esses vocábulos, da mesma maneira que “escritor”, “ator”, “cantor” e “construtor”, podem perfeitamente ter vindo da transformação natural do latim vulgar, uma vez que o fonema /t/ não se encontrava em ambiente propício para a sonorização por estar entre uma consoante e uma vogal e não entre duas vogais: “scriptor”, “actor”, “cantor” e “constructor”. Por outro

lado, “editor” e “auditor” se originam de palavras idênticas do latim, apresentam contexto favorável para sonorização, mas a evitam para não criar um outro /d/, fonema já presente no radical. Portanto, por haver essa identidade de formas em latim e português, torna-se possível afirmar também a possibilidade da via erudita. As pesquisas de datação dos vocábulos não servem para dar resposta uniforme à questão. Como visto no capítulo 3, as palavras de origem erudita tiveram maior profusão no português durante o século XVI, mas podem ter vindo já a partir do século XIV. Observamos no *Houaiss* que “autor” e “cantor” aparecem documentadas em nossa língua no século XIII, o que atesta sua origem popular. “Inventor”, “escritor” e “auditor” são registradas em documentos portugueses do século XV. Assim como “ator” (século XVI), não nos permitem afirmar com propriedade a origem, já que surgem justamente no período renascentista. “Construtor” (XVIII) e “editor” (XIX), ao que tudo indica pela documentação tardia, devem ter sido introduzidas por via erudita.

“Fabricator”, em (54) “d”, foi traduzido como “construtor”, item para o qual já tecemos comentário no parágrafo anterior. O *Houaiss Eletrônico* registra “fabricador”. Esses vocábulos são apresentados basicamente como sinônimos, mas o significado “empresário”, “possuidor de empresa do ramo imobiliário” é atribuído somente a “construtor”. Já o sentido de “operário” está presente apenas em “fabricador”.

“Agitator”, que origina “agitador”, encerrava o significado de “condutor de animais”, perdido em português. “Regnatorum” (“regnator”), traduzido como “dominador”, significava “senhor” (“soberano”) e era derivado de “regnare”, “reinar”. “Genitor”, finalmente, também de acordo com Saraiva (2006), era um dos doze deuses criadores. O nome tem origem em “gignere”, “criar”.

O *De Officiis*, de Cícero, é um trabalho filosófico que trata dos deveres. Foi inspirado no tratado do filósofo estoico Panécio de Rodes (185 a 100 a.C.). De acordo com a obra do autor romano, há uma hierarquia dos deveres e é necessário saber escolhê-los para preservar a honra. A seguir, em (55), alguns vocábulos X-TOR encontrados no trabalho do reconhecido orador.

(55)

a.

[...] Demetrius Phalereus potest haberi in hoc numero **disputator** subtilis, **orator** parum vehemens, tamen dulcis, ut possis agnoscere discipulum Theophrasti.

Demétrio Falério possa ser tido (ser considerado) neste número, **argumentador** sutil, **orador** pouco veemente, porém (tão agradável), que possas reconhecer (nele) o discípulo de Teofrastes.

b.

Imperator Pompilius tenebat prouinciam in cuius exercitu militabat filius Catonis tiro.

O **imperador** Pompílio ocupava uma província em cujo exército militava (servia) o filho de Catão como noviço (recruta).

c.

Ut enim, cum contendimus ciuilliter, aliter, si est inimicus, aliter, si **competitor**; cum altero est certamen honoris et dignitatis; cum altero capitis et famae.

Como, efetivamente, quando entramos em disputa na vida civil (civilmente), (lutamos) de um modo, se o rival é inimigo, (e lutamos) diferentemente, se (é nosso) **competidor**; com um há a luta, é o combate da honra e da dignidade; com outro é a luta da cabeça (vida) e da fama.

Dos dados de (55), “disputator” é o que se sobressai. Traduzido como “argumentador”, naturalmente não pode ter gerado esse vocábulo português. De acordo com Saraiva (2006), o item latino realmente equivale a “argumentador, dialético, o que raciocina, discorre”. “Disputator” é originado do verbo “disputare”, cujo significado é

“discutir, ventilar, debater, argumentar”. Em nossa língua, “disputare” passa a “disputar” e o *Houaiss Eletrônico* registra, como primeira acepção do verbete, o sentido veiculado do latim. Em contrapartida, é fato notório que, no uso cotidiano da língua, os falantes utilizam essa palavra com sentido metafórico dessa primeira acepção, que é o de “despender esforços nas ações necessárias para obter algo desejado também por outro (s), concorrer, competir”. Assim, temos comumente “disputar um prêmio” ou “disputar a namorada com o amigo”. Vale acrescentar, ainda, que existia “argumentator” (“argumentador”, “arguente”) na língua latina. Essa palavra, sim, origem de “argumentador”, do português.

No que se refere às três palavras restantes de (55), “orator”, “imperator” e “competitor”, podemos observar que mantêm correspondência semântica e formal com “orador”, “imperador” e “competidor”, do português. Entram, em nossa língua, por via popular como bem atesta a sonorização da oclusiva alveolar intervocálica.

No tomo XII de seus *Discursus*, Cícero defende, em 62 a.C., o poeta grego Archias da iminente expulsão de Roma por ser estrangeiro. A postura de Cícero simboliza a inaceitabilidade da intolerância e o acolhimento daquilo que é bom, mesmo se distinto de nós. O volume traz ainda um discurso pela defesa de Flacco, em um outro julgamento nos domínios romanos. Também nesse trabalho, obtivemos trechos com palavras X-TOR, conforme mostraremos agora em (56).

(56)

a.

Data est ciuitas Siluani lege et Carbonis, si qui foederatis ciuitatibus adscripti fuissent, si tum, cum lex ferebatur, in Italia domicilium habuissent et si sexaginta diebus apud **praetorem** essent professi.

Foi dada cidadania pela lei de Silvano e Carvão àqueles que tivessem sido registrados nas cidades federadas e a todos que tivessem inscritos nessas cidades, se, no momento

da lei, tinham o seu domicílio na Itália e se, em sessenta dias, tivessem feito uma declaração na frente do **pretor**.

b.

Quam multas nobis imagines nom solum ad intuendum, uerum etiam ad imitandum fortissimorum uirorum expressas **scriptores** et Graeci et Latini reliquerunt!

Quanto aos **escritores**, gregos e latinos, deixaram-nos imagens marcantes de personagens enérgicos, que podem ser contemplados e imitados.

c.

Nam antea, cum dixerat **accusator** acriter et uehementer, cumque defensor suppliciter demissequer responderat, tertius ille erat exspectatus lócus testium, qui aut sine ullo studio dicebant aut cum dissimulatione aliqua cupiditatis.

Anteriormente, quando o **acusador** tivesse falado com ardor e veemência, e o defensor, ao contrário, com suplica e humildade, era a volta, assim esperada, dos testemunhos que apontavam, sem nenhuma parcialidade ou dissimulação, a sua posição.

d.

Sciunt haec omnes nobiles, sciunt boni uiri, sciunt denique nostri homines, sciunt mediocres **negotiatores**.

Estes fatos são conhecidos dos nobres do país, conhecidos das pessoas de bem, conhecidos pelo último de nossos concidadãos e dos pequenos **negociadores**.

e.

Nolite existumare, iudices, nom unam et eandem omnibus in locis esse **fraudatorum** et **infitiatorum** impudentiam.

Seja persuadido bem, juizes, que impudência é, por toda a parte, idêntica nos **fraudadores** e nos maus **pagadores**.

Em (56), “praetorem” (“pretor”), para Saraiva (2006), designava os que ocupavam posição hierárquica máxima em algo. Era a denominação que recebiam, entre outros, os ditadores, os cônsules, os intendentes do tesouro e o governador de uma província. O *Houaiss Eletrônico* ainda afirma que essa era a designação recebida pelos senhores de terras na Idade Média. Em português, “pretor” é registrado, por este mesmo dicionário, como regionalismo do Rio de Janeiro na nomeação de um juiz com categoria inferior ao juiz de direito.

“Scriptores” (“scriptor”), “accusator”, “negotiatores” (“negotiator”) e “fraudatorum” (“fraudator”) apresentam relação formal com os vocábulos que derivam em português. Estas três últimas palavras chegam normalmente por via popular, visto que sonorizam o /t/. Já para “scriptores”, existe dúvida quanto a essa origem popular, conforme mostramos nesta mesma seção.

“Infitiatorum” (“infitiator”), conforme Saraiva (2006), é “o que nega uma dívida; mau pagador”, correspondendo, portanto, a um “caloteiro”. Essa palavra latina não foi base para nenhum vocábulo do nosso idioma.

Nos próprios dicionários de latim, cuja fonte principal dos verbetes, como sabemos, é a vasta obra literária da Antiguidade, palavras X-TOR são facilmente encontradas. Os exemplos abaixo, em (57), foram extraídos de Saraiva (2006). Construimos uma tabela para mostrar, além do verbete, sua base e seu significado.

(57)

VERBETE	BASE - INPUT	SIGNIFICADO
ADDICTOR	Addicere	O que entrega os bens em decorrência de adjudicação. Adjudicador.
ADJUTOR	Adjuare	O que ajuda, socorre.
CAPTATOR	Captare	O que procura ou anda à caça de alguma coisa. <i>Captator aurae popularis. (Lívio).</i>
CAPTIVATOR	Captiare	O que faz alguém prisioneiro. Captor, capturador.
CASTIGATOR	Castigare	O que repreende, reprime, censura.
CONSOLATOR	Consolare	O que consola, consolador.
CONSULTOR	Consulere	O que dá consulta, consultor. O que consulta, consultante.
DEFINITOR	Definire	O que prescreve, indica.
DESTRUCTOR	Destruere	Destruidor.
DICTATOR	Dictare	Supremo magistrado extraordinário em Roma. O que dita para outro escrever.
EDUCATOR	Educare	O que cria, nutre, mantém, pai ou quem faz as vezes de pai. Educador, pedagogo, preceptor.
EDITOR	Edere	O que gera, produz. Autor, fundador.
FECUNDATOR	Fecundare	O que fecunda, fertiliza.

VERBETE	BASE - INPUT	SIGNIFICADO
FLAGITATOR	Flagitare	O que pede com insistência. Inoportuno.
GUBERNATOR	Gubernare	O que governa, dirige o leme, timoneiro, piloto. O que dirige os negócios do estado.
HALLUCINATOR	Hallucinari	O que causa alucinações, aquele que faz cair em erro.
LATITATOR	Latitare	O que conserva escondido.
LATRATOR	Latrare	O que ladra, ladrador.
LATROCINATOR	Latrocinari	Salteador, bandido, bandoleiro, ladrão.
LEGISLATOR	Legislare	O que propõe ou promulga uma lei.
MINISTRATOR	Ministrare	Servidor, servente. O que ajuda um orador numa causa, ajudante, adjunto, assistente.
MOECHATOR	Moechari	Homem adúltero. O que comete adultério.
MUSCIPULATOR	Muscipula (nom)	Gatuno, velhaco.
NUTRITOR	Nutrire	O que cria (criança ou animal).
OBARATOR	Obarare	Lavrador.
OBJURGATOR	Obiurgare	O que repreende severamente.
PENATOR	Penus (nom)	O que traz os comestíveis.
PENETRATOR	Penetrare	O que penetra.
PERCEPTOR	Percipere	O que colhe.
PICTOR	Pingere	Pintor.
PISCATOR	Piscari	Pescador.
PROPAGATOR	Propagare	O que consegue a prorrogação de um mandato.
PUGNATOR	Pugnare	Combatente, guerreiro, soldado.
SCISCITATOR	Sciscitari	O que se informa, o que tira inquirição.
SEDUCTOR	Seducere	Sedutor, corruptor, enganador.
TINCTOR	Tingere	Tintureiro.
TRANSFIGURATOR	Transfigurare	O que transforma, metamorfoseia.
USURPATOR	Usurpare	O que usurpa, usurpador.
VENTILATOR	Ventilare	O que joeira, que mexe as mãos rapidamente.
VERSIFICATOR	Versificare	O que faz versos. Poeta.

O que é visível nesses dados da língua escrita, tanto nos trechos das obras literárias quanto nos verbetes do dicionário, é a ausência de dados de agente instrumental, muito embora até possamos imaginar esse uso em algumas palavras de (57). O verbete “ventilator” não faz alusão a objeto, mas àquele que mexe rapidamente as mãos na tarefa de peneirar o trigo.

Vemos, assim, que os dados da escrita se dividem em agentes profissional e habitual. Ainda em (57), podemos observar que “consultor” encerra dois significados: um de agente (o que dá conselhos) e um de paciente (o que recebe conselhos). Em

nossa língua, isso não ocorre. De acordo com o *Houaiss Eletrônico*, “consultor” possui apenas semântica agentiva. Coube à “consulente” o significado de recebedor da ação. É importante perceber que o verbo “consulere”, em latim, apresentava significado ativo e passivo, o que explica o fato. Saraiva (2006) arrola para o verbete tanto os significados de “deliberar, ocupar-se de, olhar por, atender” (ativos), quanto “tomar conselho” (paciente). Na passagem para o português, portanto, o vocábulo X-TOR perdeu o significado paciente, transferindo-o para a forma antes citada, derivada do particípio presente do mesmo verbo. Há ainda o verbo “consultare”, que, por derivação, forma “consultator” e origina “consultador” em português. Nas duas línguas, possui significado paciente¹⁸.

“Moechator” e “obarator” apresentam bases que se perderam no português. No primeiro item, o verbo “moechari” significava “cometer adultério”. Nosso idioma, como sabemos, não traduz essa ideia por meio de um vocábulo X-DOR. O verbo “adulterar” vem do latim “adulterare”, mas seu significado de “cometer adultério” é o último arrolado para o verbete¹⁹. O mesmo ocorre no dicionário *Houaiss Eletrônico*. A forma agentiva, “adúltero”, provém do latim “adulter”, que apresenta significado de “violação da fé conjugal” apenas por extensão do sentido original de “falsificação”.

“Obarator” significa “lavrador”. Em português, a palavra deriva de “lavar”, que se origina no latim “laborare”. A base latina “obarare” (lavar, cultivar) se perde em português. Nem mesmo “obrar” surge daí. Deriva de “operare”, cujo significado era o de “trabalhar”, “executar”.

¹⁸ Segundo Saraiva (2006): o que pede conselho a um juriconsulto, o que consulta, consultante. No português, de acordo com o *Houaiss Eletrônico*: o mesmo que consulente.

¹⁹ Com base no mesmo dicionário latino, o verbete apresenta os seguintes significados, na ordem: alterar, falsificar, estragar, corromper. Cometer adultério.

Os verbetes “muscipulator” e “penator” são itens X-TOR diferenciados. Isso porque apresentam bases nominais. O primeiro deriva de “muscipula”, armadilha de ratos. O vocábulo X-TOR, dessa forma, representa aquele “que apanha ratos”: um “gato”, que, por extensão semanticamente negativa, se torna um “gatuno”, “ladrão”, “bandido”. “Penator”, por sua vez, é derivação de “penus”, que significa “víveres”, “alimentos”.

Sumariando, notamos que é farta, no latim literário, a presença de vocábulos com a estrutura X-TOR. Os significados recorrentes são os de agentes animados. É provável, portanto, que esses itens já estivessem presentes no latim falado, o vulgar, de onde surgem as línguas românicas. Vejamos, então, se isso se sustenta partir dos dados comparativos das línguas românicas.

5.1.2 X-DOR no latim vulgar

Como vimos no capítulo 3, a melhor maneira de conhecermos o latim vulgar é a exploração do Método Histórico-Comparativo. A recorrência de um fato ou vocábulo nas línguas românicas propicia a reconstrução da forma original e, conseqüentemente, é indício de sua existência na fala dos habitantes da România.

Essa investigação é de fundamental importância para definirmos a associação de significados ao sufixo –TOR. Isso porque, obviamente, as mudanças acontecem a partir da fala. Vejamos, então, o início do passo III.

5.1.2.1 Agentes profissionais

Veremos, inicialmente, se existe recorrência dos itens X-DOR que representam agentes profissionais. Os dados de (58) trazem vocábulos, com a estrutura em questão, escritos em quatro línguas românicas: português, espanhol, francês e italiano.

(58)

AGENTE PROFISSIONAL ²⁰			
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	FRANÇÊS	ITALIANO
ABASTECEDOR	Suministrador	Fournisseur	Fornitore
ABATEDOR	Abatidor	Boucher	Abbattitore
ADESTRADOR	Adiestrador	Dresseur/Instructeur	Addestratore
ADMINISTRADOR	Administrador	Administrateur	Amministratore
ANIMADOR	Animador	Animateur	Animatore
APRESENTADOR	Presentador	Présentateur	Presentatore
ARREMESSADOR	Arrojador	Lanceur	Scagliatore
AVALIADOR	Evaluador	Estimateur	Stimatore
BORDADOR	Bordador	Brodeur	Ricamatore
BOXEADOR	Boxeador		Pugile
COBRADOR	Cobrador	Receveur	Ricevitore
CONTADOR	Contador	Compteur	Contatore
CONTROLADOR		Contrôleur	Controllore
COORDENADOR	Coordinador	Coordinateur	Coordinatore
COPIADOR	Copiador/Copista	Copiste	Copista
CORTADOR	Cortador	Coupeur	Tagliente
CURADOR	Curador	Curateur	Curatore
DECORADOR	Decorador	Décorateur	Decoratore
DIGITADOR	Digitador		
EDUCADOR	Educador	Educateur	Educatore
EMBALSAMADOR	Embalsamador	Embaumeur	Imbalsamatore
EMPACOTADOR	Empaquetador	Emballeur	Imballatore
ENCANADOR	Cañero / Fontanero	Plombier	Fontaniere
ENCERADOR		Cireur	Inceratore
ESTOFADOR	Tapicero	Tapisier	Addobbatore
GOVERNADOR	Gobernador	Gouverneur	Governatore
HISTORIADOR	Historiador	Historien	Storico
JOGADOR	Jugador	Joueur	Giocatore
LEGISLADOR	Legislador	Législateur	Legislatore
MAQUIADOR	Maquillador	Maquilleur	
MERGULHADOR	Zambullidor	Plongeur	Palombaro/Marangone/tuffatore
ORADOR	Orador	Orateur	Oratore
ORIENTADOR	Orientador	Directeur de thèse	Orientatore
PESCADOR	Pescador	Pêcheur	Pescatore
PROGRAMADOR	Programador	Programmeur	Programmatore
SAPATEADOR	Bailarin		
SERVIDOR	Servidor	Serviteur	Servitore
SOLDADOR	Soldador	Soudeur	Saldatore

²⁰ As células em vermelho significam que não foram encontradas traduções para o vocábulo português nos dicionários bilíngues apresentados nas referências bibliográficas.

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	FRANÇÊS	ITALIANO
TATUADOR	Tatuador	Tatoueur	
TRATADOR	Cuidador		Trattatore
TREINADOR	Entrenador	Entraîneur	Allenatore
VARREDOR	Barredor	Balayeur	Spazzatore
VENDEDOR	Vendedor	Vendeur	Venditore
ZELADOR	Celador	Concierge	Custode

Preliminarmente, é necessário fazer alguns comentários acerca da transformação do sufixo. Em (58), notamos que –TOR evoluiu em três direções. Passou a –DOR, sonorizando /t/, nas línguas portuguesa e espanhola. Mudou, com acréscimo de um /e/ paragógico, para –TORE em italiano.

Na língua francesa, converteu-se em –(T)EUR. A sequência de grafemas <EU> corresponde a /œ/, vogal anterior, médio-baixa e arredondada. Portanto, comparando com o /o/ original, o francês anteriorizou e abaixou o fonema em um grau. Outro fato evidente deste último idioma é a supressão do /t/ em várias palavras.

Passando agora para a análise da tabela apresentada, **podemos confirmar, de maneira irrefutável, que, já no latim vulgar, o sufixo –TOR se associava ao significado de agente profissional.** Para compreendermos isso, é importante diferenciarmos a **unanimidade semântica** da **unanimidade vocabular**. Em relação à primeira, percebemos que a acepção em voga se liga ao formativo em todas as línguas românicas em estudo, uma vez que, nas quatro colunas, existe número considerável de dados. No que tange à segunda, depreendemos cinco situações, destacadas em (59) e que direcionam o passo IV :

(59)

- (a) a célula está sem preenchimento;
- (b) a base é diferente da original;
- (c) o sufixo não é evolução de –TOR;

- (d) há combinação de (b) e (c);
- (e) representação por item lexical simples.

Essa ausência de unanimidade vocabular pode levantar dúvidas quanto à presença do vocábulo no latim vulgar, embora, via de regra, haja perfeita reciprocidade entre base e sufixo pelas línguas²¹. É importante enfatizar que não temos como questionar o fato de o significado agente profissional fazer parte da modalidade falada da língua dos romanos. Para reforçarmos esse posicionamento, nos parágrafos seguintes trataremos de esclarecer as irregularidades antes enumeradas.

Como já foi destacado, a situação (59) “a”, células sem preenchimento, diz respeito a itens para os quais não encontramos correspondência nas línguas românicas. Muitas vezes, não há vocábulo específico para traduzir a ideia veiculada por X-DOR. Exemplo emblemático é “sapateador”. Almoyna [1974], em tradução confirmada pelo *Dicionário Larousse* (2006), traduz a palavra como “bailarino de sapateado”. Procedimento idêntico faz Parlagreco (1971) para o italiano.

A situação (59) “b” é a mais frequente causa de estranhamento daqueles que examinam a tabela. A base é diferente da do vocábulo em português, mas a semântica agentiva profissional é preservada em –DOR. Vejamos alguns dos casos.

Em francês e italiano, “abastecedor” é traduzido como respectivamente “fournisseur” e “fornitore”, ou seja, correspondem a “fornecedor” e a base tem origem no provençal “fornir”. O português possui “abastecedor”, segundo o *Houaiss Eletrônico*, por

²¹ Observemos, por exemplo, os casos de “administrador”, “animador”, “curador”, “governador”, “programador” e “vendedor”.

meio do latim vulgar “bastare”. No espanhol, “suministrador” se origina do latim “subministrador”²², que significava “prover alguém do necessário”.

O francês é a única das línguas pesquisadas que usa base diferente da latina “addextrare”²³ para “adestrador”. Encontramos, em Rousé e Cardoso (1972) e Burtin-Vinholes (2008), dois termos equivalentes: “dresseur” e “instructeur”. O primeiro vem, segundo Dubois et al. (1994), do latim vulgar “directiare”, base para o verbo “dresser”: “endireitar”, “levantar”. Já o segundo equivale a “instrutor” do português e o *input* original é o latim “instruere”.

Para “avaliador”, português e espanhol (“evaluador”) partem da base latina “valere”. Seu significado é “ser forte”, “ter saúde”, “passar bem”. A adjunção do “a”, que diacronicamente é prefixo, dá ideia de verificação dos predicados arrolados para o verbo. Já em francês e italiano, a origem é o verbo “aestimare”: “fixar o preço ou valor”, “avaliar”. Este mesmo verbo latino é a origem de “estimar” em nossa língua²⁴.

Português, espanhol e francês têm no germânico “bruzdôn”, que posteriormente passa para o latim “brozdare”, o *input* de “bordador”. No italiano, contudo, “ricamatore” vem do árabe “rakama” (“bordar”).

“Cobrador”, diferentemente do que ocorre em português e espanhol, apresenta em francês e italiano, como base original, a latina “recipere”, gerando “receveur” e “ricevitore” respectivamente. No nosso idioma, o verbo latino é ponto de partida de

²² Este vocábulo apresenta como base o verbo “ministrare”, cujo significado é “ministrar”, “servir”. O prefixo “sub” atribui ideia de limitação do ato, isto é, “servir ou fornecer somente o necessário”.

²³ Na base da palavra, há “dexter”, “direito”. Logo, a tradução literal é “tornar direito”.

²⁴ Segundo o Houaiss Eletrônico, existe “estimador” em português.

“receber” e, por consequência, de “recebedor”²⁵. Apesar da sinonímia, é fato notório que, entre nós, prevalece “cobrador”, que vem do latim “recuperare”.

Da mesma forma que o item anterior, “empacotador” possui o mesmo comportamento. Em português e espanhol, a base da palavra origina-se de “pacque” (francês antigo), que, por sua vez, vem de “packe”, do médio holandês. No português, a base “paca” corresponde a “fardo”, “embrulho”²⁶. Curiosamente, em francês, assim como no italiano, “empacotador” equivale a “embalador” (“emballeur” e “imballatore”, respectivamente). A base do vocábulo é o germânico “balla” (“pacote”, “embrulho”), que gera “balle”, em francês, e “balla”, em italiano²⁷.

O caso mais simbólico de bases diferentes e preservação do sufixo –TOR é “mergulhador”²⁸. Isso porque as quatro línguas românicas trazem *inputs* distintos. A base de “zambullidor” (espanhol) é “zambullirse” (“mergulhar”). O verbo deriva do espanhol antigo “sobollir”, que vem de “sepelire” (“sepultar”), do latim. Existe um “subbullire”, também do antigo espanhol, que dá ideia de “bulir por baixo”, com suavidade: quando algo cai na água e vai ao fundo, cria uma corrente de ar que toca a superfície da água (portanto, em um movimento de baixo para cima). Esse “SUB-”, então, mantém relação opositiva de intensidade com “ZAM-”, que está ligado à inserção abrupta, isto é, um choque mais violento ou pouco suave, como o da projeção do corpo humano sobre a água.

Em italiano, encontramos, em Parlagreco (1971) e no dicionário Langenscheidt (1999), três traduções para o verbete. A primeira é “tuffatore”, cuja base italiana é

²⁵ O mesmo ocorre em espanhol (cf. Larousse 2006).

²⁶ Em “pacote”, portanto, “OTE” é sufixo diminutivo da mesma forma que em “filhote” ou “meninote”.

²⁷ No português, também há “bala” com o sentido apresentado. A palavra germânica é a origem ainda de “bala”, projétil; e de “ball”, do inglês, que gera “bola” em nossa língua. “Bala”, guloseima, também se origina daí, pois é um doce que, em geral, vem embalado.

²⁸ Para o *Houaiss Eletrônico*, “mergulhar” vem do latim vulgar “merguliare”.

“tuffare”, que provém de “toufan” (“mergulhar”), do antigo alemão. As outras duas são “palombaro” e “marangone”, que se encaixam na situação (59) “e” – representação por um item lexical. “Palombaro”, do latim “palumba” (“pomba”), representa uma “ave palmípede”²⁹ conhecida como mergulhão. “Marangone”, do latim “mergus”, também corresponde a uma ave aquática, um “corvo marinho”. Portanto, nestas duas últimas significações, há extensão de sentido que se transfere de um animal para o homem em função da ação de mergulhar. Essa contiguidade semântica, inexistente em português para o vocábulo em exame, nos permite afirmar que existe relação metonímica nesse processo.

Esse caso do italiano se faz presente também na língua francesa. “Plongeur” possui como base o verbo “plonger”, “mergulhar”, que, de acordo com Rousé e Cardoso (1972), encerra ideia de “adentrar com violência”, conforme visto no espanhol para “zambullirse”. Designa ainda, como no italiano, a ave “mergulhão”.

Para fechar a situação (59) “b”, vale a pena comentar o caso de “varredor”. Em português e espanhol (“barredor”), a origem da base é o verbo “verrere”, do latim: “arrastar pelo chão”. “Balayeur”, francês, apresenta base “balai” (“vassoura”), idêntica à palavra original em gaulês. O italiano derivou seu “varredor”, “spazzatore”, de outro verbo latino, sinônimo de “verrere”: “spatiare”. Significa “espaçar” e, por extensão, “passar a vassoura em um espaço”.

A situação (59) “c” observa que, em alguns casos, o sufixo do vocábulo não é o –TOR latino. Isso ocorre, de maneira mais evidente, em “copiador” e “historiador”. Assim como em português, o espanhol apresenta, conforme mostra a Enciclopédia Sopena (1928), “copiador” e “copista”. O sufixo –ISTA, que também está no francês (“copiste”) e

²⁹ De acordo com o *Houaiss Eletrônico*, é a ave que possui os dedos dos pés unidos por membranas.

no italiano (“copista”), deriva do grego “-ISTES”, com significado essencialmente agentivo³⁰.

“Historiador” apresenta sufixo diferente nas línguas italiana e francesa. Na primeira, a semântica agentiva recai sobre “-ICO” (“historico”), formador de adjetivos presente também em português³¹. Origina-se do latim vulgar “-ICU” ou “-ICCU”, segundo o *Houaiss Eletrônico*. Em francês (“historien”), à base agrega-se o sufixo “-EN”.

A situação (59) “d” refere-se a itens que alteram base e sufixo, portanto combinação de (59) “b” e (59) “c”. O primeiro caso desse modelo é “cortador” em italiano. “Tagliente” vem de “taliare”, forma que apareceu no latim tardio, e significa “cortar”. O verbo latino gera em português “talhar”, que também significa “cortar”. O vocábulo italiano usa o sufixo –NTE, que possui semântica agentiva da mesma forma que –DOR e surge do participio presente latino, conforme mostraremos no próximo capítulo.

O caso representativo de (59) “d” é “encanador”. Em espanhol, há duas traduções segundo Larousse (2006), Almoyna [1974?] e Enciclopédia Sopena (1928): “cañero” e “fontanero”. “Cañero”, a rigor, deveria ser inserido no caso (59) “c”, pois a base é a mesma de “encanador”, isto é, “cano”. Esta base deriva do latim “cannae”, palavra emprestada do grego “káнна” e de origem semítica. Significa “cana” (“cana-de-açúcar”). Logo, “cano” vem de “cana” por meio de um processo metafórico, de semelhança. O sufixo –ERO, correspondente ao –EIRO do português, provém, como

³⁰ Conforme podemos observar nas palavras “dentista”, “paisagista” e “golpista”, do português.

³¹ Alguns exemplos: “afásico”, “anestésico” e “dietético”.

mostrado no trabalho de Marinho (2004), de –ARIU, formador de adjetivos e agentivos no latim.

O espanhol “fontanero” possui como base “fuente” (“fonte”), originando-se de “fons, -tis” do latim. Faz referência, dessa forma, às fontes arquitetônicas. Em italiano, a base também tem a mesma origem, derivando “fontaniere”, com base “fontana”. Nos dois casos, como se vê, foi adjungida às bases forma proveniente de –ARIU: –ERO e –ERE, respectivamente.

Em francês, “plombier”, também com sufixo correspondente ao –EIRO português, possui base “plomber”, que advém de “plumbum”, do latim, que significa “chumbo”. “Plombier” é, então, aquele que trabalha com chumbo, material de que preferencialmente eram feitos os canos tempos atrás.

Finalmente, encerrando a situação (59) “d”, temos “estofador”, de origem incerta para o *Houaiss Eletrônico*. Em espanhol (“tapicero”) e francês (“tapisier”), foram agregadas à base respectivamente –ERO e –IER. O *input*, comum a essas línguas, tem origem no francês antigo, empréstimo do grego bizantino, “tapíti”, que dá “tapete” em nossa língua. “Addobbatore”, do italiano, típico caso da situação (59) “b”, possui base “addobbare”, que o italiano retirou do anglo-saxão “durban”: “alfaiar”, “decorar”, “adornar”.

Para encerrar os comentários dos itens lexicais de (58), destacamos a situação (59) “e”: representação do vocábulo por item lexical simples, não complexo. Além dos casos citados para “mergulhador”, temos o italiano “pugile” para “boxeador”³². O português tem “pugilista”, do inglês “pugilist”. Essa base presa foi tomada do latim “pugnus”: “murro”, “soco”.

³² “Boxear”, base de “boxeador”, vem de “to box” (inglês), “bater, surrar com os punhos”.

“Zelador” e “celador”, português e espanhol respectivamente, derivam da base latina “zelare”, “ter inveja, zelos, buscar com empenho”. Francês e italiano representam o conceito em questão via item lexical simples: na ordem, “concierge” e “custode”. O primeiro provém de “cumcerge”: “guardião”, em grego. Já o segundo tem origem no latim “custos, -odis”, que significava “guarda”, “protetor”.

Com esse exame etimológico, conseguimos o objetivo de mostrar que o estranhamento oriundo de muitas palavras da tabela não é determinado por uma suposta ausência do item no latim vulgar e tampouco pela inexistência do agente profissional em formas X-TOR na fala.

Em 5.1.1, vimos que agentes profissionais X-TOR existiam na escrita latina, o que é forte indício da presença da aceção na fala. Outro argumento decisivo para sustentar a presença dos profissionais já no latim vulgar é o exame etimológico a respeito da datação inicial dos vocábulos no português escrito (passo V). O desejável é que, como os profissionais X-DOR faziam parte da língua latina vulgar, sua entrada no português tenha ocorrido nos primórdios do idioma, ou seja, séculos XII a XIV (romance galego-português)³³. Uma aceção ausente do latim vulgar teria, primeiramente, de se constituir nos romances para conseqüentemente ser registrada em um vocábulo X-DOR em função do uso. Dessa forma, o percurso seria mais longo e assim levaria tempo maior para ingressar nos registros do idioma. Vejamos a tabela abaixo:

³³ Conforme periodização estabelecida por Teyssier (1997).

(60)

VOCÁBULO ³⁴	REGISTRO DE X-DOR ³⁵	REGISTRO DE X (BASE)
ABASTECEDOR	1841	1513
ABATEDOR	1565	XIII
ADESTRADOR	XV	1189
ADMINISTRADOR	XIII	1402
ANIMADOR	1789	1440
APRESENTADOR	XV	XIII
ARREMESSADOR	1647	XIV
AVALIADOR	1549	1322
BORDADOR	1712	XV
BOXEADOR	1935	1958
COBRADOR	1679	XIII
CONTROLADOR	?	1919
COORDENADOR	1913	1712
COPIADOR	1651	1407
CURADOR	XIII	XIV
DECORADOR	1858	1567
DIGITADOR	1960	1836
EDUCADOR	1813	XVII
EMBALSAMADOR	1843	?
EMPACOTADOR	1899	1715
ENCANADOR	?	1649
ENCERADOR	XX	1540
ESTOFADOR	1873	1572
GOVERNADOR	XIV	XIII
HISTORIADOR	XIV	XIV
LEGISLADOR	1572	1706
MAQUIADOR	1975	1975
MERGULHADOR	XIII	XIII
ORADOR	XIII	XIII
ORIENTADOR	1881	1813
PESCADOR	XIII	XIII
PROGRAMADOR	XX	XX
SAPATEADOR	XX	1634-66
SERVIDOR	XIII	XIII
SOLDADOR	1562	XIII
TATUADOR	1982	1899
TRATADOR	XV	XIII
TREINADOR	XX	1616
VARREDOR	1721	1209
VENDEDOR	1271	874
ZELADOR	XV	XIV

³⁴ Nesta e nas outras tabelas semelhantes, as informações foram retiradas dos dados etimológicos apresentados em Houaiss et al. (2001) e no dicionário eletrônico dos mesmos autores.

³⁵ O símbolo “?” que por vezes aparece nas tabelas dessa natureza, conforme podemos presumir, significa que a datação é desconhecida.

Salvo algumas exceções (cf., por exemplo, “boxeador” e “legislador”), as bases são registradas antes dos derivados, o que, com efeito, é o natural em um processo de formação de palavras. Quanto à nossa expectativa, vemos de fato que vocábulos X-DOR apresentam registro já nas origens de nossa língua. Muitas palavras de (60) são do século XIII (casos de, por exemplo, “administrador”, “curador”, “mergulhador”, “orador”, “pescador”, “servidor” e “vendedor”), quando ainda preponderava o galego-português. Outros itens, ao contrário, são mais recentes, do século XX, atestando a produtividade do grupo: “boxeador”, “coordenador”, “digitador”, “encerador”, “maquiador”, “programador”, “sapateador” e “tatuador”. Com a finalidade de reforçar (60), veremos em (61) se a datação dos X-DOR pelas línguas românicas também é proveniente do período inicial desses idiomas (passo VI)³⁶.

(61)³⁷

ESPAÑHOL		FRANÇÊS		ITALIANO	
VOCÁBULO	REGISTRO	VOCÁBULO	REGISTRO	VOCÁBULO	REGISTRO
Cobrador	1275	Fornisseur	XV	Fornitore	1330
Curador	1495	Administrateur	XII	Amministratore	1294
Educador	1604	Animateur	1801	Animatore	1745
Governador	1220	Curateur	1227	Ricevitore	1304
Historiador	1295	Educateur	1527	Contatore	1292
Legislador	1611	Gouverneur	1050	Curatore	1304
Vendedor	1187	Plongeur	1260	Educatore	1575
		Pêcheur	XII	Imballatore	1598
		Vendeur	XII	Governatore	1342
				Venditore	XIII

³⁶ O castelhano tem seu primeiro registro escrito nas *Glosas Silenses e Emilianenses* (século X), embora alguns estudiosos vejam, no questionado *Cartulário de Valpuesta* (século IX), o embrião da língua espanhola. No francês, o primeiro documento escrito registrado foi o “Juramento de Estrasburgo” (842).

³⁷ As tabelas semelhantes, neste capítulo e no sétimo, tiveram dados extraídos de Corominas (1973) e Corominas e Pascual (1985) para o espanhol; Dubois et al. (1994) e Picoche (1986) para o francês; e Cortelazzo e Zolli (1988) para o italiano.

Também nos dados acima, podemos encontrar endosso para a presença de agentes profissionais X-DOR no latim vulgar. (61) corrobora as conclusões de (60). Em espanhol, o registro mais antigo é do século XII e pertence à palavra “vendedor” (1187). No século XIII, temos “cobrador” (1275), “governador” (1220) e “historiador” (1295).

Francês e italiano também possuem registros bastante antigos. No caso da primeira língua, “gouverneur” (1050: século XI) é a construção mais antiga da tabela. No italiano, “amministratore” (1294: século XIII), “contatore” (1292: século XIII) e “venditore” são os registros mais remotos.

Observaremos agora se agentes frequentativos também já estavam presentes na fala, uma vez que, como visto nos levantamentos do latim clássico, esse significado já aparecia na escrita. Na próxima seção, mais uma vez, trabalharemos os passos de III a VI.

5.1.2.2 Agentes frequentativos

(62)

AGENTE FREQUENTATIVO			
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	FRANÇÊS	ITALIANO
ADULADOR	Adulador	Adulateur	Adulatore
AFANADOR	Afanador		
AGITADOR	Agitador	Agitateur	Agitatore
BAZOFIADOR	Fanfarrón		Millantatore/Fanfarone
BEBEDOR	Bebedor	Buveur	Bevitore
BEIJADOR	Besador		Baciatore
BLASFEMADOR	Blasfemador	Blasphémateur	Bestemmiatore
CONSPIRADOR	Conspirador	Conspirateur	Conspiratore
CUSPIDOR	Escupidor	Cracheur	Sputacchiatore
DEBOCHADOR		Débauché	Debosciato
DISCIPLINADOR	Disciplinador		Disciplinatore
DISSIMULADOR	Disimulador	Dissimulateur	Dissimulatore
DIVAGADOR	Divagador	Divagateur	Divagatore
ENCARNADOR	Encarnador		

ENGANADOR	Enganador	Trompeur	Ingannatore
ESPANCADOR	Pendenciero/apaleador		Bastonatore
FALADOR	Hablador	Hableur	Parlatore
FRAUDADOR	Defraudador	Fraudeur	Fraudatore
GOZADOR			Goditore
LAMBEDOR	Lamedor		
LAMENTADOR	Lamentador		Lamentatore
MAMADOR	Mamador		
MEDITADOR	Meditador		Meditatore
NAMORADOR	Galanteador	Galant	Corteggiatore/Conquistatore
PECADOR	Pecador	Pécheur	Peccatore
POUPADOR	Ahorrador	Économe	Risparmiatore
PRAGUEJADOR	Jurador/detractor/imprecator		Bestemmiatore
RABISCADOR	Rabiscador	Griffonneur	Scarabocchiare
RONCADOR	Roncador	Ronfleur	
ROSNADOR	Rezongador	Grogneur	Brontolone/Borbottone
SONHADOR	Soñador	Songeur	Sognatore
SUBORNADOR	Sobornador	Suborneur	Subornatore
TRAGADOR	Tragador		Inghiottitore
TRAPACEADOR	Trapacero	Trompeur	
USURPADOR	Usurpador	Usurpateur	Usurpatore
VINGADOR	Vengador	Vengeur	Vendicatore

Também aqui, o Método Histórico-Comparativo nos **fornece prova contundente da presença do significado de agente frequentativo no latim vulgar** (passo III). Há unanimidade semântica – todas as línguas apresentam o significado na forma derivada de X-TOR –, mas não há unanimidade vocabular, que, como mostramos anteriormente, é explicável e não constitui contraprova à nossa conclusão.

Linha idêntica a do passo IV da tabela dos profissionais será seguida aqui. Isso porque as mesmas cinco situações observadas para eles podem ser aplicadas para agentes frequentativos. Mais uma vez, e de forma mais intensa, destacam-se, nos itens que causam estranhamento, a alteração da base e a preservação do sufixo originado

de X-TOR. Temos de ressaltar ainda que, igual ao que ocorreu em (58), é a regularidade de *input* e de formativo o fato mais frequente em (62)³⁸.

No que tange à situação (59) “a”, não encontramos, nos dicionários que constam das referências bibliográficas, traduções para alguns vocábulos X-DOR do português. É visível que as lacunas em (62) são bem mais presentes que em (58), sobretudo nas palavras da língua francesa. Muitos itens foram excluídos de (62) porque não achamos correspondência em nenhuma das outras três línguas românicas. Foram os casos de, entre outros, “curtidor”, “fuçador”, “mamador”, “paquerador”, “trepador” e “zoador”.

A situação (59) “b”, como dito, também é, nos casos de estranhamento, a mais comum em (62). Começamos pelo caso de “bebedor”. Português e espanhol, com formas iguais, além do italiano “bevitore”, possuem o mesmo ponto de partida: a base latina “bibere”. O item francês, “buveur”, com *input* “boire”, deriva de forma idêntica do grego.

Vejamos agora o caso de “cuspidor”. O vocábulo português e seu correspondente em espanhol (“escupidor”) provêm da base latina “conspuere”: “emporcalhar com catarro” (cf. Saraiva, 2006). Em francês, “cracheur” é derivado da base verbal “cracher” (“cuspir”, “escarrar”), que surge de “craccare”, do latim vulgar. Segundo Dubois et al. (1994), o verbo possui origem onomatopaica, pois seu som seria semelhante ao observado no ato de expelir o cuspe ou o escarro. “Sputacchiatore”, italiano, apresenta como *input* “sputacchiare”, que vem de “sputare”, este sim, “cuspir” na língua romana.

“Enganador”, português; “enganador”, espanhol; e “ingannatore”, italiano apresentam, de acordo com o *Houaiss Eletrônico*, origem comum no latim vulgar

³⁸ São os casos de, por exemplo, “adulador”, “agitador”, “bebedor”, “blasfemador”, “sonhador” e “vingador”.

“*ingannare”. Na língua francesa, a palavra em exame é traduzida como “trompeur”, cuja base é o verbo “tromper”: “usar a trompa (instrumento musical)”. Dubois et al. (1994) e Picoche (1986) não explicam a razão de o uso da trompa ser associado a um indivíduo enganador.

“Namorador”, cujo *input* contém “amor”, do latim, não encontra, nas línguas românicas em estudo, correspondente com a mesma base. Espanhol e francês possuem, respectivamente, “galanteador” e “galant”³⁹. O vocábulo francês é item lexical simples, consonante com a situação (59) “e”. Essas palavras vêm do italiano “gala” (“elegância”), que, por sua vez, deriva de “gale”, do francês antigo: “prazer”, “divertimento”. O *Houaiss Eletrônico* mostra ainda que o item do francês antigo se origina do latim vulgar “*walare”: “ter sombra e água fresca”. Em italiano, “corteggiatore” e “conquistatore” são equivalentes de “namorador”⁴⁰. “Corteggiare” surge do latim “cohors, ortis”: “corte”. “Conquistare” aparece somente no latim medieval, com essa mesma forma.

“Poupador” também não encontra, com a base “poupar”, equivalência nas outras línguas. O vocábulo português vem de “palpare”, que dá o nosso verbo “palpar”: “tocar levemente com a mão, acariciar”. O *Houaiss Eletrônico*, citando Antenor Nascentes, diz que o significado de “gastar moderadamente” deriva do ditado “com as cautelas de quem apalpa”, que quer dizer “precaução”. “Ahorrador”, do espanhol, provêm do árabe “horr”. Essa palavra diz respeito ao escravo que passa à condição de homem livre. Refere-se ainda à concessão que os fazendeiros fazem aos empregados para aproveitarem, sem nenhuma paga, os produtos dos animais: carne e leite, sobretudo.

³⁹ O português também possui “galanteador”.

⁴⁰ Da mesma forma, há “cortejador” e “conquistador” em nossa língua.

Esses funcionários juntam o produto até uma próxima concessão, dando, assim, a ideia de poupar. “Risparmiatore” (italiano) deriva do gótico “sparanjan”, que possui o sentido em questão. A tradução francesa, “économe⁴¹”, não é item lexical complexo e advém de “oeconomicus”, que o latim importa do grego “oikonomikós”.

Em espanhol, os correspondentes a “praguejador”⁴² são “jurador”, “detrator” e “imprecator”, todos presentes em português. O primeiro item é oriundo de “jurare”, do latim. Saraiva (2006) prevê para o item, além do sentido mais comum da palavra, o significado de “lançar pragas”. “Detrator” vem de “detractare”, também do latim. Significa “depreciar”, “difamar”. Já “imprecator”, com base “imprecar” (“desejar o bem ou o mal”), surge do latim “imprecare”. O *Houaiss Eletrônico* registra o verbo, mas não o substantivo deverbal. O mesmo verificamos no *Aurélio* (Ferreira, 1999). O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (1999), no entanto, lista “imprecador”. Em francês, não encontramos vocábulo correspondente e o italiano usa o mesmo item de “blasfemador”: “bestemmiatore”, cuja base nessa língua é “bestémnia” (do latim “blasphemia”).

“Rosnador” tem origem incerta. A base provavelmente veio de “roznar” (espanhol): “proferir em voz baixa e entre os dentes”. “Rezongador” (espanhol), com correspondente “rezingador” (“falar baixo e com mau humor”) em nossa língua, advém de “ranz-”, elemento antepositivo surgido por volta do século XVIII que está na base de formação de itens como “ranzinza”. No francês, a base de “grogneur” é “grogner”, do latim “grunnire”: “grunhir”, “falar por entre os dentes”. Em italiano, temos casos típicos da situação (59) “d”, base e sufixo distintos de –TOR. Às bases “brontolare” e

⁴¹ Burtin-Vinholes (2003) também registra “économique” (complexo), com sufixo derivado de –ICCU.

⁴² “Praguejar” vem do latim “plaga”: “chaga”, “ferida”. Por extensão de sentido, “rogar uma praga” equivale a “lançar um mal (chaga, ferida – literalmente) sobre alguém”.

“borbottare”, ambas com significado de “resmungar” e de origem incerta, agrega-se o “-ONE”, que equivale ao nosso aumentativo “-ÃO”.

“Tragador”, forma idêntica em português e espanhol, possui origem incerta. Não encontramos tradução em francês. É proveniente do verbo “inghiottire” no italiano, cuja origem é o verbo latino “inglutire”: “engolir”.

Para finalizar (59) “b”, temos o item lexical “trapaceador”. Em espanhol, “trapacero⁴³” é caso próprio de (59) “c”, visto que a mudança ocorre no sufixo. Em vez de -DOR, usa-se -ERO, que, como já comentado, correspondente ao nosso -EIRO, derivado do -ARIU latino. Na verdade, típico de (59) “b” é o vocábulo francês, “trompeur”, o mesmo utilizado para “enganador”. Em italiano, não achamos equivalência.

Além do espanhol “trapacero”, a situação (59) “c” se manifesta no item “debosciato”, do italiano, muito embora o -TO não possa ser caracterizado como sufixo, mas como flexão de particípio passado. No próprio português, existe a forma “debochado” como sinônimo de “debochador”. O “-É” final de “débauché”, em francês, da mesma forma que palavra em italiano, possui *status* flexional. Também é, na verdade, um formador de particípio passado.

Também são poucos os casos concernentes a “d” – alteração simultânea de base e formativo. Para “bazofiador”, encontramos, em espanhol e em italiano, o que equivale ao nosso “fanfarrão”: “fanfarrón” e “fanfarone”. O *Houaiss Eletrônico*, a *Enciclopédia Sopena* (1928) e Corominas (1969) afirmam que a palavra é de origem controversa. Dizem que, provavelmente, surgiu do próprio espanhol. A forma antiga seria “farfantón”, vocábulo onomatopaico designador de homem falador. Em italiano,

⁴³ Também no português, conforme registra o *Houaiss Eletrônico*, há o vocábulo “trapaceiro”.

ainda aparece “millantatore”, próprio da situação (59) “b”. A palavra nomearia um ser exagerado. Por isso, sua base encerra a raiz “mille”, do latim “mil” (numeral).

O espanhol traz, como uma das traduções para “espancador”, “pendenciero”. O já citado –ERO é adicionado a uma base que tem origem no verbo latino “pendere”: “pender”, “briga”, “litígio”. “Pender” existe em português, mas não contém a ideia de espancamento veiculada pelo espanhol, que estende semanticamente o verbo. Outra tradução possível é “apaleador” – típica da situação (59) “b” –, que possui “palo” (“pau”) em seu *input*. Essa base deriva do latim “palus”, carregando, portanto, a ideia de “bater com um pau”. Fato semelhante acontece com o italiano. Sendo outro item relativo a (59) “b”, “bastonatore” também guarda em si a ideia de bater com um instrumento. A base verbal italiana “bastonare” significa “golpear com bastão”. Vem do latim vulgar “bastum”.

As reduzidas ocorrências da situação (59) “e” – item lexical não complexo – já foram citadas dentro do texto dos casos anteriores. Foram os casos franceses de “galant” e “économe”.

Portanto, mais uma vez, o estudo etimológico dos dados mostra que as irregularidades da tabela não se relacionam com a ausência do significado agentivo em questão no sufixo –TOR do latim falado.

Assim como ocorre nos profissionais, os frequentativos apresentam registro na escrita latina (cf. 5.1.1), reforçando o resultado da comparação entre as línguas românicas, que advoga pela presença da acepção no latim falado. Vejamos agora se também aqui a pesquisa de datação dos vocábulos no português age no mesmo sentido (passo V). A expectativa, portanto, é por registros antigos. Vejamos a tabela:

(63)

VOCÁBULO	REGISTRO DE X-DOR	REGISTRO DE X (BASE)
ADULADOR	XV	1565
AFANADOR	?	XIV
AGITADOR	1610	1624
BEBEDOR	XIV	XIII
BEIJADOR	?	XIII
BLASFEMADOR	XV	XIII
CONSPIRADOR	1602	1553
CUSPIDOR	1551	XIII
DEBOCHADOR	?	1858
DISCIPLINADOR	1836	XIII
DISSIMULADOR	1573	XV
DIVAGADOR	?	1680
ENCARNADOR	1881	XIII
ENGANADOR	XIII	XIII
ESPANCADOR	?	XV
FALADOR	XIV	1188-1230
FRAUDADOR	1836	1817-1819
GOZADOR	XVI	XVI
LAMBEDOR	1716	XIV
LAMENTADOR	1789	XIV
MAMADOR	1789	XIII
MEDITADOR	1615	XIV
NAMORADOR	1560	XIII
PECADOR	XIII	XIII
POUPADOR	1720	XIII
PRAGUEJADOR	1720	1543
RABISCADOR	1858	1789
RONCADOR	1543	XIV
ROSNADOR	1720	XIV
SONHADOR	XIV	XIII
SUBORNADOR	XVI	1560
TRAGADOR	1589	XIII
TRAPACEADOR	?	1671
USURPADOR	1721	XV
VINGADOR	XIII	XIII

Da mesma forma que o grupo dos profissionais, os agentes frequentativos também possuem registro remoto em nossa língua. “Enganador”, “pecador” e “vingador” são vocábulos com registro oriundo do século XIII. Um século após, já temos “bebedor”, “falador” e “sonhador”. Portanto, igualmente aqui, as datações se harmonizam com os

dados comparados de português, espanhol, francês e italiano, ratificando a ideia de que a acepção já recaía sobre os então X-TOR já no latim vulgar. Observemos agora o ingresso desses vocábulos nos demais idiomas românicos (passo VI):

(64)

ESPAÑHOL		FRANÇÊS		ITALIANO	
VOCÁBULO	REGISTRO	VOCÁBULO	REGISTRO	VOCÁBULO	REGISTRO
Adulador	XVI	Adulateur	1361	Adulatore	1347
Enganador	1495	Agitateur	1520	Agitatore	1624
Pecador	1220	Conspirateur	1302	Bevitore	XIV
Roncador	1495	Hableur	1555	Ingannatore	1347
Vengador	1495	Fraudeur	1349	Parlatore	1294
		Pêcheur	980	Peccatore	XI
		Ronfleur	1552	Sognatore	1354
		Songeur	XII	Vendicatore	XIII
		Trompeur	XIII		
		Vengeur	1120		

A apreciação dos dados nos fornece novamente argumento a respeito da presença dos frequentativos no latim falado. Em espanhol, já no século XIII, encontramos vocábulo X-DOR com o significado em voga. É “pecador”, registrado em 1220. Em francês, “pêcheur” data de 980, século X, portanto. No século XII, “songeur” e “vengeur” (1120) já são encontrados nos documentos franceses. “Peccatore” também é antigo em italiano, remontando o século XI. Dois séculos posteriores, a língua de Dante já acenava com “parlatore” (1294) e “vendicatore” (XIII).

Passemos, agora, à verificação do significado de agente instrumental.

5.1.2.3 Agentes instrumentais

(65)

AGENTE INSTRUMENTAL			
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	FRANÇÊS	ITALIANO
ALISADOR	Alisador	Lisseur	
ALTERNADOR	Alternador	Alternateur	Alternatore
AMORTECEDOR	Amortiguador	Amortisseur	

AMPLIFICADOR	Amplificador	Amplificateur	Amplificatore
APAGADOR	Apagador	Éteigneur	Spegnitore
COMPUTADOR	Computador	Calculateur	Computatore
DEPURADOR	Depurador	Dépurateur	Depuratore
DESCAROÇADOR	Descaroçador		
DESCASCADOR	Descascarador		Sbucciatore
DRENADOR	Drenador		
EMPACOTADOR	Empaquetador		Impaccatore
EMULADOR	Emulador	Émulateur	
ESCOVADOR	Cepillador		Spazzolatore
ESMERILADOR	Esmerilador		Smerigliatore
ESPANADOR	Plumero	Plumeau	Piumino
GERADOR	Generador	Générateur	Generatore
GRAVADOR	Grabador	Graveur	Incisore
IRRIGADOR	Irrigador	Irrigateur	Irrigatore
LIMPADOR	Limpiador	Nettoyeur	Pulitore
MEDIDOR	Medidor	Mesureur	Misuratore
MOEDOR	Moedor	Broyeur	Macinatore
PREGADOR	Clavador		Inchiodatore
PROCESSADOR			Processante
RADIADOR	Radiador		Radiatore
REFRIGERADOR	Refrigerador / Refrigerante	Réfrigérateur	Refrigeratore
VIBRADOR	Vibrador		Vibratore

Antes de explicitar se a tabela (65) leva à conclusão de que instrumentais já apareciam na fala dos romanos, iremos analisar os estranhamentos, antecipando, portanto, o passo IV. Da mesma forma que os quadros anteriores, notamos, também aqui, células em vermelho. Somados a esses itens lexicais para os quais não encontramos traduções, estão vários vocábulos excluídos por falta de correspondência nas línguas neolatinas em foco: “acionador”, “desfibrilador”, “equalizador”, “liquidificador”, “nebulizador”, “picotador”, “socador”, “sonorizador”, entre outros.

Mais uma vez, o campo fértil é a situação (59) “b”. Dados que alteram a base, preservando o sufixo derivado de –TOR, são a maioria. Primeiramente, veremos o caso de “apagador”. De acordo com o *Houaiss Eletrônico*, o agentivo deriva de uma acepção

antiga de “pagar”: “satisfazer, apaziguar; aplacar, extinguir (sede, fome, rancor, fogo etc.)”. Por sua vez, “pagar” se origina do latim “pacare”: “pacificar”. Daí surge, portanto, o sentido atual. O pagamento equilibra dois lados. O desequilíbrio pode gerar conflito, antônimo de pacificação. O francês, ao contrário do português e do espanhol, partiu de outro verbo. “Exstinguere” (“extinguir”, “apagar”) culminou em “éteindre” na língua neolatina, preservando o significado original e gerando o instrumental “éteingneur”. O italiano partiu de outra base latina: “expingere”, sinônimo de “exstinguere” que produz “spégnere” e, por consequência, “spegnitore”.

O francês, das quatro, é a única língua que não deriva “computador” da base latina “computare” (“calcular”), mas de “calulare”.

O item “descascador”, segundo informações do *Houaiss Eletrônico*, vem do latim vulgar “*quassicare”, que, na escrita, era “quassare”: “sacudir, partir aos bocados”. Sem correspondência encontrada no francês, parte de outra palavra em italiano. “Sbucciatore” provém de “sbucciare” (“descascar”), que se origina de “buccia” (“casca”). Cortelazzo e Zolli (1988), além de Parlagreco (1971), afirmam que a origem deste último vocábulo é incerta.

A próxima mudança de base com preservação de –TOR é “escovador”⁴⁴. Não encontramos equivalente em francês. Português, espanhol e italiano partem de pontos distintos. Nossa língua utiliza o verbo “scopare”, outro com significado de “varrer”⁴⁵. Em espanhol, “cepillador” mantém relação com pelo, já que sua base contém a raiz latina “pilum”. O “spazzolatore”, do italiano, parte de “spatiare”, “espaçar”, item para o qual também já tecemos análise por ocasião do item “varredor” da tabela (58).

⁴⁴ Antes, teríamos “empacotador”. O item também estava presente em (58) e já recebeu os devidos comentários.

⁴⁵ Conferir o que foi escrito acerca de “varredor” da tabela (58).

“Limpador” e “limpiador” (espanhol) provêm do latim tardio “limpidare”, verbo que se origina do adjetivo “limpidus, -a, -um”. “Nettoyeur”, deverbal de “nettoyer” (“limpar”), é de origem duvidosa. O que Dubois et al. (1994) assevera é o fato de a parte inicial do vocábulo, “net-”, ter relação com “nitidus, -a, -um”, do latim. O item italiano, finalmente, veio de “polire”: “polir”.

Português e espanhol também possuem a mesma origem para “moedor” / “moedor”, com preservação da consoante lateral. As formas partem do latim “molere”: “moer, triturar”. “Broyer”, verbo francês que é o *input* de “broyeur”, provém do alemão “briser”, todos com o mesmo significado de “molere”. Cortelazzo e Zolli (1988) e Parlagreco (1971) não registram a origem do verbo “macinare”, “moer” em italiano e base de formação da palavra “macinatore”.

Por fim, fechando a situação (59) “b”, temos o caso de “pregador”. Enquanto o português parte de “plicare”, que apresentava o significado de “dobrar, enroscar”, o “clavador”, do espanhol, repousa sua origem em “clavare”, verbo latino que porta a ideia de “introduzir em um corpo algo pontiagudo”. Já “inchiodatore”, cuja base é “inchiodare” (“pregar”), provém de “chiodo” (“prego”), que também não possui origem certa.

Referente à situação (59) “c”, temos apenas dois casos de alteração do sufixo com preservação da base, ambos com o já comentado –NTE. O primeiro é “processante”, do italiano, equivalente a “processador” em português. O segundo é “refrigerante” (espanhol), correspondente de “refrigerador” em nosso idioma⁴⁶.

Visto que não há em (65) item lexical não complexo – situação (59) “e” – os casos de (59) “d” encerram as análises etimológicas dos agentes instrumentais. Na verdade, apenas um item modifica, concomitantemente, base e sufixo. É “espanador”. A

⁴⁶ O Dicionário Larousse (2006) do espanhol registra também a forma “refrigerador”.

palavra portuguesa advém de “espanar”. O resgate histórico mostra que, no centro do vocábulo, existe “pano”, que vem de “pannus”, do latim: “pedaço de estofa, remendo, farrapo”, material do qual é feito o objeto. As outras três línguas românicas partem do mesmo item de entrada, também fazendo referência ao material do instrumento: “pluma”, “pena de ave” em latim, que deriva “pluma” em espanhol, “plume” em francês e “piuma” em italiano. Adjuntem a essas bases, respectivamente, os sufixos –ERO (“plumero”), –EAU (“plumeau”) e –INO (“piumino”).

Aparentemente, estamos diante de mais um caso em que o Método Histórico-Comparativo assegura a existência de um fato linguístico no latim falado. **Entretanto, se assim afirmássemos, incorreríamos em erro. A aplicação cega do Método levaria a um equívoco analítico e isso pode ser comprovado pela apreciação de algumas questões.** Em 3.4, dissemos que o Método tem de ser aplicado com cautelas.

Primeiramente, muitos instrumentais, como alguns presentes em (65), são polissêmicos, confundindo-se com agentes animados. Não seriam absurdas as sentenças de (66) abaixo:

(66)

- a. O Márcio é um **descaroçador**. Seu trabalho aqui na firma é quase artesanal.
- b. No meu restaurante, existe uma pessoa específica para descascar batatas. É o **descascador**.
- c. Aquele mercado não possui **empacotadores**. Isso dá mais trabalho aos caixas.
- d. O bom empresário é **gerador** de emprego e renda.
- e. Na barraquinha de caldo de cana do Mineiro, há um atendente e um **moedor**: a Maria e o Felipe, respectivamente.

Portanto, os dados de (66) demonstram que a recorrência dessas palavras nas línguas românicas se reporta a agentes e não, a instrumentos. O próprio Said Ali, em sua *Gramática Histórica*, nos dá a entender esse fato:

(67)

“Em alguns nomes em –OR deu-se transferência de sentido do nome da pessoa agente para o nome do objeto com que se pratica a ação: regador, aquecedor, abotoador, ascensor, raspador.”

Outro ponto de relevância no exame dessa questão é o fato de que **nenhum** dos itens X-DOR de (65) estava presente no latim escrito. Alguns vocábulos existiam, mas com acepção diversa. É o caso de, por exemplo, “amplificador”. Saraiva (2006) registra “amplificator”, cuja base verbal faz referência a “aumentar a cidade, elevar o preço, engrandecer alguém com honras”.

Semelhante é o caso de “emulador”. Em latim, “aemulator” alude a um agente frequentativo: “o que busca imitar, invejoso”.

“Gerador”, “irrigador” e “medidor” são originários de “generator”, “irrigator” e “metitor”, todos com significado agentivo profissional. O contexto mais produtivo do primeiro vocábulo era “generator equorum”, “produtor de cavalos”.

“Computador”, com origem em “computator”, equivalia a um “calculador” ou “contador”, também com semântica agentiva profissional.

Essa falta de dados na escrita é indício de que X-TOR, como instrumental, era algo inexistente na fala, de forma que o latim literário não podia tê-lo absorvido⁴⁷. Assim, nem sempre o passo III gera resultados corretos.

Além de tudo isso, é notório que alguns desses instrumentos estão ligados a um desenvolvimento tecnológico incompatível com a Antiguidade. O que dizer de “amortecedor”, “alternador” e “radiador”, componentes de nossos automóveis atuais? A recorrência de dados como esses nas línguas neolatinas revela a produtividade do processo, pois esses idiomas, em momento bastante posterior, usaram a mesma RFP para gerar a denominação desses objetos.

Silva Neto (1957) também dá mais suporte à nossa análise quando faz ressalvas sobre a busca de conhecimentos acerca do latim vulgar com base exclusiva nos dados das línguas românicas:

(68)

Essa inópia⁴⁸ levou, até, ao exagero de querer-se reconstituir o latim vulgar quase exclusivamente com elementos obtidos nas línguas românicas. Pretende-se reconstituir o latim vulgar comum como o indo-europeu comum⁴⁹. (SILVA NETO, 1957, p. 40).

E as datações dos X-DOR instrumentais na língua portuguesa (passo V)? Aqui, em contraste, a hipótese é que esses dados estejam distantes do período de formação dos romances. Vejamos se isso se confirma na tabela abaixo:

⁴⁷ Vale lembrar também que, conforme já explicitamos, não encontramos vocábulos X-TOR instrumentais nos livros usados para mostrar a existência de palavras com essa estrutura no latim literário.

⁴⁸ “Essa inópia” faz referência, no texto, ao fato de que o latim vulgar é a língua falada e, como tal, possui suas peculiaridades.

⁴⁹ A reconstituição teórica do indo-europeu também foi (é) feita com base na comparação de sons, formas e frases das línguas –filhas.

(69)

VOCÁBULO	REGISTRO DE X-DOR	REGISTRO DE X (BASE)
ALISADOR	1871	XVI
ALTERNADOR	?	1560
AMORTECEDOR	1932	XIV
APAGADOR	1552	XIV
COMPUTADOR	1789	1651
DEPURADOR	?	1552
DESCAROÇADOR	1813	1776
DESCASCADOR	1836	1713
ESCOVADOR	?	1543
ESMERILADOR	1899	?
ESPANADOR	1776	1562
GRAVADOR	1970	XIV
IRRIGADOR	1877	1877
LIMPADOR	?	XV
MOEDOR	1634	1365
PREGADOR	1881	XIII
PROCESSADOR	?	1423
RADIADOR	XX	1572
REFRIGERADOR	1899	XV
VIBRADOR	?	1572

Também aqui se confirmam nossas expectativas. “Apagador” é o item mais antigo, porém já é do século XVI, após a fase medieval de nossa língua. Muitas bases, conforme vemos na tabela, apresentam registro nos séculos XIII e XIV. Logo, o ponto de partida já existia, não podendo servir de argumento para a ausência do grupo.

A falta de acesso à fonte torna difícil determinarmos se palavras como “descaroçador” (1813), “descascador” (1836) e “moedor” (1634) fazem referência a instrumentos ou a agentes humanos. No entanto, independente disso, são de introdução tardia, não contribuindo, assim, para defender a presença dessa acepção no latim falado. Por fim, datações em francês e italiano (passo VI):

(70)⁵⁰

FRANCÊS		ITALIANO	
VOCÁBULO	REGISTRO	VOCÁBULO	REGISTRO
Alternateur	1892	Alternatore	1905
Amortisseur	1894	Amplificatore	1941
		Depuratore	1846
		Radiatore	1939
		Refrigeratore	1939

Os poucos dados nessas duas línguas românicas são datados a partir do século XIX. Somando a tudo que se disse, temos mais um argumento em favor da ausência do grupo no latim vulgar. Logo, a existência dessa acepção em construções X-DOR é bem mais recente que as demais.

5.2 Conclusões

A primeira conclusão a que podemos chegar é o fato de que –DOR absorveu os significados de agentes animados – profissional e frequentativo– em período anterior ao chamado latim clássico. Tanto um significado quanto o outro apresentavam recorrência na língua falada, conforme ficou comprovado pelos dados comparativos das línguas românicas. Na escrita também eram assaz difundidos, como vimos nos trechos das obras literárias e nas descrições etimológicas. Como não há acepção com uso restrito na escrita, não podemos partir do argumento de que o significado era novo na fala e, por isso, pouco utilizado na escrita. É evidente que isso ocorreu em um dado momento

⁵⁰ Não encontramos, nos dicionários etimológicos utilizados para o espanhol, dados de instrumentais X-DOR com datação precisa.

da história da língua, mas, no período clássico, as incorporações de agentes animados a –DOR já estavam muito bem consolidadas. Portanto, a história, até onde podemos alcançar, não nos dá base para estabelecermos a precedência de uma ou outra forma desses agentes. Até mesmo as pesquisas de datação demonstram que, em todos os idiomas neolatinos explorados, a incorporação do significado de agente animado em –DOR é antiga, no período de aparecimento dos romances.

O que comentamos anteriormente, conforme já explicitado, não cabe para os agentes instrumentais. Existe recorrência nas línguas românicas e isso sugere sua presença no latim falado. No entanto, o fato de essa acepção manter relação de polissemia com as outras mostra que o que existia na fala latina eram os agentes animados. Além disso, não encontramos dados de instrumentais na escrita. Isso reforça a ausência do grupo na fala. As datações pelas línguas românicas, sobretudo no português, mostram que construções X-DOR com esse significado são mais recentes.

Relembrando Joseph (1998), mais especificamente em relação ao que pode ser alterado na morfologia, concluímos que não há grandes surpresas. –TOR continua sendo sufixo (com a forma –DOR), há mudanças naturais nos radicais e o grau de produtividade alto se conserva do latim ao português tanto para profissionais quanto para frequentativos. A maior mudança é o ganho de uma acepção, a dos instrumentais, mas isso pertence ao nível semântico.

No próximo capítulo, procederemos ao estudo acerca das construções do formativo deverbais –NTE no âmbito formal.

Formações X-NTE no português brasileiro contemporâneo

Da mesma forma que no capítulo quarto, trataremos aqui das questões formais (passo I). Agora, a respeito das formações X-NTE. De início, apresentaremos a divisão semântico-sintática estabelecida em Basílio (1981). Em paralelo, confrontaremos com os dados de nosso *corpus*. A seguir, verificaremos as RFPs que devem ser arroladas para o sufixo. Para tanto, determinaremos os grupos de afinidade semântica produtivos e improdutivos.

Faremos ainda um estudo acerca de pares X-DOR e X-NTE em que “X” é uma base que se agrega tanto a um quanto ao outro formativo. Dessa forma, diríamos que “despachador” e “despachante” são de fato palavras equivalentes em termos semânticos? E “amante” e “amador”? Os resultados dessas indagações influenciam na determinação das RFPs? Terão alguma relevância para a compreensão do percurso histórico a ser apresentado no capítulo 7?

A parte formal será encerrada com a discussão sobre a adoção de RFP única para dar conta dos tipos distintos de agentes. Logo, nessa parte, argumentaremos no

sentido de fundamentar que os agentes frequentativo (“implicante”) e químico (“lubrificante”) pertencem a regras que se distinguem.

6.1 Descrição formal das construções X-NTE do português brasileiro

6.1.1 Grupos de afinidade semântica

6.1.1.1 Grupos determinados a partir da leitura de Basílio (1981)

Em Basílio (1981), a autora, em referência a vocábulos X-NTE, promove divisão que alia duas informações: a classe e a acepção. Isso se torna interessante em um grupo que revela alta produtividade na formação de adjetivos. É diferente, portanto, de –DOR e –EIRO, que são produtivos na formação de substantivos agentivos, o que, no caso do primeiro sufixo, é confirmado em Miranda (1979). Nas subseções seguintes, apresentaremos a divisão com concomitante reanálise.

6.1.1.1.1 Adjetivos que não são agentivos (?)

É fato notório que a maioria das formações X-NTE funciona como adjetivo. Devemos acrescentar ainda que, no entender de Basílio, essas formas não atribuem agentividade aos substantivos a que se referem. Vejamos os casos relacionados abaixo em (71):

(71)

- a. A Mariana é uma pessoa **atraente**.
- b. Assistimos a uma cena **comovente**.
- c. Foi uma situação **desconcertante**.
- d. Samuel apresentou uma proposta **convicente**.

- e. Na ONG, desempenha uma função **gratificante**.
- f. Aquele filme **hilarante** foi protagonizado pelo Adam Sandler.
- g. Sua atitude revelou-se **humilhante**.
- h. Vivemos em uma cidade **neurotizante**.
- i. o mercúrio é altamente **poluente**.
- j. Foram noventa minutos **torturantes**, mas o Vasco enfim venceu o Flamengo.

De acordo com nosso ponto de vista, não podemos afirmar que inexistem atribuição de agentividade pelos vocábulos X-NTE de (71). A caracterização da agentividade passa pela execução daquilo que é expresso pela base (que “X”). É inegável que uma “pessoa atraente” seja aquela que atraia ou que uma “cena comovente” seja aquela que provoque a ação de comover.

Em adjetivos X-DOR, a autora, ao contrário, defende a atribuição de agentividade. Isso ficou claro ao longo do tratamento das questões formais do capítulo quarto. Observemos os dados de (72), a seguir, para reforçarmos essa ideia.

(72)

- a. Juliana é uma pessoa **sonhadora**.
- b. Márcio é um jovem **apresentador**.

Realmente, “sonhadora” e “apresentador” são vocábulos X-DOR em função adjetiva que imputam agentividade aos substantivos a que se referem: “pessoa” (que sonha) e “jovem” (que apresenta), respectivamente.

Temos de destacar dois pontos. O primeiro diz respeito ao fato de esses vocábulos X-DOR cumprirem melhor a atribuição de agentividade que os X-NTE.

Basílio (1981) apresenta argumento contundente para isso, que é o fato de os adjetivos X-DOR também funcionarem como substantivos⁵¹. Assim, é fácil imaginarmos contextos em que as palavras em evidência de (72) exerçam papel de substantivo:

(73)

- a. Um **sonhador** não deve esquecer os limites do que é verdadeiramente real.
- b. O **apresentador** criou um novo quadro para seu programa vespertino.

De fato, os adjetivos X-NTE não podem ser usados em função substantiva, conforme observaremos em (74), abaixo:

(74)

- a. *A **comovente** não aparecerá agora.
- b. *Onde está a **convigente**?

Os itens “a” e “b” de (74) são exemplos de que realmente há impossibilidade de uso substantivo dos adjetivos X-NTE. A inserção de “comovente” e “convigente” torna a frase agramatical.

O segundo ponto se refere ao fato de que a qualificação, a atribuição de característica é mais bem cumprida pelos vocábulos X-NTE. Isso decorre justamente do

⁵¹ Lembremos que, conforme mostramos no capítulo quarto, vocábulos X-DOR, com exceção dos agentes instrumentais, apresentam flutuação categorial substantivo-adjetivo.

que fora visto por ocasião dos exemplos de (72), (73) e (74). Afinal, esses vocábulos X-NTE em exame são exclusivamente adjetivos, ao passo que os X-DOR não.

Em suma, o mais adequado seria afirmar que adjetivos X-NTE atribuem agentividade aos substantivos a que se reportam, embora em grau menor quando comparados com adjetivos X-DOR. Em contraste, adjetivos X-DOR qualificam, embora os X-NTE executem melhor esse papel.

No que se refere à produtividade, ela pode ser comprovada por alguns vocábulos, como os constantes em (75) a seguir:

(75)

- a. O rapaz teve uma atitude **boiolante**.
- b. O filme é **eletrizante**, o ator é Tom Cruise, a missão é impossível!
- c. A professora de Linguística deu uma aula **viajante**!

Em (75) alínea “a”, notamos o vocábulo “boiolante”, derivado de um possível verbo “boiolar”, que significaria ter atitudes homossexuais. É notório que a palavra em questão apresenta larga difusão na fala, embora o *Houaiss Eletrônico* registre apenas o substantivo “boiola”. Isso reforça o *status* que o vocábulo recebe de item lexical novo.

“Eletrizante”, em (75) “b”, é uma palavra bastante interessante. O *Houaiss Eletrônico* afirma que existe equivalência com “eletrizador”. Porém, no contexto apresentado, não caberia o vocábulo X-DOR:

(76)

?O filme é **eletrizador**, o ator é Tom Cruise, a missão é impossível!

A chamada do filme “Missão Impossível” exibida pela Globo, no mínimo, não atinge o objetivo esperado quando trocamos “eletrizante” por “eletrizador”. Um contexto possível de substituição de um vocábulo pelo outro sem comprometimento do sentido seria este, em (77):

(77)

O pantógrafo do trem é **eletrizante** / **eletrizador**.

O que percebemos é o fato de que “eletrizar”, base de “eletrizante”, é um uso figurado, ou seja, é algo que provoca ação, dinâmico. O verbo, em seu sentido normal, “desenvolver propriedades elétricas nos corpos materiais” (HOUAISS et al., 2001), permite tanto o uso do vocábulo X-DOR quanto do X-NTE, mas no sentido específico, figurado, X-NTE cumpre melhor o papel discursivo⁵².

O *Houaiss Eletrônico* também não registra o item destacado em (75) “c”, “viajante”, apesar de ser usado em larga escala pelos falantes. É preciso perceber também que o verbo-base, “viajar”, foi usado em sentido conotativo. A “aula viajante” seria aquela em que o professor promove reflexão intensamente abstrata, de difícil percepção pelos alunos.

⁵² Mais à frente, em 6.1.2, conforme anunciado no início do capítulo, examinaremos as estruturas X-DOR / X-NTE que utilizam a mesma base.

Sendo assim, atestada a produtividade, podemos estabelecer a RFP e a RAE a seguir, respectivamente em (78) e (79):

(78)
RFP: $[X]_v \rightarrow [[X]_v \text{ NTE}]_{\text{Adj.}}$

(79)
RAE: $[[X]_v \text{ NTE}]_{\text{Adj.}}$

Assim, a RFP deixa evidente que formamos adjetivos a partir da inserção do sufixo –NTE a uma base verbal. A RAE mostra que adjetivos em –NTE são analisados internamente como um acréscimo desse sufixo a uma base verbal.

6.1.1.1.2 Substantivos agentivos que podem ser adjetivos

Assim como –DOR possui substantivos que podem funcionar como adjetivos (profissionais e frequentativos), –NTE também apresenta vocábulos com essa mesma característica. Basílio (1981) faz menção a duas palavras: “repetentes” e “litigantes”. Com efeito, é perfeitamente possível inserir tais itens em posição de substantivo ou adjetivo:

(80)

- a. No próximo ano, os **repetentes** ficarão concentrados na turma 1001.
- b. A turma 1001 terá onze alunos **repetentes**.
- c. Os **litigantes** novamente não chegaram a um acordo.
- d. As partes **litigantes** daquele processo terão mais uma audiência.

Como podemos observar, “a” e “c” apresentam uso substantivo, ao passo que “b” e “d”, adjetivo. Aqui, como os adjetivos podem ser substantivos, é inquestionável a atribuição de agentividade.

Na obra citada, Basílio não arrola grupos semânticos para esses vocábulos X-NTE. Observando os dados do *corpus*, percebemos que há possibilidade de estabelecermos um grupo de afinidade semântica produtivo para eles: o de agente frequentativo.

Os dados do *Houaiss Eletrônico* trazem vocábulos X-NTE que, tais como “fofoqueiro” ou “zoador”, se referem a um indivíduo que pratica com habitualidade ou eventualidade uma ação. São os casos das palavras destacadas em (81):

(81)

- a. Os **fumantes** possuem área reservada neste restaurante.
- b. Muitos **pedintes** se concentram na Avenida Presidente Vargas.
- c. Paulo encontrou sua **amante**.
- d. O **implicante** do André sempre tem uma piadinha na ponta da língua.
- e. Os **viajantes** ficarão hospedados em hotel cinco estrelas.

Em (81), “fumantes”, “pedintes”, “amante”, “implicante” e “viajantes” são agentes frequentativos em posição de substantivos. Em (82), podemos notar que é perfeitamente possível o emprego desses mesmos vocábulos em posição de adjetivo:

(82)

- a. Esta área pertence a pessoas **fumantes**.
- b. Homens e mulheres **pedintes** se concentram na Avenida Presidente Vargas.
- c. Mulher **amante** é sinônimo de problema.
- d. Seus amigos **implicantes** insistem em fazer piadinhas sórdidas.
- e. São profissionais **viajantes**.

Em princípio, pode parecer difícil diferenciar um frequentativo X-NTE de um adjetivo com a mesma estrutura. No entanto, é a impossibilidade de flutuação categorial destes e a flutuação daqueles que se impõem como parâmetros diferenciadores. O propósito de arrolar o item “viajantes” foi justamente o de respaldar isso. O verbo em sentido figurado, como vimos em (75) “c”, não oferece contraparte substantiva, ao contrário do que acabamos de observar em “e” de (81) e (82).

No que tange à produtividade, ela se confirma pela presença de palavras como as que estão em negrito em (83):

(83)

- a. Vou me encontrar com meu **ficante**.
- b. A Paula enriqueceu. Ela agora é uma **emergente**.

“Ficante” não aparece no *Houaiss Eletrônico*, mas é comum na fala das pessoas, o que corrobora seu caráter de palavra nova. “Emergente”, com o sentido daquele que está em ascensão econômica e social, já aparece no citado dicionário, porém como uso informal. Portanto, é lícito admitirmos a RFP e a RAE a seguir em (84) e (85), respectivamente:

(84)

RFP: $[X]_v \rightarrow [[X]_v \text{ NTE}]_{s \text{ Ag}}$
 “que pratica X com habitualidade ou eventualidade”

(85)

RAE: $[[X]_v \text{ NTE}]_{s \text{ Ag}}$
 “que pratica X com habitualidade ou eventualidade”

Em (84), a RFP mostra que formamos agentes frequentativos com –NTE a partir da adição desse sufixo a uma base verbal. Devemos atentar que, para esse grupo, deve haver atuação de REC, conforme já alertamos para as regras de profissional e frequentativo dos vocábulos X-DOR. A REC, como sabemos, evita a estipulação de mais de uma RFP em razão da flutuação categorial.

Em (85), a RAE mostra que nomes de agentes frequentativos em –NTE são analisados internamente como soma de base verbal a esse sufixo.

6.1.1.1.3 Agentes profissionais e instrumentais

Em seu texto, Basílio cita ainda palavras como “despachante”, “comerciante” e “trinchante”. As duas primeiras são casos evidentes de agentes profissionais e a última é denominada por ela como objeto, mas vamos empregar o termo agente instrumental para manter coerência com a acepção de –DOR com a qual se relaciona e que foi apresentada no capítulo quarto.

A respeito dos agentes profissionais, afirma a autora que são improdutivos dado o número reduzido de palavras. São poucos os itens X-NTE com significado profissional no *Houaiss Eletrônico*. Eis alguns exemplos:

(86)

- a. O **feirante** estava de pé às 5h.
- b. Arnold é **figurante** na novela da Globo.
- c. Reinaldo é um **palestrante** famoso.
- d. A **atendente** no balcão da Gol é a Andressa.
- e. O **escrevente** é subordinado ao escrivão.

Então, como os dados são reduzidos e não há palavras novas, o grupo é improdutivo. Logo, devemos estabelecer apenas a RAE:

(87)

RAE: [[X]_v NTE]_s Ag
 “profissional de X”

A RAE em (87) nos revela que profissionais em –NTE são analisados como o acoplamento desse sufixo a uma base verbal. Também aqui existe atuação de REC. Isso ocorre porque as palavras desse grupo também podem ser usadas como adjetivo, de forma idêntica aos seus correspondentes X-DOR:

(88)

A Michelly **escrevente** conversou comigo ontem.

Outro grupo improdutivo com número de dados reduzido é o de agente instrumental. Em (89), alguns exemplos extraídos do *corpus*:

(89)

- a. Mariana prefere **absorvente** interno.
- b. O carro possuía mais de dois **altifalantes**.
- c. Usou um **trinchante** para cortar a carne.

Em (90), a RAE dos instrumentais em –NTE:

(90)

RAE: [[X]_v NTE]_{s Ag Instr.}
 “que X”

A RAE dos instrumentais mostra que esses vocábulos são analisados estruturalmente como acréscimo de –NTE a uma base verbal. Da mesma maneira que instrumentais X-DOR, funcionam apenas como substantivos. Por isso, não se concebe aqui a existência de REC.

Na seção seguinte, trataremos dos agentes químicos, que não são mencionados no texto de Basílio.

6.1.1.2 Grupo não citado em Basílio (1981): agentes químicos

Depreendemos do *corpus* um grupo extremamente produtivo: o de agente químico. Isso se coaduna com o intenso desenvolvimento de pesquisas científicas nessa área. Em (91), contextualizamos alguns exemplos encontrados no *Houaiss Eletrônico*:

(91)

- a. O **adoçante** da Tereza é o Assugrin.
- b. Não comprei **amaciante** de carne.
- c. Preciso usar **alvejante** em sua roupa.
- d. O melhor **estimulante** de apetite que existe no mercado é o Cobavital.
- e. **Lubrificantes** sintéticos duram mais que os naturais.
- f. Alicia passou **repelente** para se proteger dos mosquitos.
- g. Estou preocupado com o Júnior porque ele está usando **anabolizante**.
- h. A gasolina daquele posto está repleta de **solvente**.
- i. O médico injetou no paciente um **anticoagulante**.
- j. Este suco possui **corante** vermelho.

nos faz concluir que esses substantivos são analisados estruturalmente como soma de um verbo ao formativo em exame.

Não devemos pensar que, para as regras de (93) e (94), seja interessante a atuação de REC. Essas palavras até podem aparecer em posição adjetiva, mas perdem o significado de agente químico, que é transferido para os substantivos a que se referem. Vejamos, por exemplo, os vocábulos de (95):

(95)

- a. Esse creme **hidratante** custa caro.
- b. Necessito de um produto **desengordurante** para limpar essa frigideira.
- c. Dizem que essa pedrinha **adstringente** é boa pra afta.

Em (95), “hidratante”, “desengordurante” e “adstringente” são tipicamente adjetivos. O significado de agente químico aparece concentrado nos substantivos “creme”, “produto” e “adstringente”. Afinal, temos um “creme” (agente químico) que hidrata, um “produto” (agente químico) que desengordura e uma “pedrinha” (agente químico) que adstringe.

A diferença de um agente químico para um adjetivo também pode ser estabelecida em termos de classe de palavras, já que o primeiro, como vimos, funciona apenas como substantivo.

Encerramos aqui a descrição de grupos de afinidade semântica do sufixo. Abaixo, em (96), temos um quadro-resumo das acepções, mostrando se são ou não produtivas e a que classe(s) podem pertencer. Logo depois, partiremos para o estudo de formas X-NTE e X-DOR que empregam a mesma base verbal.

(96)

GRUPO	PRODUTIVIDADE	SUBSTANTIVO	ADJETIVO
ADJETIVO	X		X
AG. FREQUENTATIVO	X	X	X
AG. QUÍMICO	X	X	
AG. PROFISSIONAL		X	X
AG. INSTRUMENTAL		X	

6.1.2 Formações em –DOR e –NTE com a mesma base

É flagrante e, por isso mesmo, digno de nota o alto número de bases que se agregam concomitantemente aos dois sufixos deverbais em estudo. A questão que iremos perscrutar agora é se as formas são equivalentes em termos semânticos, uma vez que isso será de crucial importância para o entendimento do percurso histórico de X-NTE, que será apresentado no capítulo 7.

6.1.2.1 O caso dos agentes químicos

Inicialmente, apresentaremos, em (97), dados X-NTE de agentes químicos, observando ao lado se o *Houaiss Eletrônico* prevê forma X-DOR supostamente correspondente:

(97)

X-NTE	X-DOR
ABRASANTE	ABRASADOR
ACIDULANTE	---
ADOÇANTE	ADOÇADOR
ADSTRINGENTE	---
ALVEJANTE	ALVEJADOR
AMACIANTE	---
ANABOLIZANTE	---
ANESTESIANTE	ANESTESIADOR
ANTICOAGULANTE	---
AROMATIZANTE	AROMATIZADOR
CICATRIZANTE	---
COLORANTE	---
CONSERVANTE	CONSERVADOR
DESENGORDURANTE	DESENGORDURADOR
DESINFETANTE	DESINFETADOR
DESPOLUENTE	DESPOLUIDOR
DETERGENTE	---
EMULSIFICANTE	EMULSIFICADOR
ENTORPECENTE	ENTORPECEDOR
ESTIMULANTE	ESTIMULADOR
FERTILIZANTE	FERTILIZADOR
FORTIFICANTE	FORTIFICADOR
HIPOGLICEMIANTE	---
IMUNIZANTE	IMUNIZADOR
LUBRIFICANTE	LUBRIFICADOR
PURGANTE	PURGADOR
RELAXANTE	RELAXADOR
REPELENTE	---
SOLVENTE	---
UMECTANTE	UMECTADOR

Em (97), podemos depreender duas tendências. A primeira diz respeito à existência de lacunas. O *Houaiss Eletrônico* não possui correspondente X-DOR para palavras como “acidulante”, “adstringente”, “amaciante”, “anabolizante”, “anticoagulante”, “cicatrizante”, “colorante”, “detergente”, “hipoglicemiante”, “repelente” e “solvente”. Para explicar a segunda tendência, começaremos explicitando algumas das definições do *corpus*:

(98)

a. ADOÇANTE e ADOÇADOR:

ADOÇANTE:

adjetivo de dois gêneros

1 que torna doce, que adoça.

2 Derivação: sentido figurado:

que atenua; leniente, mitigante, suavizante.

Ex.: aquelas palavras foram um carinho a. para a sua tristeza

n substantivo masculino.

3 qualquer substância (açúcar, mel, melado, sacarina etc.) natural ou artificial, us. para adoçar um alimento ou bebida ou ainda como medicamento.

3.1 Rubrica: culinária.

substância industrializada, us. para adoçar alimento, bebida etc., sem aumentar-lhe em demasia o valor calórico.

Obs.: cf. dietético.

ADOÇADOR:

adjetivo e substantivo masculino

que ou o que adoça.

b. ENTORPECENTE e ENTORPECEDOR:

ENTORPECENTE:

adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino

1 que ou o que entorpece; entorpecedor.

1.1 que ou o que age no sistema nervoso central, provocando estado de entorpecimento, de embriaguez, e que, mesmo tolerável em doses altas pelo organismo, freq. causa dependência e progressivos danos físicos e/ou psíquicos (diz-se de droga, medicamento ou outra substância); estupefaciente.

ENTORPECEDOR:

adjetivo e substantivo masculino
que ou o que entorpece; entorpecente.

c. FORTIFICANTE e FORTIFICADOR:**FORTIFICANTE:**

adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino
1 que ou o que fortifica, que aumenta ou repara as forças.
Ex.: <alimentação f.> <sono f.>.
2 Rubrica: farmacologia.
diz-se de ou medicamento que restabelece o vigor físico
3 Derivação: sentido figurado.
que ou o que levanta, moralmente.
Ex.: <leitura f.> <seu carinho é um f. para minha alma>.

FORTIFICADOR:

adjetivo e substantivo masculino
1 que ou o que fortifica.
2 que ou aquele que fortifica uma praça de guerra.

A leitura desses verbetes nos leva à conclusão de que existe, no caso de agentes químicos, uma relação do tipo específico e geral entre formas X-NTE e X-DOR. Devemos perceber que o sentido de substância aparece somente nos vocábulos X-NTE. A descrição desses verbetes X-DOR é sempre menor, mais genérica: “que ou o que adoça”, “que ou o que entorpece” e “que ou o que fortifica”. Dessa forma, a palavra X-DOR se refere a qualquer coisa que possa, por exemplo, adoçar, entorpecer ou fortificar. É ao vocábulo X-NTE, em contrapartida, que pertence o significado de substância. Vejamos as sentenças constantes em (99):

(99)

- a. Essas evidências se revelam altamente relevantes. São **fortificadoras** de sua tese.
- b. ?Essas evidências se revelam altamente relevantes. São **fortificantes** de sua tese.
- c. Aquela nova droga é um **fortificador / fortificante** poderoso.
- d. A surra que levei me deixou mole, sem movimentos. Foi **entorpecedora**.
- e. ?A surra que levei me deixou mole, sem movimentos. Foi **entorpecente**.
- f. A cocaína é um forte **entorpecedor / entorpecente**.
- g. A paisagem foi um **adoçador** para sua tristeza.
- h. ?A paisagem foi um **adoçante** para sua tristeza.
- i. O açúcar é o **adoçante / adoçador** mais conhecido.

Em (99), os itens “a”, “d” e “g” trazem referentes que não são substâncias, mas desempenham o mesmo papel que elas. Assim, “evidências” se alia a “fortificadoras”, porém sua relação com “fortificantes” é no mínimo duvidosa. O mesmo ocorre com “surra” e “paisagem” em referência respectivamente à “entorpecedora / entorpecente” e a “adoçador / adoçante”. As alíneas “c”, “f” e “i” aludem a substâncias. Por isso, o uso da palavra X-NTE é inquestionável. Como a substância faz parte de um conjunto — mais geral — que, conforme o caso, fortifica, entorpece e adoça, é lícito o emprego de um item X-DOR também.

É importante ressaltar que não existe substância X-DOR sem correspondente X-NTE, mas o contrário não é verdadeiro como já observamos em (97). É por essa razão que não separamos, no capítulo quarto, esse grupo de afinidade semântica para –DOR.

A pergunta natural que surge daí é: o que está por trás da formação desses itens? A pista está em alguns pares de (97): “aromatizante / aromatizador” e “conservante / conservador”. Um “aromatizador” é um profissional especialista em aromas para produtos industrializados. Um “conservador” é aquele que defende ideias, costumes e valores ultrapassados. Então, esses nomes X-DOR são, na verdade, agentes profissional ou frequentativo, ou seja, agente humano ou animado. Isso é, portanto,

forte argumento para defender a falta de identidade entre formas X-NTE e X-DOR de agentes químicos. Afinal, se ela existisse era de se esperar que o significado central desses vocábulos fosse o mesmo. No caso das construções X-DOR, “agente químico” seria um sentido mais periférico.

Notemos que é realmente possível pensar em agentes animados para os outros itens X-DOR de (97). Observemos alguns exemplos em (100):

(100)

- a. O anestesista também pode ser chamado de **anestesiador**.
- b. Esse touro é **fertilizador**.
- c. A Maria limpa muito bem uma frigideira. Vou dar um novo cargo a ela: o de **desengorduradora**.

Isso mostra que o significado de agente químico é derivado por extensão de sentido e que, com efeito, o significado maior é o de agente animado.

6.1.2.2 O caso dos agentes frequentativos

Passemos agora aos agentes frequentativos. A tabela em (101) relaciona formas X-NTE e X-DOR com esse significado.

(101)

X-NTE	X-DOR
AMANTE	AMADOR
EMERGENTE	---
FALANTE	FALADOR
FUMANTE	FUMADOR
IMPLICANTE	---
INFORMANTE	INFORMADOR
LITIGANTE	---
PEDINTE	PEDIDOR
REPETENTE	REPETIDOR
VIAJANTE	---

Diferentemente do grupo agente químico, temos aqui RFPs da mesma natureza para formas X-NTE e X-DOR. Não podemos afirmar que o grupo de agente frequentativo X-DOR inexistente, pois existem vários itens com essa estrutura que não apresentam correspondente X-NTE. São os casos de, por exemplo, “pegador”, “namorador” e “malhador”.

No entanto, o fato de os dois formativos possuírem RFP de agente frequentativo não é suficiente para afirmarmos uma equivalência semântica entre os itens. No grupo de agentes químicos, há relação de geral (X-DOR) e específico (X-NTE) entre os itens. Nos frequentativos, observamos algo que já foi mencionado em Basílio (1981). A forma em –NTE caracteriza aspecto durativo, em curso. “Pedinte é, por assim dizer, um título constante, é uma realidade do indivíduo. O mesmo podemos afirmar em relação aos outros itens X-NTE arrolados em (101).

Os vocábulos X-DOR, distintamente, dão ideia de algo que está sempre se repetindo. Ser “pedinte”, como dito, é a realidade de uma determinada pessoa, mas “pedidor” é o termo empregado em referência a alguém que sempre pede, não

necessariamente um mendigo. Pelo que observamos nos dados do *corpus*, devemos acrescentar que a utilização da forma X-DOR está ligada à função discursiva dos aspectos mórficos (BASÍLIO, 1987). Em (102), podemos enxergar bem essa afirmação:

(102)

- a. Lúcio é meu **informante** e Luiz é meu **informador**.
- b. Larga de ser **pedidor**, cara, deixe as minhas coisas!
- c. O Renato repetiu o segundo ano de novo. É um **repetidor** de primeira!
- d. Flávio é muito **falante**, mas Alexandre é muito **falador**!

Em “a”, “informador” não é propriamente depreciativo, porém possui caráter mais eventual. O “informante” é algo fixo. Logo, também há atuação da função discursiva. “Pedidor”, em “b”, é pejorativo. Semelhante ao que ocorre com os agentes químicos, esse vocábulo é mais amplo que o seu correspondente X-NTE⁵³. Em “c”, já se sabe que “Renato” é repetente pela informação dada na primeira oração. Então, é no uso do novo que o emissor transmite a expressividade. Em “d”, finalmente, é notório o emprego depreciativo de “falador” em comparação com “falante”.

“Amador”, segundo o *Houaiss Eletrônico*, possui também o mesmo sentido que “amante”. No dia a dia, entretanto, “amador” é utilizado sobretudo como um apreciador ou entusiasta de algo, o que, na língua viva, torna a palavra em –NTE muito diferente da em –DOR.

⁵³ “Pedidor”, como acabamos de salientar, não é necessariamente um “mendigo” (“pedinte”). Pode ser, por exemplo, o indivíduo que frequentemente pede gelo em sua casa ou aquele que vive pedindo uma carona.

6.1.2.3 O caso dos agentes profissionais

Vejamos em (103) os poucos itens de agentes profissionais X-NTE constantes no *corpus* com seus correspondentes X-DOR:

(103)

X-NTE	X-DOR
ATENDENTE	ATENDEDOR
DESPACHANTE	DESPACHADOR
ESCREVENTE	ESCREVEDOR
FEIRANTE	---
FIGURANTE	---
GERENTE	---
PALESTRANTE	PALESTRADOR
PRESIDENTE	---
REGENTE	REGEDOR
VAREJANTE	VAREJADOR

Pesquisando os itens de (103), podemos perceber que agentes profissionais X-NTE não mantêm relação harmônica com seus equivalentes X-DOR. “Atendedor” pode significar, de acordo com Houaiss et al. (2001), “secretária eletrônica” em Portugal. “Atendente” é especificamente humano.

Também vemos aspectos de não equivalência em outros pares da tabela. “Despachante” é exclusivamente humano, mas “despachador” é também termo técnico da tipografia, significando “alavanca a que se prende o carro de transporte de matrizes”. Em “escrevente” / “escrevedor”, ambos são humanos, porém o segundo equivale a um agente frequentativo, possuindo acento pejorativo: “aquele que escreve de maneira medíocre”. “Regente” é o mesmo que “maestro”, entretanto, para o verbete “regedor”, o

Houaiss Eletrônico não seleciona esse significado. “Varejador” apresenta o significado “o que faz busca ou revista em casas procurando criminoso ou pessoa foragida” que “varejante” não possui. Apenas “palestrante” e “palestrador” detêm o mesmo sentido.

6.1.2.4 O caso dos agentes instrumentais

Como já estudado, também são poucos os itens X-NTE com significado de agente instrumental. Em (104), eles são apresentados, observando possíveis correspondências com vocábulos X-DOR:

(104)

X-NTE	X-DOR
ABSORVENTE	ABSORVEDOR
ALTIFALANTE	---
BASCULANTE	BASCULADOR
BERRANTE	BERRADOR
BORRIFANTE	BORRIFADOR
TRINCHANTE	TRINCHADOR

Apesar do número pequeno de dados, aqui mais uma vez construções X-DOR e X-NTE não se equivalem na totalidade dos itens. Notamos novamente tendência de especialização do item X-NTE. “Absorvedor” é um termo amplo. Alude ao que possui a propriedade expressa pela base. No entanto, o instrumental em questão é designado especificamente por “absorvente”. “Basculador” inclui significado de “circuito eletrônico flip-flop” que o “basculante” não possui, embora ambos sejam instrumentais.

“Berrante” também é item polissêmico dentro da própria acepção instrumental. Pode ser um “revólver” (regionalismo brasileiro) ou uma “corneta de chifre”, regionalismo de Minas Gerais e Goiás. Ambos promovem extensão de sentido da base “berrar”: “fazer barulho de tiro ou de som de corneta”. “Berrador” é mais amplo. Seria próprio para designar, por exemplo, uma “criança que chora excessivamente”.

“Trinchante” faz referência à “faca grande”, ganhando esse sentido como especialização. “Trinchador” também é vocábulo de sentido mais amplo. Refere-se a tudo que serve para “trincar”. Somente “borrifante” e “borrifador” não são semanticamente distintos.

6.1.2.5 O caso dos adjetivos

Abaixo, em (105), temos trinta vocábulos X-NTE pertencentes ao grupo dos adjetivos. Ao lado, aparecem os correspondentes X-DOR:

(105)

X-NTE	X-DOR
ABAFANTE	ABAFADOR
ABRANGENTE	ABRANGEDOR
ABUNDANTE	---
ACACHAPANTE	ACACHAPADOR
ATENUANTE	ATENUADOR
ATRAENTE	ATRAIDOR
CLAUDICANTE	---
COMOVENTE	COMOVEDOR
CONVINCENTE	CONVENCEDOR
DESCONCERTANTE	DESCONCERTADOR
DETERIORANTE	---
ENVOLVENTE	ENVOLVEDOR
ESTRANGULANTE	ESTRANGULADOR

X-NTE	X-DOR
FUMEGANTE	---
GLOBALIZANTE	---
GRATIFICANTE	GRATIFICADOR
HELENIZANTE	---
HILARIANTE	---
HUMILHANTE	HUMILHADOR
INTERFERENTE	---
MASSACRANTE	---
NEUROTIZANTE	---
PERMANECENTE	---
REVERBERANTE	---
SIGNIFICANTE	SIGNIFICADOR
TATEANTE	---
TORTURANTE	TORTURADOR
TRANSCENDENTE	---
VEXANTE	VEXADOR
VIBRANTE	VIBRADOR

Aqui, o conjunto de vocábulos X-NTE que possui correspondente X-DOR gera uma questão interessante. Isso porque a maioria desses pares pode ser vista, em termos semânticos, como equivalente⁵⁴. Entretanto, não temos uma RFP exclusiva para formação de adjetivos em –DOR. Devemos lembrar, no entanto, conforme tratado em 4.1.2 e rediscutido em 6.1.1.1.1, que adjetivos em –DOR atribuem agentividade ao nome a que se referem. Portanto, também são agentivos e, por isso, são produzidos por uma RFP de agente.

⁵⁴ São os casos de “atraente / atraidor”, “comovente / comovedor”, “desconcertante / desconcertador”, “convincente / convencedor”, “humilhante / humilhador”, “abrangente / abrangeedor”, “acachapante / acachapador”, “atenuante / atenuador”, “envolvente / envolvedor”, “significante / significador” e “vexante / vexador”.

(106)

- a. Marcelo enreda todo mundo com seu papo. Ele é **envolvedor**.
- b. Todos concordaram com o ponto de vista da Mariana. Ela foi **convencedora**.

Em (106), “envolvedor” e “convencedora” atribuem agentividade a respectivamente Marcelo e à Mariana. É preciso perceber que as formas X-NTE (“envolvente” e “convigente”) caberiam perfeitamente em seus períodos, o que reforça aquilo que afirmamos anteriormente, também em 6.1.1.1.1, de os adjetivos com essa estrutura, embora em menor grau, também atribuírem agentividade.

Aqui, temos equivalência parcial, já que há equiparação semântica, mas as RFPs são distintas: de adjetivo para a forma X-NTE e de agente para a forma X-DOR.

Em outros pares, a forma X-DOR já é um agentivo mais tradicional. “Gratificador”, “torturador” e “estrangulador” são agentes frequentativos. Já “abafador”⁵⁵ e “vibrador” são agentes do tipo instrumental.

6.1.2.6 Conclusão

O estudo da correspondência entre as formas X-NTE e X-DOR não altera o estabelecimento dos grupos de afinidade semântica desses formativos. Ao contrário, muitos pontos antes defendidos foram reforçados.

⁵⁵ Segundo o *Houaiss Eletrônico*, é um pedaço de tecido grosso que serve para manter aquecido o conteúdo de uma vasilha. O verbete possui ainda sentidos que o tornam agente habitual: indivíduo que “a serviço de seita cristã, sufocava até a morte moribundos recém-batizados para impedi-los de pecar mesmo em pensamento”. Ou ainda: “que ou o que furta; gatuno, ladrão”. E por fim: “que ou o que oprime; dominador, repressor” (HOUAISS et al., 2002).

Em relação aos agentes químicos, vimos que não há equivalência entre os pares. Semanticamente, notamos que formações X-NTE são específicas, referem-se à substância. Os vocábulos X-DOR são mais gerais, podendo englobar, além das substâncias, tudo que possa produzir o efeito gerado por elas. Existe ainda a questão das regras. Como não há agente químico X-DOR sem contraparte X-NTE, não é válido realmente estabelecer mais um grupo para o formativo. Essas palavras se originam a partir do significado de agente humano e, conseqüentemente, é argumento terminante para a defesa da não equiparação.

Os pares de agente habitual apresentam regras de mesma natureza, ou seja, os vocábulos X-NTE e X-DOR são igualmente gerados por RFP de agente habitual. Porém, existe diferença semântica ligada ao aspecto e à expressividade: enquanto as palavras X-NTE representam uma realidade do ser, a forma X-DOR é usada para substituir a em –NTE quando a intenção do falante é intensificar a pejoratividade.

Agentes profissionais e instrumentais apresentam poucos dados. Nos primeiros, percebemos que as formas X-NTE se diferenciam das X-DOR, sobretudo por uma especialização para denominar o agente humano. No que tange aos instrumentais, existe muita irregularidade nos reduzidos itens que se relacionam em pares, mas também verificamos relações do tipo geral (X-DOR) e específico (X-NTE).

Por fim, temos a equivalência parcial dos adjetivos. –NTE e –DOR possuem o mesmo significado adjetivo, todavia as RFPs são distintas: de adjetivo nos vocábulos X-NTE e de agente nos X-DOR. Há, com isso, o reforço da não adoção de um grupo de adjetivo para o formativo –DOR.

De um modo geral, depreendemos dessa análise que as construções X-NTE, devido à grande concorrência com as formas X-DOR, tendem a se especializar,

adquirindo um traço significativo particular que as singularizam. Comparando com a Biologia, seria uma espécie de seleção natural, luta pela sobrevivência. Em termos estritamente linguísticos, poderíamos denominar de *desvencilhamento semântico*⁵⁶.

A seguir, encerraremos a parte formal com a seção sobre a conveniência de adotarmos RFPs distintas para os grupos agentivos em –NTE.

6.1.3 Formações X-NTE: regra única ou dupla?

Em 4.1.4, verificamos que seria mais correto descrever os três agentes das formações X-DOR por meio de três regras. Aplicaremos os mesmos parâmetros utilizados em Marinho (2004) com o intuito de observar se também aqui deveremos atribuir uma RFP para cada tipo de agente. Temos de lembrar que os agentes profissional e instrumental não aparecerão neste exame uma vez que não são produtivos com a estrutura X-NTE. Portanto, os agentes envolvidos serão o químico e o frequentativo.

O primeiro parâmetro é a concretude *versus* a abstração das bases. Da mesma forma que vocábulos X-DOR, palavras X-NTE são deverbais. Logo, esse parâmetro não pode ser empregado nesse tipo de item lexical.

A especificação semântica do produto é o segundo parâmetro e indubitavelmente auxilia na hipótese de RFPs distintas. RFP única não captaria os tipos semânticos de agente que o formativo encerra:

⁵⁶ Notemos inclusive que –NTE “escolhe” ser produtivo em uma acepção que não foi consagrada por –DOR: a dos agentes químicos.

(107)

AGENTIVO	TIPO DE AGENTIVO
AMANTE	FREQUENTATIVO
ASSALTANTE	FREQUENTATIVO
FICANTE	FREQUENTATIVO
DETERGENTE	QUÍMICO
HIDRATANTE	QUÍMICO
LAXANTE	QUÍMICO

É ilógico, dessa forma, admitir RFP única para produtos bastante diferentes apesar do traço comum de agentividade. A regra que gera “hidratante” não pode ser a mesma que produz “ficante”. Seria contraintuitivo acolher isso.

A flutuação categorial é outro fator que advoga por RFPs separadas. Conforme resumido pelo quadro apresentado em (96), agentes habituais apresentam flutuação categorial. Podem, pois, funcionar como substantivo ou adjetivo. Agentes químicos aparecem nas orações apenas em posição substantiva. Em 6.1.1.2, mostramos que vocábulos com esse significado em posição adjetiva transferem o significado para o substantivo a que se referem, convertendo-se em meros adjetivos. Vejamos algumas sentenças:

(108)

- a. Encontrei o Ewerton hoje. Encarnei naquele **implicante** porque o Fluminense perdeu.
- b. Aquele rapaz **implicante** é tricolor.
- c. Tomei um **estimulante** de apetite.
- d. Este remédio **estimulante** me fez comer demais.

Em (108), “implicante” é agente frequentativo. Na alínea “a”, encontra-se em posição de substantivo, ao passo que na “b” é adjetivo. “Estimulante” é substantivo e agente químico em “c”. Em “d”, o agente passa a ser o “remédio” e o vocábulo X-NTE pertence ao grupo dos adjetivos.

Os agentes frequentativos podem apresentar atuação da função discursiva, fato que não ocorre com agentes químicos. Sendo assim, pode existir nos frequentativos traço de pejoratividade:

(109)

AGENTE	CLASSIFICAÇÃO	PEJORATIVO
AMANTE	FREQUENTATIVO	[+PEJORATIVO]
PEDINTE	FREQUENTATIVO	[+PEJORATIVO]
REPETENTE	FREQUENTATIVO	[+PEJORATIVO]
CONSERVANTE	QUÍMICO	[-PEJORATIVO]
EMULSIFICANTE	QUÍMICO	[-PEJORATIVO]
REPELENTE	QUÍMICO	[-PEJORATIVO]

Enquanto “conservante”, “emulsificante” e “repelente” não são pejorativos, “amante”, “pedinte” e “repetente” possuem traço depreciativo. Se optássemos por RFP única essa diferença teria de ser esquecida.

A correspondência que profissionais X-EIRO mantêm com locativos X-ARIA, como já dito, é algo raro na língua. Por isso, não se aplica aqui como parâmetro diferenciador.

Finalmente, podemos concluir que, também aqui, a opção por regras distintas se impõe. Fechamos então a descrição formal das formas X-NTE. Passaremos agora ao exame do percurso histórico dos vocábulos X-NTE. Com isso, buscaremos informações a respeito da associação dos significados vistos neste capítulo a vocábulos com a citada estrutura.

Formações X-NTE: o percurso histórico e a consequente associação dos significados

O segundo capítulo central desta Tese será este, pois estabeleceremos aqui o percurso histórico e a associação de significados às formações X-NTE, cumprindo o passos de II a VI, antes anunciados. Também aqui percebemos casos de itens polissêmicos. Ficará evidente, no entanto, que a relação de palavras X-NTE polissêmicas não é tão extensa quanto a que observamos em vocábulos X-DOR. Os agentes produtivos, como visto no capítulo anterior, são dois: frequentativo e químico. É nesses significados que se concentra a polissemia de X-NTE. Vejamos os exemplos:

(110)

- a. Paulo tomou um **purgante** ontem à noite. Foi necessário para realizar um exame.
- b. A **purgante** da Raquel faltou aula de novo. Depois reclama quando tira nota baixa.
- c. Tífani usou **repelente** para se proteger do mosquito da dengue.
- d. Newton é um sujeitinho **repelente**. Sua companhia não é nada prazerosa.
- e. Um **aderente** eficaz para esse produto é a cola de sapateiro.
- f. Homem **aderente** esse Bruno! Muito pegajoso!

Vemos que (110) “a”, “c” e “e” denominam substâncias, agentes químicos. Em contrapartida, “b”, “d” e “f” se reportam a agentes frequentativos. Vêm à tona mais uma vez as mesmas indagações que fizemos para X-DOR: será que esses significados se adjungem a essas formas de maneira simultânea? Ou vão se agregando de acordo com o percurso histórico da língua? E os agentes profissional e instrumental X-NTE, improdutivos, ocupam que lugar nessa ordem de associação? E o lugar e o papel dos adjetivos X-NTE, vocábulos mais recorrentes nesse caminho diacrônico?

Para responder a tudo isso, empregaremos a mesma metodologia utilizada no capítulo quinto. Buscaremos informações a respeito do latim vulgar via Método Histórico-Comparativo (passo III), confrontando vocábulos X-NTE do português com os das outras três línguas românicas utilizadas para o estudo de X-DOR, ou seja, espanhol, italiano e francês. Exploraremos com mais intensidade neste capítulo a pesquisa etimológica dos vocábulos pelas línguas românicas (passos IV, V e VI), uma vez que os dados de –NTE, haja vista a grande irregularidade, são mais complexos que os de X-DOR. Antes, porém, examinaremos, ainda, se existiam palavras X-NTE no latim escrito (passo II). Com tudo isso, poderemos verificar que acepções já estavam presentes na fala dos romanos e estabelecer como se processou a associação dos significados.

7.1 X-NTE no latim

7.1.1 X-NTE no latim literário

Como sabemos, o latim dispunha de um sistema de casos. A diferença de função sintática acarretava também distinção morfológica. Portanto, não podemos esperar que vocábulos X-NTE sempre apresentem essa terminação. Assim, para colhermos os

dados em sua totalidade, devemos levar em conta as variações da língua latina, que aparecem a seguir em (111):

(111)

CASOS	FORMA	
	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	-NS	-NTES
Acusativo	-NTEM	-NTES
Ablativo	-NTE	-NTIBUS
Dativo	-NTI	-NTIBUS
Genitivo	-NTIS	-NTIUM
Vocativo	-NS	-NTES

Em contraste com o que ocorria com formações X-ARIU e X-TOR, as palavras X-NTE do latim não faziam parte da classe dos substantivos ou dos adjetivos. Ou, conforme será mais bem detalhado na próxima seção, não eram substantivos ou adjetivos convencionais. Esses itens lexicais pertenciam ao particípio presente, forma nominal do verbo que não se conserva no português. Para entendermos o que era o particípio presente, é interessante observar a explicação de Almeida (2000):

(112)

O **particípio presente** (*amans, ntis*): 1^o – concorda com o substantivo a que se refere, sendo inteiramente declinável, como se fosse nome da 3^a declinação; 2^o – corresponde, geralmente, a uma subordinada relativa: *amans* = que ama; 3^o – conserva a regência do verbo: homens que amam a virtude = *homines amantes virtutem* (*amantes* no nominativo plural porque concorda com *homines*). (ALMEIDA, 2000, p. 204).

Para atestarmos a presença dessas formações no latim literário e darmos início ao passo II, colhemos dados em quatro obras escritas: *A Eneida*, de Virgílio, também utilizada anteriormente nos dados de –TOR; e três discursos de Cícero: *Pro Archia*, *Pro Marcello* e *Pro Ligario*⁵⁷. Começemos então por *A Eneida*:

(113)

a.

Fracti bello que repulsi fati ductores Danaum, **labentibus** iam tot annis, aedificant equum...

Quebrantados pela guerra e repelidos pelos destinos, os chefes dos gregos, **decorridos** já tantos anos, constroem um cavalo...

b.

Sortiti includunt huc furtim corpora delecta virum que implent penitus milite armato **ingentes** cavernas que uterum.

Tendo feito sortes, introduzem ali furtivamente corpos escolhidos de guerreiros e enchem inteiramente de soldadesca armada as **enormes** cavernas e o bojo (do cavalo de pau).

c.

Ibi primus ante omnes, magna caterva **comitante**, ardens Laocoon...

Ali o primeiro, à frente de todos, com grande multidão **acompanhando** (-o), o feroso Laocoonte...

d.

...qui se obtulerat ultro ignotum **venientibus**, ut strueret hoc ipsum que aperiret Troiam Achivis, **fidens** animi atque paratus...

...o qual se entregara livremente como desconhecido **aos que vinham**, para que tramasse isto mesmo e abrisse Tróia aos gregos, **confiante** de coragem e disposto...

e.

Prosequitur **pavitans** et pectore ficto fatur: "Saepe Danai cupiere moliri fugam..."

Prossegue **temeroso** e com o peito fingido diz: "Muitas vezes os gregos desejaram tentar a fuga..."

⁵⁷ Esses discursos de Cícero estão reunidos em Gonçalves [196-?]

f.

...miserere animi **furentis** non dignas...

...que tenhas piedade de um coração **que sofre coisas não dignas...**

g.

Fit sonitus salo **spumante**...

Faz-se um ruído no mar **espumoso**...

h.

Que suffecti oculos **ardentes** sanguine et igni, lambebant linguis **vibrantibus** ora sibila.

E, tendo tingido os olhos, **ardentes** de sangue e de fogo, lambiam com as línguas **vibrantes** as bocas sibilantes.

i.

...et **ferentem** tela, que ligant **ingentibus** spiris;

...e **que trazia** lanças, e apertam com **ingentes** anéis;

j.

...pulvere cruento, que traiectus lora per pedes **tumentes**.

...com o pó ensanguentado, e tendo atravessado as rédeas pelos pés **inchados**.

l.

Interea vertitur caelum et nox ruit Oceano, **involvens** umbra magna que terram que polum...

Entretanto, muda-se o céu e a noite se precipita do Oceano, **envolvendo**, na sombra imensa, não só a terra, mas também o polo (o céu)...

m.

Et iam phalanx Argiva ibat a Tenedo, navibus instructis, per silentia amica tacitae lunae, **petens** litora nora...

E já a falange grega partia de Tênedos, com os navios preparados, durante os silêncios amigos da tácita lua, **procurando** os litorais conhecidos...

n.

Infelix, qui non audierit praecepta sponsae **furentis**!

Infeliz, que não escutou os vaticínios da esposa **fora-de-si (inspirada)**!

o.

Aggressi ferro turrim **stantem** in praecipiti...

Tendo atacado com a espada uma torre **que se mantinha** num declive...

p.

...qua tabulata summa dabant iuncturas **labantes**...

...por onde os tabuados mais elevados davam (apresentavam) juntas **vacilantes**...

q.

...et hostem médium in penetrabilibus sênior nequidquam circumdat umeris **trementibus** aevo arma diu desueta...

...e o inimigo no meio nos aposentos particulares, o velho inutilmente lança em volta dos ombros **tremetes** pela idade as armas há muito desusadas...

r.

...ipse repeto urbem, et cingor **fulgentibus** armis.

...eu mesmo volto à cidade, e me cinjo com as **fulgentes** armas.

s.

...deseruit **lacrimantem** et **volentem** dicere multa...

...abandonou(-me) (a mim) **que chorava** e **que desejava** dizer muitas coisas...

Os vocábulos em negrito acima merecem alguns comentários. Em (113) “a”, por exemplo, “labentibus” deriva do verbo depoente “labi”. Uma das acepções registradas em Saraiva (2006) é “correr rapidamente”, “deslizar ligeiro”, o que torna a tradução (“decorridos”) correta. É importante que não confundamos o verbo em questão com “laborare” ou com o substantivo “labor”, com significados mais conhecidos dos estudiosos do idioma: “trabalhar” e “trabalho”.

Em “b”, “ingentes” significa “enormes”. Apesar de pouco conhecido pelos falantes, o português possui o adjetivo “ingente”, que, conforme registra o *Houaiss Eletrônico*, é o mesmo que “muito grande”, “desmedido”.

Em “c”, “comitante” foi traduzido como “acompanhando”. Esse particípio presente deriva do verbo “comitari”, o qual, assim como “labi”, é depoente. Em Saraiva (2006), de

fato, o vocábulo possui a tradução apresentada. “Acompanhar”, por sua vez, tem étimo duvidoso. Para o *Houaiss Eletrônico*, a forma hipotética “*acompaniare*” (de “*compania*”) estaria na origem da palavra. Seu significado seria “conjunto de pessoas que come seu pão juntamente”.

O primeiro item de “d”, como podemos inferir antes de qualquer comentário, deriva do verbo “*venire*” (“*vir*”). Já “*fidens*”, “que confia”, está na base de muitas palavras de nossa língua, como “*fiel*” e “*fidedigno*”. É participio presente de “*fidere*”.

“*Pavitans*”, em “e”, é participio presente de “*pavere*”: “ter medo”, “estar amedrontado”. “*Temeroso*”, que aparece na tradução, é originado de “*timere*”.

“*Furentis*”, em “f”, é proveniente de “*furere*”, cujo significado, segundo Saraiva (2006), é “estar fora de si, ter o juízo perdido”. Daí a extensão de sentido promovida pelo tradutor, associando a “coisas indignas”.

Em “g” e “h”, temos itens (“*spumante*”, “*ardentes*” e “*vibrantes*”) que mantêm correspondência formal e semântica bastante evidente com seus vocábulos correspondentes em português. Já em “i”, é desnecessário comentar “*ingentibus*”, pois já o fizemos por ocasião da alínea “b”. “*Ferentem*” é participio presente de “*ferre*”, cujo significado é, dentre tantos, “levar ou trazer”. “*Trazer*”, que aparece na tradução, provém de “*trahere*”.

“*Tumentes*”, em “j”, vem de “*tumere*” e está na base de “*intumescido*”, do português. Pelo prisma formal, obviamente não pode ter dado origem a “*inchar*”. Este vocábulo deriva de “*inflare*”: “soprar”, “encher de vento”.

Em “l”, “*involvens*”, que está no caso nominativo, é derivado de “*involvere*”, o qual mantém correspondência formal e semântica com “*envolver*”, do português.

“Petens”, traduzido como “procurando” em “m”, provém do verbo “petere”, que possui o sentido de “buscar”, “requerer”. Não serviu de base para derivação de vocábulo da nossa língua. “Procurar” vem de “procurare”.

Na alínea seguinte, “furentis” é particípio presente de “furere”, cujo significado é “ter fúria”, “estar fora de si”, como atesta a tradução.

“Stantem”, em “o”, deriva de “stare”, que gera “estar” em português. Saraiva (2006) arrola vários matizes significativos para o verbo, dentre os quais “estar de pé”, “estar à espera”, “estar num lugar”, que mantêm relação com a tradução apresentada.

“Labantes”, na alínea seguinte, vem de “labare”, cujo significado é “cambaleiar”, “titubear”, “vacilar”. Tal verbo não deriva nenhuma palavra de nossa língua. Em latim, havia “vacilare”, origem de “vacilar”.

As alíneas “q” e “r” trazem itens facilmente identificáveis pela forma. “Trementibus” e “fulgentibus” são particípios presentes de “tremere” (“tremar”) e “fulgere” (fulgir”).

Por fim, “s” possui dois vocábulos. “Lacrimantem” provém de “lacrimare”, “derramar lágrimas”. Em português, embora pouco usual, existe “lacrimar”, como revela o *Houaiss Eletrônico*. “Volentem” é particípio presente de “velle”, “ter vontade”, “desejar”.

Nos fins do ano 46 a.C., Cícero defendeu Quinto Ligário, homem de ideais republicanos. Este personagem, por ocasião da batalha de Tapsa, foi preso em Adrumento por ordem de César, que saíra vitorioso do combate. Em brilhante discurso, o orador romano conseguiu permissão para o regresso de Ligário à Itália em um Tribunal onde o próprio César foi o juiz. Também aqui, observamos presença de vocábulos X-NTE:

(114)

a.

Habes igitur, Tubero, quod est máxime optandum accusatori, reum **confitentem**, sed tamen ita **confitentem**, se fuisse in ea parte, qua te, Tubero, qua tuum patrem, virum dignum omni laude.

Tens, portanto, Tuberão, o que é mais (sobretudo) para ser desejado (desejável) para um acusador, o réu **que confessa**, mas ainda sim **confitente**, de que ele esteve naquele partido, em que tu (estiveste), Tuberão, em que (esteve) teu pai, homem digno de todo louvor.

b.

...cum Ligarius **spectans** domum et **cupiens** redire ad suos, passus est se implicari nullo negotio.

...quando Ligário **olhando** para (sua) pátria, e **desejando** regressar para junto dos seus não consentiu que ele fosse ligado a nenhum negócio.

c.

...nec reformidat quid occurrat de se ipso tibi **audienti** de alio.

...nem se atemoriza pelo que ocorra a respeito dele próprio a ti **que (o) ouves** falar acerca de outro.

d.

...tuam prudentiam, Tubero, sed multo magis tui patris, quod homo **excellens** cum ingenio, tu metiam doctrina...

...a tua prudência, Tuberão, todavia, muito mais a (prudência) de teu pai, porque (sendo) homem **superior** não só pelo talento, mas ainda pela sabedoria...

e.

Tu, Caesar, initio existimavisti illam secessionem non bellum, neque odium hostile, sed dissidium civile; **cupientibus** utrisque rempublicam (esse) salvam...

Tu, César, no princípio julgaste aquela separação não uma guerra, nem um ódio hostil, mas uma discórdia civil; **desejando** ambos (os partidos) que a república fosse salva...

Em (114), os itens que compõem as alíneas “a” e “c” são bastante conhecidos. A forma deles é muito próxima da dos vocábulos correspondentes em português. “Confitentem” se origina de “confiteri”, depoente (verbo ativo com forma passiva). Seu

significado é “confessar”. “Confitente”, em nosso idioma, é o que faz uma confissão⁵⁸. Em “c”, “audienti” é particípio presente de “audire”, que gera “ouvir”.

Em “b”, temos “spectans” e “cupiens”. O primeiro é derivado de “spectare”: “olhar”, “contemplar”. Em português, origina “espectar”. Já “cupiens”, presente também na alínea “e” (“cupientibus”), vem de “cupidere”, “desejar”, “cobiçar”. Este verbo latino está na base de vocábulos como “cupido” e “cupidez” em nossa língua.

Em “d”, “excellens” é particípio presente de “excellere”, “elevar, erguer, levantar alto”, daí a tradução apresentada: “superior”. O *Houaiss Eletrônico* registra o verbo “excelear”, significando “destacar-se ou salientar-se muito de outros”.

No discurso em defesa de Archia, já apresentado no capítulo quinto, também vemos construções X-NTE:

(115)

a.

Nam **repetens** inde usque quoad meã mens potest respicere longissime spatium temporis praeterit, et recordari ultimam memoriam pueritiae, vídeo hunc exstitisse mihi pricipem et ad suscipiendam et ad ingrediendam rationem horum studiorum.

Com efeito, **renovando** daqui até o ponto em que o meu espírito pode olhar para trás o mais longe possível o espaço de tempo pretérito (decorrido), e recordar a mais afastada lembrança da infância, vejo que este foi para mim o principal não só para empreender, mas também para ingressar no plano destes estudos.

b.

...populus romanus, **imperante** Lucullo aperuit Pontum, quondam vallatum egregie...

...o povo romano, **comandado** por Luculo, rompeu o Ponto, outrora entrincheirado de maneira assombrosa...

⁵⁸ É diferente, portanto, de “confidente”, que é aquele a quem se revelam os segredos. Sua origem é o verbo “confidere”: “confiar em”, “pôr confiança em”, conforme Saraiva (2006).

Em (115), “repetens”, de “repetere” (“repetir”), foi traduzido como “renovando”. Olhar para o passado é repetir um percurso com o fim de aprender. “Imperante”, de “imperare”, significa “imperar”, “comandar”.

Finalmente, em defesa de Marcelo, conservador e democrata convicto, portanto inimigo de César, Cícero é decisivo no perdão do imperador ao desterrado. Em mais esse discurso, vemos palavras cuja estrutura é X-NTE:

(116)

a.

...adversarium **iacentem præstantem** nobilitate, ingenio, virtute...

...o adversário (político) **que jaz** (dominado) **valoroso** pela nobreza, pelo talento, pela virtude.

b.

Quoties ego eum vidi, et cum quanto dolore, **extimescentem** cum insolentiam certorum hominum, tu metiam ferocitatem ipsus victoriae!

Quantas vezes eu o vi, e com quão grande dor, **temendo** não só a insolência de certos homens, mas também a crueldade da própria vitória!

c.

Certe posteri obtupescent **audientes** et **legentes** imperia...

Certamente os pósteros ficarão pasmados **ouvindo** e **lendo** os (teus) governos...

d.

Sed, quia non est necesse omnibus **stantibus** dicere, volunt certe dici a me...

Mas, porque (como) não é necessário a todos **que estão presentes** falarem (que falem), querem certamente que (isso) seja dito por mim...

Dos itens presentes em (116), “audientes”, em “c”, já foi comentado por ocasião de (114) “c”. “Legentes”, na mesma alínea, vem de “legere”, base de “ler” em português. “Stantibus”, em “d”, também já foi descrito em (113) “o”.

Em “a”, “iacentem” provém de “iacere”: “estar estendido, estirado, descansar, repousar”. Em nossa língua, para o verbo “jazer” sobressai o sentido fúnebre: “estar morto”, “sepultado”. “Præstantem” é o particípio presente de “præstare”: “estar adiante, abrigar, levar vantagem, sobressair”. Origina “prestar” em português (“aquilo que possui qualidade, sobressai”).

Finalmente, “extimescentem”, em “b”, é particípio presente de “extimescere”: “espantar-se, atemorizar-se”. O *Houaiss Eletrônico* não registra vocábulo derivado desse verbo. “Temer” tem origem em “timere”.

Após tudo o que fora dito nesta seção, parece que os significados atuais das formações X-NTE não estavam presentes ou possuíam presença bastante restrita no latim escrito, ao contrário do que ocorreu com o estudo de X-DOR. Em 7.1.1.1, a seguir, veremos se isso é confirmado.

7.1.1.1 O valor das formas X-NTE no latim literário

Nesta seção, teremos como base o trabalho de Fava (1998). Estudando o latim escrito, a autora define, a partir dos dados constantes do seu *corpus*, os valores do particípio presente. Após apresentarmos essa relação de valores, confrontaremos com os itens X-NTE mostrados em (113), (114), (115) e (116). Com isso, obteremos

informação sólida a respeito do que eram essas formações na modalidade escrita da língua latina.

A seguir, em (117), mostraremos quadro-resumo dos vocábulos X-NTE com base na obra citada:

(117)

FORMAÇÕES X-NTE (Fava, 1998)	
Adjetivo	<i>Quibus uictoribus incolumis et florens ciuitas esse posset. Vencedores para os quais a cidade poderia estar intacta e florescente.</i>
Oração adjetiva	<i>Misericordia est aegritudo ex miseria alterius inuria laborantis. A piedade é o pesar pela miséria de outrem que a sofre sem o merecer.</i>
Advérbio	<i>Ad nos veniunt flentes. A nós chegam chorantes.</i>
Or. adv. temporal	<i>Quid dicam de Socrates acius morti illacrimare soleo Platonem legens. Que direi de Sócrates por cuja morte costume chorar quando leio Platão.</i>
Or. adv. modal	<i>Me – Meus pater nunc pro huius verbis recte et sapienter facit, qui complexus cum Alcmena, cubat amans, animo obsequens. Mercúrio – Então meu pai está a proceder muito bem segundo a opinião deste homem, visto que está deitado com Alcmena, abraça-a, amando-a, obedecendo à sua própria vontade.</i>
Or. adv. condicional	<i>Hem; itaque adeo megmam mi iniicit sua commoditate curam, ne forte imprudens faciam, quod nolit; sciens cavebo. Mas ai! A sua brandura traz-me agora grandes cuidados: tenho de não fazer, por falta de pensar, aquilo que ele não quer; porque, sabendo, tomo (tomarei) cuidado.</i>
Or. adv. causal	<i>Miltiades, morandi tempus non habens, cursum direxit quo tendebat, pervenitque Chersonesum. Milcíades, não tendo tempo de demorar-se, continuou a viagem para onde se dirigia, e chegou a Quersoneso.</i>
Or. adv. concessiva	<i>Cur turbulentam inquit, fecisti mihi / Aquam bibent? Laniger contra timens: / Qui possum, quaeso, facere quod quereris, lupe! Por que tornaste a água turva a mim (que estou) bebendo? Temendo, o lanígero (disse) (frente a frente) em resposta: Como posso, peço (que me respondas), ó lobo, fazer o que reclamas?</i>
Substantivo	<i>Quot amans exemplis ludificatur. Todo amante ri do exemplo.</i>

Como podemos perceber, Fava (1998) arrola nove valores para as formações X-NTE em latim. Além de equivaler a uma oração adjetiva – conforme mostra a definição de Almeida em (112) – pode corresponder também a um adjetivo simples, a um advérbio simples, a uma oração adverbial (temporal, modal, condicional, causal e concessiva) ou, até mesmo, a um substantivo. Vejamos então se os itens levantados por nós se enquadram nesse conjunto mostrado:

(118)

FORMAÇÕES X-NTE dos dados de (113), (114), (115) e (116)⁵⁹	
Adjetivo	(113): b, d'', e, g, h', h'', i'', j, n, p, q, r; (114): a'', d; (116): a''.
Oração adjetiva	(113): a, c, d', f, i', o, s', s''; (114): a', b', b'', c; (115): b; (116): a, d.
Or. adv. temporal	(115): a; (116): c
Or. adv. modal	(113): l, m; (114): e; (116): b.

Portanto, os itens extraídos de *A Eneida* e das obras de Cícero estão contidos nos grupos apontados por Fava (1998). De 36 (trinta e seis) itens, 30 (trinta) possuem valor adjetivo, sendo 15 (quinze) adjetivos propriamente ditos e outros 15 (quinze) orações. Apenas 6 (seis) vocábulos apresentam valor adverbial: 4 (quatro) orações modais e 2 (duas) temporais. Logo, em termos percentuais, 83,3% das palavras em exame detêm valor adjetivo, ao passo que em 16,7% observamos valor adverbial. Isso corresponde, em maior parte, ao conceito de participio presente mostrado em (112),

⁵⁹ As linhas (' ou ''), em alguns dos itens da tabela, indicam que a alínea possui mais de um vocábulo, sendo que aquele que recebe apenas uma foi o primeiro a aparecer.

que o equivale a uma subordinada relativa (oração adjetiva). Mas, como é flagrante, o particípio presente começa a perder sua essência.

É importante destacar, no entanto, que vocábulos X-NTE já apareciam com uso substantivo ao contrário do que é comumente afirmado nos manuais de história da língua. Conseqüentemente, os grupos de afinidade semântica mostrados no capítulo anterior poderiam, em tese, estar presentes na escrita latina. Isso se revela, como é evidente, de suma importância para a questão a que esta Tese busca responder.

O próprio trabalho de Fava tangencia esse fato ao mostrar que, no plural do acusativo, caso de onde derivam as palavras das línguas da Romênia Ocidental, o adjetivo podia, nas palavras da autora, “apresentar uso substantivo”, algo que ocorria mais frequentemente no plural. Vejamos o exemplo abaixo:

(119)

Prima et secunda acies ut uictis ac submotis resisteret, tertia ut **uenientes** substineret.

A primeira e segunda linhas para que resistissem aos vencidos e aos que haviam batido em retirada, a terceira para que enfrentasse os **recém-vindos**.

Ainda revela que também no nominativo singular, embora mais raro, os particípios presentes apresentavam uso substantivo:

(120)

Quot **amans** exemplis ludificatur.

Todo **amante** ri do exemplo.

Pesquisando nas obras escritas em latim, vemos que realmente vocábulos X-NTE já começavam a ser empregados como substantivos. Abaixo, temos um exemplo de *Pro Ligario*:

(121)

...vel quod delector ingenio que studiis eius, vel quod existimo laudem **adolescentis** propinqui redundare etiam ad aliquem fructum meum.

...ou porque me deleito com o talento e com os empreendimentos dele, ou porque julgo que o louvor de um **mancebo** (meu) parente redundava ainda em alguma utilidade minha.

Em (121), “adolescentis”, no caso genitivo, apresenta uso substantivo, equivalendo a “mancebo”, “adolescente”. Cícero não emprega o vocábulo no contexto natural de participio presente, que seria “que cresce, engrossa, aumenta”, conforme registra Saraiva (2006). No *De Officiis*, temos:

(122)

Vero **iudicans** dolorem summum malum certe nullo modo potest esse fortis aut temperans, **statuens** voluptatem summum bonum.

Por outro lado, **aquele-que-julga** a dor o supremo mal certamente de nenhum modo pode ser forte, ou comedido, **aquele-que-estabelece** a sensualidade como sumo bem.

Em (122), as traduções de Maximiliano Gonçalves para “iudicans” e “statuens” são feitas respectivamente por “aquele-que-julga” e “aquele-que-estabelece”. O uso do hífen faz as expressões equivalerem a substantivos: um “julgador” e um “estabelecedor”, agentes frequentativos, portanto.

Finalmente, para reforçar a presença desses substantivos na escrita, cabe verificar verbetes de dicionários latino-portugueses, mais especificamente o de Saraiva (2006). Como já mencionado no capítulo quinto, essas obras espelham, têm como *corpora*, os escritos latinos, sobretudo os do período clássico. Em (123), portanto, alguns dos verbetes encontrados e seus respectivos usos substantivos⁶⁰.

(123)

a. ADJACENS, ENTIS:

Os povos vizinhos [...]. Lugares adjacentes, os arredores, as vizinhanças, os arrabaldes.

b. AUDIENS, ENTIS:

Auditor, ouvinte.

c. ERRANS, NTIS:

Errante, que sai do caminho, vagabundo.

d. LACTENS, ENTIS:

Criança que mama.

e. MENTIENS, ENTIS:

O mentiroso.

⁶⁰ Os verbetes não estão transcritos integralmente. Aparecem apenas as partes que interessam para a construção do raciocínio.

Os itens não carecem de comentários aprofundados já que derivam vocábulos bastante consagrados em nossa língua. Em (123) “a”, “adjacens, -entis” é particípio presente de “adjacere”, cujo significado é “estar deitado ao pé de”, “junto a”. Por isso, o uso substantivo para designar “povos vizinhos”. Os demais itens são originados respectivamente dos verbos “audire” (“ouvir”); e “errare”, que gera “errar” no sentido de “vagar”, “andar sem destino”. Daí, nomear o “errante” como “vagabundo”, “pessoa à toa”. “Lactens, -entis” é flexão de “lactare”: “amamentar”, “criar no peito”. “Mentiens, -entis”, por fim, provém de “mentior”, verbo depoente cujo significado é “mentir”. Vejamos agora a descrição integral dos verbetes de (124):

(124)**a. ADSTRIDENS, -ENTIS:**

Particípio presente de adstrideo⁶¹.

b. ADSUSPIRANS, -ANTIS:

Particípio presente do v. desusado adsuspiro.

c. AMBULANS, -ANTIS:

Particípio presente de ambulo.

d. COMMINANANS, -ANTIS:

Particípio presente de comminor.

⁶¹ Os verbos citados em (122) significam respectivamente “sibilar”, “suspitar com”, “ir e vir”, “conduzir gados” e “brilhar”.

<p>e. LUCENS, -ENTIS:</p>

<p>Particípio presente de luceo.</p>

O que os dados de (124), confrontados com os de (123), demonstram é que a própria construção do verbete dá mostras de que existiam particípios presentes que não eram usados como substantivos e outros em que havia a flutuação. O que se torna evidente é que o uso substantivo estava em vias de consolidação na escrita, refletindo ainda mais o desuso do particípio presente tradicional. Comparando verbetes X-NTE de Saraiva (2006), notamos claramente que os itens com valor tradicional de particípio presente (uso adjetivo) – logo, grande maioria – são descritos de forma objetiva, conforme mostrado em (124). O lexicógrafo se limita a dizer que “X” é particípio presente de “Y”.

Devemos reforçar que os dados da escrita são bastante escassos. Em todos os textos latinos examinados, é tarefa árdua encontrar vocábulos X-NTE substantivos. **Já podemos, no entanto, notar que os itens veiculados nesta Tese [de (119) a (123)] apresentam em comum o fato de serem agentes do tipo frequentativo.**

Para Maurer Jr. (1959), o latim literário conseguiu dar “certa vitalidade” ao particípio presente, o que é reforçado pelos nossos dados. Para o autor, entretanto, a língua vulgar, falada, “parece desconhecê-lo”. **Porém, não devemos entender que palavras X-NTE eram inexistentes na fala**, afinal como acabamos de observar, vocábulos típicos de particípio presente apresentavam uso “inusitado” de substantivo.

Na próxima seção, por meio da comparação entre as línguas românicas, teremos elementos mais consistentes para determinar se os itens X-NTE apareciam na fala e, nesse caso, qual era seu *status*.

7.1.2 X-NTE no latim vulgar

Como o Método Histórico-Comparativo nos permite partir do princípio de que tudo o que é comum às línguas românicas fazia parte do latim vulgar, podemos afirmar que **o participio presente**, como afirma Maurer Jr. (1959), **não existia na língua latina falada**. Isso porque esses idiomas não conservaram, na língua viva, essa forma nominal do verbo.

O italiano e o francês, no entanto, apresentam, em seus manuais de gramática, o participio presente. Entretanto, o próprio Maurer Jr. (1959) afirma ser um uso restrito, sobretudo de alcance literário. Isso pode ser reforçado pelo o que é dito pela gramática italiana Battaglia. O autor afirma que “o participio presente é adotado geralmente como um simples adjetivo ou como adjetivo substantivado” (BATTAGLIA, 2000, p. 363). Mostra ainda alguns exemplos para sustentar sua afirmação:

(125)

a. Questo signore è **rappresentante** di una ditta di medicinali.
Este senhor é **representante** de uma empresa médica.

b. L'acqua **bollente** è sempre meno pericolosa dell'olio **bollente**.
A água **fervente** é sempre menos perigosa que o óleo **fervente**.

No item “a”, temos “rappresentante”. Seu uso não se limita a um “que representa”, como seria a tradução pelo particípio presente latino. Estamos diante de um emprego substantivado, um agente profissional. Já em “b”, “fervente” é um simples adjetivo, tendência de uso do particípio presente bastante comum em latim conforme já visto. Para o francês, Correa e Steinberg (198-?) reforçam o caráter restrito e diverso do particípio presente:

(126)

a. Des enfants vont **chantant**.

As crianças vão **cantando**.

b. Des remèdes **agissants**.

Os remédios **eficazes**.

Em “b”, de (126), vemos novamente o emprego como adjetivo simples. Em “a”, os gramáticos demonstram um uso do particípio presente como “indicador de simultaneidade com a ação do verbo que ele acompanha”, ou seja, um gerúndio.

Nas outras línguas românicas, o particípio em questão não aparece nas gramáticas. Margarit (197-?), a respeito do catalão, analisa os resquícios da antiga forma nominal verbal em sua língua:

(127)

O participípio presente latino se conservou durante muito tempo em catalão medieval com seu valor ativo de adjetivo, equivalente a uma oração de relativo. De maneira parecida ao que ocorre em castellano (em que, não obstante, o uso do participípio presente sempre foi mais limitado), em catalão moderno o participípio presente se reduz a um participípio pós-verbal e, em menor escala, a uma construção substantivada. (MARGARIT, 19??, p. 462).

Em português, Câmara Jr. (1979) afirma que os reflexos do participípio presente em nossa língua se limitaram a **nomes substantivos** e a adjetivos inteiramente dissociados do verbo a que se referem, citando como exemplos as palavras “estante” e “constante”.

É lícito concluir então que os diversos usos dos vocábulos X-NTE (cf. 7.1.1.1), diferentes do participípio presente, eram reflexo dos novos empregos que essas palavras ganhavam na fala. A utilização como substantivo era um deles. A partir de agora, investigaremos se itens lexicais X-NTE do português atual, por grupo de afinidade semântica, são recorrentes nas línguas românicas espanhol, francês e italiano. Com isso, atestaremos sua presença ou ausência no latim vulgar e conseqüentemente determinaremos o mecanismo de associação dos significados.

7.1.2.1 Agentes frequentativos

Em (128), abaixo, a tabela dos agentes frequentativos:

(128)

AGENTE FREQUENTATIVO			
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	FRANÇÊS	ITALIANO
ADOLESCENTE	Adolescente	Adolescent	Adolescente
AMANTE	Amante	Amant	Amante
ASSALTANTE	Asaltante	Assaillant	Rapinatore/Brigante
EMERGENTE			
FALANTE	Hablante	Parlant	Parlante
FICANTE			
FUMANTE	Fumador/Humeante	Fumeur	Fumatore
LITIGANTE	Litigante	Litigant	Litigante
PEDINTE	Mendigo/Medicante	Mendiant	Accattone/Accattapane/Paltoniere
REPETENTE	Repetidor	Redoublant	Ripetente
VIAJANTE	Viajante	Voyageur	Viaggiatore/Viandante

Comentemos primeiramente a respeito da evolução fônica do formativo /nte/. Do latim às línguas românicas, não percebemos alterações substanciais. Na verdade, português, espanhol e italiano mantêm a mesma sequência <nte> da língua-mãe. O francês, assim como ocorreu com –TOR / –DOR, é o idioma que mais inova no percurso histórico desses sufixos. Na escrita, o /e/ sofre apócope e na fala, dependendo da região, a queda pode se estender também ao /t/, ficando o formativo limitado a nasalização da vogal precedente.

Observando a **regularidade da tabela** dos agentes frequentativos e relacionando com **dados encontrados na escrita** (cf. 7.1.1.1), **podemos afirmar que essa acepção já estava presente no latim vulgar** (passo III), apesar do número escasso de dados.

Também aqui, como fizemos por ocasião de –DOR, é necessário diferirmos **unanimidade semântica** de **unanimidade vocabular**. As quatro colunas da tabela demonstram a recorrência dessas acepções pelas línguas românicas recaindo sobre o

–NTE. O que nem sempre observamos é a unanimidade vocabular, que também pode ser explicada pelas mesmas tendências citadas no capítulo referente a –DOR e que voltamos a reproduzir em (129), abaixo, para desenvolvimento do passo IV:

(129)

- (a) a célula está sem preenchimento;
- (b) a base é diferente da original;
- (c) o sufixo não é evolução de –NTE;
- (d) há combinação de (b) e (c);
- (e) representação por item lexical simples.

O caso (129) “a” está ligado aos itens para os quais não encontramos tradução nas outras línguas neolatinas. Para tal situação, temos apenas dois vocábulos: “emergente” e “ficante”. O *Houaiss Eletrônico*, como já dito anteriormente, registra o primeiro como uso informal, o que reforça seu *status* de palavra nova no português e, por consequência, dificulta sua descoberta com o sentido de agente frequentativo habitual em outras línguas. Já “ficante”, como também já fora informado no capítulo de descrição formal do grupo, nem apresenta registro no citado dicionário uma vez que é um item notoriamente recente. Portanto, realmente não seria esperável encontrar suas células preenchidas.

A situação (129) “b”, muito comum nas tabelas de X-DOR, também está presente em itens X-NTE. O italiano, por exemplo, em uma das traduções para “assaltante”, preserva o sufixo –NTE, mas utiliza como base o verbo “brigare” (“brigar”, “intrigar”), gerando a forma “brigante”. Esse verbo não possui origem latina. Provém do gótico “brikan”, conforme aponta Parlagreco (1971).

“Humeante”, uma das traduções para “fumante” em espanhol, apresenta como base “humo”, que a língua românica derivou do substantivo latino “fumus”. No mesmo idioma, ainda existe “fumador”. Como em francês, “fumeur”, e em italiano, “fumatore”, a base é idêntica a do português, mas utiliza o sufixo originário de –TOR [situação (129) “c”].

Outro caso pertencente a (129) “b” é o de alguns correspondentes de “pedinte”. A palavra do português vem, segundo o *Houaiss Eletrônico*, do latim vulgar “petire”, forma reconstruída que teria dado origem a “pedir”. “Mendicante” / “mendigo”, do espanhol, (também existentes em nossa língua) e “mendiant”, do francês, partem da base latina “mendicare”: “pedir esmolas, mendigar”. Em italiano, os correspondentes possuem origem diversa das anteriormente apresentadas. “Accattone” é união de “accattare” mais sufixo aumentativo [caso (129) “d”]. O verbo italiano é original do latim vulgar “adcaptare”, que também tem o significado de “mendigar, pedir esmolas”. “Accatapanè” é um item que particularmente não está previsto em (129). Isso porque a palavra é uma espécie de cruzamento vocabular entre o verbo “accattare” e o substantivo “pane”, “pão”. O mendigo seria aquele que “pede o pão”, portanto. “Paltoniere”, por fim, é de origem desconhecida segundo Parlagreco (1971).

“Repetente” em francês é “redoublant”. Sua base não é “repetere”, como ocorre nas outras línguas em exame, mas “double”, do latim “duplus”: “dois”. Ao pé da letra seria um “reduplicador”.

A situação (129) “c”, além dos correspondentes de “fumante”, pode ser ilustrada com “repetidor”, do espanhol. A origem da base está em “repetere”, do latim, porém o sufixo é –DOR, derivado de –TOR. Mais uma vez temos aqui reforçada a ausência de

distinção discursiva entre X-NTE e X-DOR nas línguas românicas diferentes do português.

“Voyageur” e “viaggiatore” também conservam a base de origem comum com o português, mas os sufixos também são provenientes de X-TOR. Os verbos “voyager”, francês, e “viaggiare”, italiano, assim como “viajar”, do português, são formados a partir de “via, ae”, “caminho” em latim.

O caso emblemático de (129) “d” é “rapinatore”. Há alteração do sufixo (originário de –TOR) e a base surge do latim “rapina, ae”: “roubo, pilhagem”, segundo Saraiva (2006).

(129) “e” traz casos de correspondentes que são itens lexicais simples. São os casos de “púber”, uma das possíveis traduções de “adolescente” em espanhol e que também existe no português, e “giovane”, vocábulo que, da mesma forma, se refere a “adolescente”, mas em italiano. O item lexical espanhol provém do adjetivo “puber”, do latim: “que chegou à puberdade, adolescência”. Já a palavra italiana, equivalente de “jovem”, deriva de “juvenis”, também do latim.

Mostramos assim que a falta de unanimidade vocabular não significa ausência da acepção no latim vulgar. Outro ponto argumentativo que se soma para reforçar nossa tese pode ser extraído da leitura da tabela abaixo:

(130)

VOCÁBULO	REGISTRO DE X-NTE ⁶²	REGISTRO DE X (BASE) ⁶³	X-TOR CORRESPONDENTE	X-DOR CORRESPONDENTE / REGISTRO
Adolescente	1588	1699	--	--
Amante	XIV	1124	Amator	Amador / XIII
Assaltante	1902	1572	--	Assaltador / 1675
Emergente	XV	XIV	--	--
Falante	XIV	1188	--	Falador / XIV
Fumante	1664	XV	Fumator	Fumador / ?
Ficante	--	1192	--	--
Litigante	XV	XV	Litigator	--
Pedinte	XV	1152	Petitor	Pedidor / XIII
Repetente	1654	XIV	Repetitor	Repetidor / 1720
Viajante	1813	XV	--	--

Chegamos, assim, ao passo V. Conforme já apresentamos em 5.1.2, se a acepção em questão já remontava o latim vulgar, é natural que vocábulos X-NTE com esse significado já fossem registrados na modalidade escrita do nosso idioma desde seus primórdios: no período correspondente ao galego-português (séculos XII a XIV).

Obviamente que isso não tem de ser a regra para os vocábulos listados, pois é natural que novas palavras X-NTE surjam ao longo do tempo (desde o momento de aparecimento da acepção). Ao verificarmos a segunda coluna de (130), notamos que, de fato, nossa expectativa é correspondida. “Amante” e “falante” apresentam registros no século XIV. Os itens possuem perfeita correspondência entre as línguas românicas, conforme visto em (128). Isso, com efeito, aumenta a expectativa quanto ao fato de o vocábulo ser mais antigo. É verdade, porém, que palavras como “adolescente”, a

⁶² Nesta e nas outras tabelas semelhantes, as informações foram retiradas dos dados etimológicos apresentados em Houaiss et al. (2001) e no dicionário eletrônico dos mesmos autores.

⁶³ Incluímos o registro da base para reforçar a coerência dos dados etimológicos pesquisados. É de se esperar que a base tenha registro anterior ao vocábulo derivado. Excetuando “adolescer / adolescente”, isso é visto em todos os itens.

despeito da perfeita correspondência entre as línguas neolatinas, têm registro relativamente tardio (1588 nesse caso), o que não significa necessariamente que na fala o vocábulo também tenha surgido nessa época.

Outra indagação natural de quem aprecia esses dados é o estranhamento relativo ao fato de uma acepção de X-NTE tão antiga possuir poucos dados no português contemporâneo. A resposta a essa questão está tácita em 6.1.2. Em função da concorrência com itens X-DOR, X-NTE teve de enfrentar uma espécie de seleção natural, sobrevivendo aqueles vocábulos para os quais não há um X-DOR relacionado ou, existindo X-DOR correspondente, as palavras desenvolveram alguma particularidade semântica que permitisse a distinção.

“Adolescente”, “emergente”, “ficante”, “litigante” e “viajante” estão em conformidade com o primeiro caso, pois o *corpus* não apresenta um X-DOR relacionado. No caso de “litigante”, havia, como demonstra a tabela, um “litigador” em latim, mas pelo visto foi sendo suplantado ao longo do tempo⁶⁴. Nos casos em que há X-DOR correspondente, a sobrevivência de X-NTE se deve aos motivos aventados em 6.1.2.2, isto é, há diferença semântica entre os vocábulos assentada no tom mais pejorativo e/ou menos específico que recai sobre os X-DOR. Exclui-se desse caso o par “amante” / “amador”, cuja diferença é mais evidente e também já foi abordada na seção supramencionada.

Ademais, podemos notar que os vocábulos X-DOR foram registrados na língua antes dos X-NTE, o que dá mais suporte ao fato de que estes últimos tiveram de se

⁶⁴ Ferreira (1999) também não registra “litigador”. O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, todavia, registra.

adaptar para sobreviver à forte concorrência de X-DOR. Então, por exemplo, “pedidor” (século XIII) não é necessariamente um “mendigo”. O “pedinte” (século XV) aparece para efetuar essa especialização. O par “repetente” (1654) / “repetidor” (1720) é a única exceção à regra. De qualquer forma, uma vez estabelecida a diferença, nada impede que um X-DOR, mais amplo e/ou pejorativo, se distinga de um X-NTE. Percebamos que “repetente” já é um vocábulo mais tardio (século XVII).

Por fim, vale examinar a tabela etimológica das outras línguas românicas a fim de cumprirmos o passo VI:

(131)

ESPAÑHOL		FRANÇÊS		ITALIANO	
VOCÁBULO	REGISTRO	VOCÁBULO	REGISTRO	VOCÁBULO	REGISTRO
Adolescente	XV	Adolescent	XIII	Adolescente	1304
Amante	XV	Amant	XII	Amante	XIII
Hablante	XV	Assaillant	XII	Litigante	XIV
Viajante	XIII	Parlant	1210	Ripetente	1902
		Mendiant	1170		

A tabela (131)⁶⁵ nos revela que a datação dos dados do português encontra amparo nos itens apresentados para as línguas neolatinas. No espanhol, a pesquisa, feita em Corominas (1973) e Corominas e Pascual (1985), aponta registro para “viajante” no século XIII, sendo, pois, o item mais antigo. Em italiano, “amante”,

⁶⁵ Inserimos nesta e nas tabelas semelhantes apenas os itens para os quais encontramos registro de datação.

segundo Cortelazzo e Zolli (1988), é o vocábulo que apresenta o registro escrito mais remoto, também do século XIII.

O francês é o idioma românico mais interessante para constatarmos a existência de palavra ou acepção no latim vulgar. Isso porque seu primeiro documento escrito, o “Juramento de Estrasburgo”, data do ano 842⁶⁶, anterior aos das outras línguas neolatinas aqui em estudo⁶⁷. Portanto, a antiguidade do vocábulo na língua francesa é indício considerável de que a acepção em questão remonta ao latim falado.

“Amant”, por exemplo, segundo dados de Dubois et al. (1994), é do século XII. No italiano, o registro é de um século após e no espanhol são dois séculos de diferença. “Assaillant” e “mendiant” também são do século XII, sendo este último precisamente de 1170.

De qualquer forma, do ponto de vista holístico, todas as línguas românicas já apresentam no século XIII vocábulos X-NTE com significado frequentativo. Como é por volta dessa época que essas línguas se consolidam (quando definitivamente não mais podiam ser confundidas com o latim), temos aqui argumento de especial relevância para afirmar a presença da acepção no latim vulgar.

Trabalhem agora os mesmos argumentos anteriores para o grupo agente profissional para verificar se já estava presente no latim vulgar.

⁶⁶ Foi escrito em francês e alemão antigos.

⁶⁷ No português, os mais antigos textos são a *Cantiga da Ribeirinha* (ca1198) – texto literário de Paio Soares de Taveirós –, *Testamento de D. Afonso* e *Notícias de Torto* (de D Lourenço Fernandes da Cunha), ambos provavelmente de 1214. Todos foram escritos no romance galego-português. Como já dito anteriormente, o castelhano tem origem nas *Glosas Silenses e Emilianenses* (século X).

7.1.2.2 Agentes profissionais

(132)

AGENTE PROFISSIONAL			
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	FRANÇÊS	ITALIANO
ATENDENTE			
COMERCIANTE	Comerciante	Commerçant	Commerciante
DESPACHANTE	Agente aduanero	Commissionnaire	Speditore
ESCREVENTE	Escribiente	Clerc	Scrivente
FEIRANTE	Feriante	Forain	Mercante
FIGURANTE	Figurante	Figurant/Comparsa	Comparsa
PALESTRANTE		Orateur	

Como visto, apesar de escassos, podemos afirmar que os agentes frequentativos estavam presentes na fala dos romanos antigos porque há regularidade na tabela (58), unanimidade semântica sobre –NTE, registro escrito de vocábulos com esse significado nos textos clássicos, registro escrito nos primórdios da língua portuguesa e das demais línguas românicas.

No caso dos agentes profissionais, não é possível sustentarmos o mesmo (passo III). Em primeiro lugar, são muito poucos os itens lexicais dessa acepção, bem mais parcos que os frequentativos. Não são também documentados na escrita latina e, como é flagrante em (132), não podemos argumentar em favor de uma unanimidade semântica. Dos sete vocábulos portugueses X-NTE, quatro aparecem em espanhol (“comerciante”, “escribiente”, “feriante” e “figurante”), apenas dois em francês (“commerçant” e “figurant”) e somente três em italiano (“commerciante”, “scrivente” e “mercante”).

Quando existe a unanimidade semântica, mas não existe a unanimidade vocabular, utilizamos a pesquisa etimológica para mostrar o porquê dos desvios, o que conseqüentemente funciona como argumento para defender a presença da acepção na língua românica em análise. Entretanto, esse tipo de pesquisa pode ter efeito contrário quando a unanimidade semântica inexistente. Acaba agindo no sentido de sustentar a ausência do grupo de afinidade semântica. Vejamos então, por ocasião do passo IV, as irregularidades de (132)⁶⁸.

Das situações descritas em (129), apenas a da alínea “c”, mesma base com sufixo que não seja evolução de –NTE, não aparece em (132). Células sem preenchimento aparecem primeiramente para o vocábulo “atendente”. Não encontramos tradução para esse profissional nas demais línguas neolatinas. A base, “atender”, provém do latim “attendere”. Observamos que o espanhol também possui infinitivo “atender”, mas não vimos o mesmo para o francês e o italiano. A causa disso é indubitavelmente o fato de “atendente” ser um nome genérico, podendo, pois, abarcar um “receptionista”, um “balconista” ou, até mesmo, um “porteiro”.

Outra célula sem preenchimento foi a de “palestrante”. Em francês, a tradução é “orateur”, pertinente à situação (129) “d”, uma vez que une o latim “orare” mais –TOR. Em espanhol e italiano, no entanto, não encontramos correspondente. Com efeito, “palaestra”, do latim, era um termo assaz polissêmico. Era um espaço destinado a exercícios de luta, habilidade política e habilidade retórica. Talvez por isso o termo não tenha evoluído regularmente com esse último significado.

⁶⁸ Em espanhol, a tradução encontrada para “despachante” foi “agente aduanero”, expressão que naturalmente não se inclui nas situações previstas em (129). Tal profissional é um tipo específico de “despachante” (de alfândegas) e também possui essa nomeação em português.

A situação (129) “b” pode ser ilustrada pelo “mercante”, tradução italiana para “feirante”. A palavra vem do latim “mercari”, cujo significado é “negociar” e é a base do vocábulo português “mercador”.

Alguns itens da tabela apresentam base e sufixo distintos dos esperados. (129) “d” se exemplifica nas traduções francesa e italiana para “despachante”. “Commissionaire”, francês, tem a mesma base de “comissão”, do português, que deriva do vocábulo latino “commissio, -onis”, “retribuição dada por um serviço prestado”. A essência dessa atividade profissional indubitavelmente é essa. A língua francesa ainda acrescenta o sufixo –AIRE, que é a evolução do –ARIU latino, gerador de –EIRO em nosso idioma. Em italiano, a base de “speditore” é o verbo “spedire”, equivalente a “expedir”, do português, ambos derivados do latim “expedire”. O sufixo em questão mais uma vez é –TORE. Faz-se necessário ressaltar também que “despachar” provém do provençal antigo, o que dificulta encontrar correspondência perfeita entre as línguas.

Finalmente, para (129) “e”, temos “comparse”, francês, e “comparsa”, italiano, como traduções de “figurante”. A origem está no próprio italiano “comparsa”, um ator que aparece rapidamente em uma cena, e o francês toma o termo por empréstimo.

Os dicionários etimológicos de francês consultados não esclarecem a origem e a razão de “clerc” ser “escrevente”. “Forain”, “feirante” em francês, é a mesma raiz presente no inglês “foreigner”, “estrangeiro”. Surge do saxão, que incluiu a palavra por meio de empréstimo do latim “foranus”.

Após essas considerações, temos de pensar em algumas questões, semelhantes às respondidas para os frequentativos: quando então vocábulos X-NTE passaram a comportar também o significado profissional? Por que não seria uma acepção tão

difundida para esse tipo de estrutura vocabular? Para responder a essas indagações, mais uma vez nós nos serviremos da tabela etimológica (passo V):

(133)

VOCÁBULO	REGISTRO DE X-NTE	REGISTRO DE X (BASE)	X-TOR CORRESPONDENTE	X-DOR CORRESPONDENTE / REGISTRO
Atendente	XX	XIII	--	Atendedor / ?
Comerciante	1789	1511	--	--
Despachante	1913	XV	--	Despachador / 1536
Escrevente	1634	XIII	--	Escrevedor / XIV
Feirante	1836	1117	--	--
Figurante	1858	XIII	--	--
Palestrante	?	1824	--	Palestrador / ?

Ao contrário dos frequentativos, nossa expectativa é que vocábulos X-NTE de agentes profissionais não apareçam nos primeiros tempos da língua portuguesa. Isso porque, como não estavam presentes no latim vulgar, são conseqüentemente uma inovação das línguas românicas. A tabela (133) corrobora nossa hipótese, já que o item mais antigo remonta o século XVII (“escrevente”: 1634), embora muitas das bases já fossem documentadas nos séculos XII e XIII (“atender”, “escrever”, “feirar” e “figurar”). Os demais dados foram registrados a partir do século XVIII. O contraste temporal com os frequentativos fortalece a presença destes e a ausência dos profissionais no latim vulgar, revelando sincronia entre os dados comparados das línguas românicas e as pesquisas etimológicas de datação.

Para esse grupo, não causa estranhamento a pouca quantidade de dados, haja vista que é bem mais novo que os frequentativos. Mas a escassez não é explicada por esse motivo. Também aqui devemos examinar pelo prisma da metáfora da seleção natural. Existe grande concorrência com X-DOR profissional, que, como visto, é altamente produtivo. X-NTE sobrevive onde não existe X-DOR similar⁶⁹, casos de “comerciante”, “feirante” e “figurante”.

Conforme já abordamos, se existe X-DOR semelhante, X-NTE possui maiores chances de coexistir se desenvolver algum tipo de peculiaridade semântica. No caso dos agentes profissionais, essa questão já foi explorada em 6.1.2.3. Vimos que “atendente”, por exemplo, é especificamente humano, ao passo que “atendedor” pode equivaler à “secretária eletrônica” em Portugal.

O “despachador” também é diferente do “despachante” por incluir referentes inanimados. Conforme o *Houaiss Eletrônico* registra, sua definição engloba uma “alavanca a que se prende o carro de transporte de matrizes”.

Já “escrevedor” possui um tom pejorativo (“que escreve de maneira medíocre”) que o distingue porque também pode ser visto como agente frequentativo. O “escrevente” é exclusivamente humano, “profissional subordinado ao escrivão”. Neste grupo, há a exceção de “palestrante / palestrador”, itens para os quais nosso *corpus* não estabelece diferença.

Vale observar ainda que apenas dois vocábulos X-DOR apresentam datação, “despachador” e “escrevedor”. Ambos aparecem na língua em 1536 e século XIV respectivamente. Como esperado, antes dos correspondentes X-NTE: 1913 e 1634

⁶⁹ Outro aspecto que facilitou a sobrevivência desses itens é o fato de os concorrentes serem “recentes”. Não havia, em latim, X-TOR correspondente, como podemos observar na terceira coluna da tabela.

também respectivamente. Reforça-se assim a adaptação dos X-NTE para existirem ao lado dos vocábulos X-DOR.

Mas será que os registros nas demais línguas românicas também são tardios? Vejamos em (134), a seguir, o passo VI:

(134)

ESPAÑHOL		FRANCÊS		ITALIANO	
VOCÁBULO	REGISTRO	VOCÁBULO	REGISTRO	VOCÁBULO	REGISTRO
Comerciante	1680	Commerçant	1695	Commerciant	1751
Escribiente	1607	Figurant	1740	Scrivente	1375
				Mercante	XIV

Os poucos dados da tabela mostram que, em espanhol e francês, os registros ocorrem a partir do século XVII. São mais antigos que os do português, mas igualmente tardios para o tipo de questão que estamos apreciando. Comparando (134) com (131), vemos mais uma vez que frequentativos são mais antigos que profissionais. “Scrivente” e “mercante”, do italiano, são do século XIV, antigos, mas, em virtude de todos os argumentos aventados, julgamos que o uso substantivo agentivo profissional da construção X-NTE era recente. Até porque, no caso específico desses vocábulos, o latim possuía “mercator” e “scriptor” com significado profissional.

Passemos agora à apreciação dos agentes instrumentais. Vejamos se são X-NTE presentes desde o latim vulgar.

7.1.2.3 Agentes instrumentais

(135)

AGENTE INSTRUMENTAL			
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	FRANÇÊS	ITALIANO
ABSORVENTE	Absorbente	Absorbant	Assorbente
ALTIFALANTES	Altoparlante	Haut-parleur	Altoparlante
BERRANTE			
BORRIFANTE			
TRINCHANTE	Trinchante/Trinchador	Découpeur	Trinciante

É largamente evidente, observando (135), que **agentes instrumentais não estavam presentes no latim vulgar** (passo III). As explicações são semelhantes às que usamos para os profissionais. A quantidade de dados no português contemporâneo é ínfima. Além disso, não encontramos itens X-NTE em latim literário em que recaia sobre o sufixo valor instrumental. Não vimos ainda a citada unanimidade semântica. Dos cinco vocábulos, apenas sobre três vemos –NTE com significado instrumental em espanhol (“absorbente”, “altoparlante” e “trinchante”). Em francês, somente “absorbant” e, em italiano, outros três: “assorbente”, “altoparlante” e “trinciante”. Apenas “absorvente” mantém regularidade entre base e sufixo pelas línguas românicas.

A ausência de unanimidade vocabular pode ser explicada por alguns dos parâmetros de (129) – passo IV. Inicialmente, vemos “berrante” e “borrifante” sem equivalentes pelas línguas românicas. No caso do primeiro, há polissemia dentro da própria acepção instrumental. “Berrante”, como já foi tratado em 6.1.2.4, pode ser tanto uma “corneta de chifre”, que reproduz o “berro” para chamar bois, quanto um “revólver”, pois reproduz um “berro”, barulho de tiro. Nas duas situações, o *Houaiss Eletrônico*

identifica regionalismos brasileiros, sendo o primeiro típico de Goiás e Minas Gerais. Logo, não poderíamos, de fato, esperar a recorrência pelas nossas línguas-irmãs.

Já “borrifante” incorre no caso já exposto da concorrência com “borrifador”. Espanhol, francês e italiano não apresentam correspondente para o vocábulo X-NTE, mas para o X-DOR é diferente⁷⁰.

Aqui não temos a situação (129) “b”. Não há equivalente com sufixo –NTE que altere somente a base. Já para (129) “c”, temos “trinchador” em espanhol, que também está registrado no *Houaiss Eletrônico* para o português. “Haut-parleur”, do francês, também se encaixa nesse caso, já que usa “–EUR”, também derivado de –TOR, como já examinado anteriormente. Somente o “haut” não é puramente originário do latim “altus”, como ocorre com as outras línguas. Segundo Dubois et al. (1994), sofreu influência do alemão “hoch”.

Para (129) “d”, temos “découpeur”, “trinchante” em francês. O sufixo também é –EUR e a base é originária do latim “collum”, “colar”. Então, o vocábulo, ao pé da letra, é um “descolador”, o que realmente mantém relação com o significado de “trinchante”.

Vejamos agora a tabela etimológica dos instrumentais (passo V):

(136)

VOCÁBULO	REGISTRO DE X-NTE	REGISTRO DE X (BASE)	X-TOR CORRESPONDENTE	X-DOR CORRESPONDENTE / REGISTRO
Absorvente	1713?	XV	--	Absorvedor / 1881
Altifalantes	?	1188	--	--
Berrante	1913	1580	--	Berrador / ?
Borrifante	?	XIV	--	Borrifador / ?
Trinchante	1619	1602	--	Trinchador / 1881

⁷⁰ Em espanhol: “rociadera” ou “regadera”. Em francês: “arrosoir”. Em italiano: “spruzzatore”.

Como não há agente instrumental X-NTE no latim vulgar, tem de ocorrer aqui o mesmo que foi verificado para os profissionais. Não é esperável que haja vocábulos registrados pelos séculos XIII e XIV. Mais uma vez os dados etimológicos satisfazem nossas expectativas. O item mais antigo é “trinchante”, registrado em 1619, século XVII, portanto. “Berrante” é de 1913 e “absorvente” é de 1713, mas neste último caso o vocábulo encontrado seria um adjetivo e não o substantivo agente instrumental. O *corpus* não deixa claro a que acepção a data se refere.

A existência de itens X-NTE, também aqui, é inerente à ausência de um X-DOR correspondente ou devido à especialização semântica da forma. “Altifalante” não coexiste com um “altifalador”. Nos demais casos, devemos nos centrar nas explicações dadas em 6.1.2.4. “Absorvedor” é um termo amplo, alude ao que tem a propriedade expressa pela base. “Absorvente”, no entanto, é a designação única para o objeto higiênico. Assim como “berrante” e “berrador” são distintos. Este último pode, por exemplo, se referir a um bebê que chora muito, sendo, pois, agente frequentativo. “Trinchador” é tudo o que trincha, corta em pedaços, mas “trinchante” é exclusivamente o tipo de faca. “Borrifante” e “borrifador” não possuem diferença específica.

Dado curioso é o fato de que as duas construções X-DOR datadas, “absorvedor” e “trinchador”, são de 1881 e são posteriores aos vocábulos X-NTE. “Trinchante” é de 1619 e “absorvente”, de 1713. Logo, há tendência na língua para o que antes chamamos de desvencilhamento semântico. De regra, são os itens X-NTE que se desvencilham, mas, nesses dois casos, temos exceções.

Vejamos, por fim, a tabela etimológica dos instrumentais pelas línguas românicas (passo VI):

(137)

ESPAÑHOL		FRANÇÊS		ITALIANO	
VOCÁBULO	REGISTRO	VOCÁBULO	REGISTRO	VOCÁBULO	REGISTRO
Trinchante	1570	Absorbant	XVIII	Assorbente	1942
				Altoparlante	1923
				Trinciante	1598

Em (137), novamente a expectativa de registro tardio é confirmada. “Trinchante”, espanhol, e “trinciante”, italiano, são do século XVI. Os demais itens do italiano, “assorbente” e “altoparlante” pertencem ao século XX. “Absorbant”, francês, é do XVIII, mas de fato não corresponde ao instrumento, mas a um adjetivo. Resolvemos incluí-lo, pois isso mostra que o significado investigado é posterior.

Finalmente, a seguir, os agentes químicos.

7.1.2.4 Agentes químicos

(138)

AGENTE QUÍMICO			
PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	FRANÇÊS	ITALIANO
ADOÇANTE	Edulcorante/Dulcificante	Adoucissant	Dolcificante
ALVEJANTE		Blanchissant	Biancheggiante
AMACIANTE			
ANABOLIZANTE			
ANTICOAGULANTE	Anticoagulante	Anticoagulant	
CONSERVANTE			
CORANTE	Colorante	Colorant	Colorante
DESINFETANTE	Desinfetante	Désinfectant	Disinfettante
DETERGENTE	Detergente	Détergent	Detergente
ENTORPECENTE	Narcótico	Narcotique	Stupefacente
ESTIMULANTE	Estimulante	Stimulant	Stimolante
FERTILIZANTE	Fertilizante	Fertilisant	Fertilizante

PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	FRANCÊS	ITALIANO
HIDRATANTE	Hidratante	Hydratant	
LAXANTE	Laxante	Laxatif	Lassativo
LUBRIFICANTE	Lubricante	Lubrifiant	Grasso
PURGANTE	Purgante	Purgatif	Purgante
REPELENTE	Repelente	Repoussant	Repellente
SOLVENTE	Solvente	Diluant	Solvente
TRANQUILIZANTE	Tranquilizante	Tranquillisant	Tranquillante

Iniciemos primeiro pelo passo IV. Unanimidade semântica e produtividade no português contemporâneo advogam pela presença no latim vulgar de estruturas X-NTE com significado de agente químico. Soma-se a isso o fato de as irregularidades, em (138), serem poucas. Há casos de lacunas, (129) “a”, sobretudo em itens como “amaciante”, “anabolizante” e “conservante”, para os quais não encontramos tradução nos dicionários bilíngues utilizados.

Há alguns casos referentes a (129) “b”. Em francês e italiano, a base de “alvejante” é o alemão “blanch”⁷¹, gerando “blanchissant” e “biancheggiante” respectivamente. A base da palavra portuguesa é o latim “albus”, que origina “alvo” (“branco”) em nossa língua.

O espanhol, assim como o português, possui uma outra palavra para denominar “adoçante”: “edulcorante”. O radical desta é “edulcorare”, do latim tardio, que também apresenta o significado de “adoçar”.

Em italiano, “entorpecente” é “stupefacente”, cuja base é proveniente do latim “stupefacere”: o que produz estupefação, entorpece. Espanhol e francês utilizam o procedimento listado em (129) “e”, uso de vocábulo simples: “narcótico” e “narcotique”

⁷¹ Origina também a palavra “branco” em português.

nessa ordem. Essas duas línguas, assim como a nossa, que possui o vocábulo, o derivam de “narkotikós”, “entorpecente” em grego.

O francês usa base oriunda do latim “diluerē” (“dissolver”) para traduzir “solvente” (“diluante”). As demais línguas românicas partem do latim “solvere”, que possui o mesmo significado.

“Laxatif” e “purgatif”, francês, e “lassativo”, italiano, são representantes da situação descrita em (129) “c”. Preserva-se a base, mas troca-se o sufixo. Nesse caso, foram utilizados “-IF” e “-IVO”, derivados de “-IVUS”, típico formador de adjetivos em latim.

Por fim, além de “narcótico”, “grasso”, correspondente italiano para “lubrificante”, pertence ao caso (129) “e”. A palavra seria derivada do latim vulgar “grassus”: “grosso, espesso, gorduroso”.

Apesar da correspondência nas línguas neolatinas, da produtividade em nossa língua e da pouca irregularidade, **não podemos afirmar que agentes químicos já apareciam no latim vulgar** (passo III). Primeiro porque, dos poucos dados de substantivos obtidos na escrita, nenhum possui esse significado. Uma segunda razão é idêntica a que usamos para afirmar o mesmo em relação aos instrumentais X-DOR. Essas substâncias são inerentes a um desenvolvimento tecnológico que não se via na Antiguidade. Para encerrar essa discussão, vejamos a tabela etimológica a seguir (passo V):

(139)

VOCÁBULO	REGISTRO DE X-NTE	REGISTRO DE X (BASE)	X-TOR CORRESPONDENTE	X-DOR CORRESPONDENTE / REGISTRO
Adoçante	?	XIV	--	Adoçador / ?
Alvejante	?	1562	--	Alvejador / XIX
Amaciante	?	1789	--	--
Anabolizante	1975	?	--	--
Anticoagulante	1905	1670-1681	--	--
Conservante	1690	1344	Conservator	Conservador / 1422
Corante	1862	XIII	--	--
Desinfetante	1836	?	--	Desinfetador / ?
Detergente	1721	1721	--	--
Entorpecente	1958	1573	--	Entorpecedor / ?
Estimulante	1728	1525	Stimulator	Estimulador / 1713
Fertilizante	1836	1589	--	Fertilizador / 1813
Hidratante	?	1839	--	Hidratador / ?
Laxante	1661	XVII	--	--
Lubrificante	1913	1873	--	Lubrificador / ?
Purgante	1661	XIII	--	Purgador / 1813
Repelente	1661	XV	--	--
Solvente	1858	XIV	--	--
Tranquilizante	XX	1791	--	Tranquilizador / ?

Notamos em (139) que a ausência dos agentes químicos do latim vulgar é reforçada pelas datações. Esses vocábulos são introduzidos no português somente a partir do século XVII. Os registros mais antigos são de 1661: “laxante”, “purgante” e “repelente”. Os três itens foram escritos por Francisco Morato Roma em um guia de enfermagem do ano citado.

Em 6.1.2.1, já expusemos que, como agente químico, construções X-NTE diferem das X-DOR por serem específicas: nomeiam a substância, ao passo que as X-DOR são genéricas, podendo denominar não só o agente químico, mas tudo que possa

provocar o mesmo efeito. É como o caso de “adoçador”. A rapadura pode ser assim nomeada, mas aquela substância, em geral líquida, largamente comercializada é o “adoçante”.

Obtivemos poucas datações das palavras X-DOR da tabela. Com exceção de “purgador” / “purgante”, os itens X-DOR antecedem os X-NTE. Prevalece aqui também a questão da metáfora da seleção natural, do desvencilhamento semântico e, nesse caso, no português, os X-NTE é que ganham o *status* de produtivos. Naturalmente, não havia concorrência na época latina. “Conservator” e “stimulator”, pelas definições de Saraiva (2006), se identificavam com nossos agentes frequentativos. Denominavam aqueles que respectivamente “possuem ideias ultrapassadas” e “o que instiga, insufla o outro”.

Abaixo, o registro dos agentes químicos em espanhol, francês e italiano (passo VI):

(140)

ESPAÑHOL		FRANÇÊS		ITALIANO	
VOCÁBULO	REGISTRO	VOCÁBULO	REGISTRO	VOCÁBULO	REGISTRO
Colorante	1843	Édulcorant	XX	Dolcificante	1730
Lubrificante	XIX	Colorant	1690	Colorante	1745
		Détergent	1611	Disinfettante	1858
		Tranquillisant	1960	Detergente	1959
				Fertilizante	1917
				Repellente	1939
				Solvente	1750
				Tranquillant	1957

Notemos, pois, que também aqui os registros de substâncias químicas com estrutura X-NTE aparecem a partir do século XVII. São os casos de “colorant” (1690) e “détergent” (1611), do francês. Os itens do espanhol (“colorante” e “lubricante”) são do século XIX e o italiano apresenta registro apenas a partir do século XVIII: “dolcificante” (1730), “colorante” (1745) e “solvente” (1750). Reforça-se, assim, que é uma acepção recente.

7.2 Conclusões

Das quatro acepções examinadas de vocábulos com a estrutura X-NTE, apenas os chamados agentes frequentativos estavam presentes já na época latina, sendo, portanto, o significado primeiro. Notamos que o Método Histórico-Comparativo garante a chamada unanimidade semântica. Além disso, os raros dados encontrados de construções X-NTE substantivas na escrita clássica latina, sem o valor tradicional de participio presente, são frequentativos. Contrastando com os quadros etimológicos apresentados para os outros grupos, vemos que realmente é essa acepção que possui os registros mais antigos no português escrito. Nas demais línguas românicas, aparecem já a partir do século XII.

Os agentes profissional e instrumental apresentam tabelas bastante irregulares, sem unanimidade semântica. Acrescenta-se ainda o fato de os registros etimológicos serem feitos, para ambos, a partir do século XVII. Isso se sincroniza com o Método Histórico-Comparativo. Nas outras línguas neolatinas, são datados a partir dos séculos XVI e XVII. Ao mesmo tempo que ele não é um argumento a favor da presença das

acepções no latim falado, os quadros etimológicos apresentam registros tardios, o que se constitui em um mútuo endosso. Sabemos que os frequentativos, ao contrário, possuem registro no português desde os anos 1300.

Devemos mencionar ainda que agentes químicos, altamente produtivos no português contemporâneo, se assemelham com os instrumentais X-DOR. Ambos apresentam regularidade no quadro comparativo das línguas românicas. Mas os dois se referem a coisas (instrumentos e substâncias) incompatíveis com o nível de desenvolvimento do mundo Antigo. Por isso, são na verdade acepções relativamente recentes quando comparadas com os outros significados possíveis dos respectivos sufixos. No caso dos agentes químicos (X-NTE), observamos no quadro etimológico que o grupo detém o mesmo comportamento que os agentes profissionais e instrumentais, sendo datados também a partir do século XVII no português e nas demais línguas românicas.

Finalizando, vale a pena lembrar que Joseph (1998) engloba, no rol do que pode sofrer mudança, o *status* morfológico. –NTE é um exemplo significativo. Isso porque o formativo migra, desde o latim vulgar, da flexão para a derivação, visto que, na modalidade falada, já encontrávamos agentes frequentativos.

No próximo capítulo, apresentaremos as conclusões finais de toda a Tese.

Conclusão: sumário e palavras finais

Conforme exposto já na introdução, o objetivo maior desta tese foi apresentar o percurso histórico dos sufixos deverbais –DOR e –NTE. Do latim (quando o primeiro possuía a forma –TOR e o segundo era expressão do particípio presente) até o português, enfatizamos a adjunção de significados aos dois formativos. Nesse caminho, pudemos notar semelhanças, diferenças e relações, que serão novamente expostas ao longo deste capítulo. Também na introdução, mostramos os passos que seguiríamos para cumprir o objetivo antes citado. Exibiremos mais uma vez, a seguir, esse roteiro, para que, a partir dele, possamos proceder ao resumo dos conhecimentos produzidos por este trabalho.

- I. Definir os grupos de afinidade semântica de cada um dos sufixos no português atual;
- II. Investigar os significados que –DOR e –NTE possuíam no latim escrito;
- III. Empregar o Método Histórico-Comparativo nos grupos semânticos dos formativos;
- IV. Examinar as irregularidades presentes nos quadros comparativos;

V. Pesquisar as datas de entrada dos vocábulos envolvidos em todos os grupos de afinidade semântica de –DOR e –NTE;

VI. Repetir o que foi aventado no passo V para palavras das outras línguas românicas trabalhadas.

O propósito de (I) foi fazer um retrato do momento atual dos formativos. Identificamos os significados existentes no presente tanto para –DOR quanto para –NTE. De posse dessa informação, poderíamos nos centrar no percurso diacrônico, mais exatamente no encaixe desses significados ao longo da história dos sufixos examinados.

No caso de –DOR, existem três grupos de afinidade semântica, a saber: **agente profissional** (“chamador”), **agente frequentativo** (“boiador”) e **agente instrumental** (“emulador”). Como podemos intuir pelos exemplos, todos os grupos, de acordo com orientação da Morfologia Derivacional, são produtivos, já que geram novos itens lexicais.

A distribuição dos grupos em –NTE é mais complexa. Há um grupo intensamente produtivo de **adjetivos** (“boiolante”), conforme denominamos. Em –DOR, também existem adjetivos, mas, como afirma Basílio (1980), a capacidade que esses vocábulos têm de atribuir agentividade torna-os, de fato, agentes (profissionais, frequentativos ou instrumentais). Como nos adjetivos X-NTE essa capacidade inexistente (ou existe em menor grau), é preferível estabelecer um grupo de afinidade semântica à parte. Os demais significados produtivos de –NTE são **agente frequentativo** (“ficante”) e **agente químico** (“defrizante”). Os outros significados, improdutivos, são **agente profissional** (“escrevente”) e **agente instrumental** (“trinchante”). Em resumo, temos:

	-DOR	-NTE
Adjetivo	Considerados agentes	X
Agente profissional	X	X
Agente frequentativo	X	X
Agente instrumental	X	X
Agente químico		X

Portanto, ambos possuem os agentes profissional, frequentativo e instrumental, mas somente o segundo é produtivo tanto nas construções X-DOR quanto nas X-NTE. Os outros dois significados são produtivos apenas em X-DOR. O agente do tipo químico pertence a –NTE. Em 6.1.2.1, vimos que agentes químicos X-DOR são na verdade agentes profissional e frequentativo com extensão semântica.

Nossa prioridade era determinar a adunção de significados a partir da fala, língua viva. Por isso, procuramos informações sobre o latim vulgar nas línguas românicas. Como é notório, as fontes dessa modalidade da língua romana são precárias. Dessa forma, inevitavelmente tivemos de buscar apoio na escrita. Logo, essa é a razão do passo II.

A *Eneida*, de Virgílio; *De Officiis* e *Discursus*, de Cícero; e verbetes de Saraiva (2006) mostraram incidência de agentes profissional (“scriptores”) e frequentativo (“victor”) na escrita latina. Não foram encontrados, então, dados de agente instrumental.

As fontes de –NTE foram, além de Saraiva (2006), *A Eneida* e o *De Officiis*, os discursos *Pro Archia*, *Pro Marcello* e *Pro Ligario*, todos de Cícero. Foram usados ainda dados presentes em Fava (1998). Ao contrário de construções X-DOR, as X-

NTE substantivas com significado de agente são raras na escrita. Os poucos dados descobertos foram todos de agentes frequentativos (“amans”, por exemplo).

No passo III, entramos diretamente na questão de traçar a associação de significados aos sufixos. Em cada grupo, listamos vocábulos do português e pesquisamos suas traduções em espanhol, francês e italiano. Pelo Método Histórico-Comparativo, o que é comum às línguas românicas estava presente no latim vulgar.

Nos grupos de –DOR, constatamos que agentes profissionais são recorrentes nos idiomas neolatinos (por exemplo: “administrador”, espanhol; “administrateur”, francês; e “amministratore”, italiano). O mesmo se dá com os frequentativos (“adulador”, espanhol; “adulateur”, francês; e “adulatore”, italiano). Portanto, tais acepções já recaiam sobre o formativo no latim vulgar.

Os instrumentais X-DOR são casos singulares. Há recorrência (“irrigador”, espanhol; “irrigateur”, francês; e “irrigatore”, italiano), mas não podemos sustentar existência da acepção em latim vulgar. Observamos que, na realidade, os vocábulos listados para o grupo são agentes animados, que, posteriormente, passam a ser empregados como instrumentais. É o caso de “irrigador”, posto em destaque aqui no parágrafo.

Em –NTE, apesar do maior número de acepções, há apenas uma que remonta o latim vulgar. É exatamente a de agente frequentativo: “adolescente” (espanhol e italiano) e “adolescent” (francês).

Um primeiro olhar sobre as irregularidades das tabelas, no entanto, pode nos levar a falsas impressões. Daí trabalhar o passo IV. Analisando detidamente, notamos que o mais importante é a chamada unanimidade semântica e não a

vocabular. Não devemos ler as tabelas no sentido horizontal, isto é, só haveria recorrência se a palavra apresentasse equivalente X-DOR / X-NTE nas quatro línguas românicas exploradas. Se usássemos desse expediente, teríamos, no mínimo, dúvidas sobre a existência da acepção em latim vulgar. Afinal, com frequência, há irregularidade em pelo menos um dos idiomas. A leitura correta da tabela é a vertical, ou seja, existirá recorrência se, em cada uma das colunas correspondentes às línguas, houver alto número de dados em que o significado recaia sobre palavra com estrutura X-DOR / X-TOR.

Isso porque as irregularidades são etimologicamente explicáveis. Caso a leitura fosse horizontal, não poderíamos considerar bom o item “varredor” (agente profissional). Pelas línguas românicas, existe uma variação na base, mas o significado está sempre recaindo sobre o –DOR (e seus equivalentes nas línguas-irmãs). “Barredor”, do espanhol, provém da mesma fonte do vocábulo português: “verrere”, em latim. Em francês, “balayeur” usa a base “balaï”, “vassoura” em gaulês. No italiano, o ponto de partida de “spazzatore” é “spazzare”, que se origina do latim “spatiare”: “espaçar”, “passar a vassoura em um espaço”.

Caso semelhante ocorre com “redoublant”, “repetente” em francês. As outras línguas românicas derivam o mesmo vocábulo da base latina “repetere” (“repetidor”, espanhol; e “ripetente”, italiano). A base francesa é o inglês “double”, que, por sua vez, é originária do latim “duplus” (“dois”). Apesar de toda diferença, o significado de agente frequentativo recai sobre o –NT francês.

Para reforçar as constatações do passo III, foi necessário conferir, primeiramente no português, as épocas de entrada dos vocábulos na língua. Este passo, o V, preconizava que, se a acepção é pertinente ao latim vulgar, é natural

que encontremos itens lexicais X-DOR / X-NTE com esse significado nos primórdios de nossa língua, mais especificamente no romance galego-português (séculos XII a XIV). Na hipótese contrária, significado ausente do latim falado, o esperável é que a datação seja posterior a esse período.

Essa pesquisa superou as expectativas, visto que há total regularidade entre a informação de presença / ausência da acepção no latim vulgar e as datações. Para as acepções de –DOR presentes no latim vulgar, temos datação no português a partir do século XIII tanto para agentes profissionais (“administrador”, por exemplo) quanto para os frequentativos (“enganador”, por exemplo). O significado instrumental aparece no século XVI, com “apagador”. Isso reforça sua inexistência na língua latina vulgar.

Os frequentativos de –NTE, únicos presentes na fala latina, surgem em nossa língua no século XIV, sendo “amante” um dos exemplos. Em contraste, instrumentais e químicos aparecem nos séculos XVII (“trinchante” e “laxante”, exemplos respectivos). O primeiro registro de profissional X-NTE que obtivemos foi “comerciante”, vocábulo que entrou na língua somente no século XVIII.

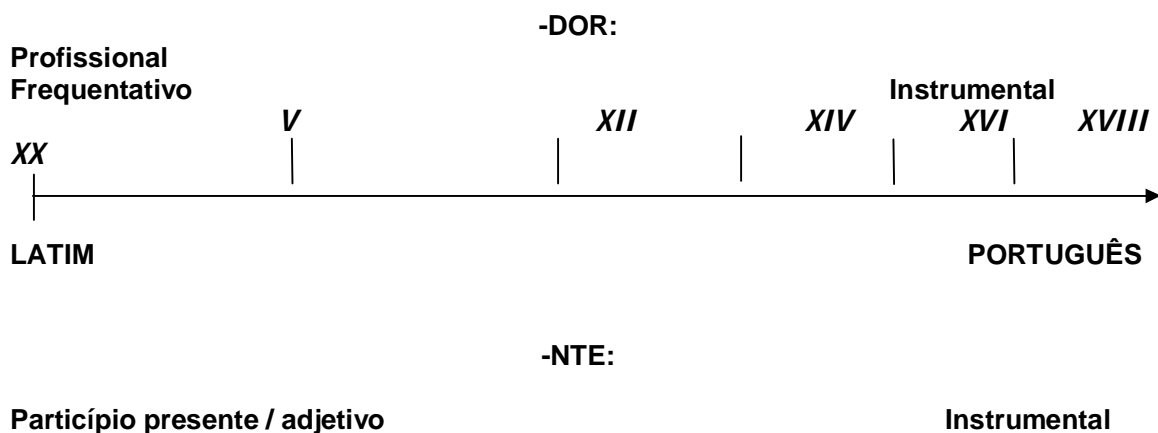
O passo VI teve o objetivo de fornecer maior solidez ao anterior. Se a acepção entra no português numa época, normalmente deve aparecer nas demais línguas românicas no mesmo período. Ao contrário, se o grupo é tardio em nossa língua também será tardio em espanhol, francês e italiano.

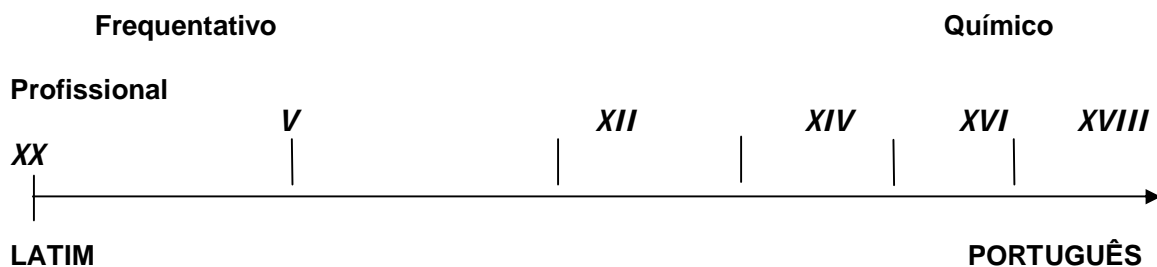
As expectativas também foram correspondidas aqui. Se profissionais X-DOR são encontrados no português do século XIII, em espanhol, francês e italiano são registrados respectivamente nos séculos XII (“vendedor”), XII (“pêcheur”) e XIII (“contatore”). Frequentativos, também do século XIII em nosso idioma, aparecem no

XIII em espanhol (“pecador”), no X em francês (“pêcheur”) e no XI em italiano (“peccatore”). Por outro lado, instrumentais, que em português são registrados a partir do século XVI, se apresentam no século XIX em francês (“alternateur”) e em italiano (“depuratore”).

No caso de –NTE, vimos que nossos frequentativos aparecem registrados no século XIV. Em espanhol e em italiano, isso ocorre um século antes (“viajante” e “amante”, respectivamente). Em francês, o registro é do século XII (“mendiant”). Diferentemente, profissionais (século XVIII no português) são documentados no século XVII em espanhol e em francês (“escribiente” e “commerçant”, respectivamente). Instrumentais (século XVII em português) aparecem no XVI em espanhol e em italiano (“trinchante” e “trinciante”, nessa ordem). Em francês, a documentação é do século XVIII (“absorbant”). Os agentes químicos (também do século XVII em nossa língua) são registrados, em sequência, nos séculos XVII (francês: “colorant”), XVIII (italiano: “dolcificante”) e XIX (espanhol: “lubricante”).

Essas informações nos permitem estabelecer duas linhas do tempo, que refletem o percurso histórico de –DOR e –NTE do latim ao português. Vejamos:





Observamos igualdade e diferença nas duas linhas. No que tange à igualdade, vemos, primeiro, que agente frequentativo é o grupo mais antigo. Tanto em –DOR quanto em –NTE, é documentado na escrita e existia também na fala dos romanos, como comprova o Método Histórico-Comparativo. O significado de agente instrumental recai sobre esses formativos pelo século XVI.

A diferença marcante está nos profissionais. Nos agentivos X-DOR, essa acepção fazia parte do latim vulgar, mas surgiram apenas por volta do século XVII nas construções X-NTE. Além disso, os agentes químicos, próprios de –NTE, aparecem no século XVIII. O primeiro grupo do formativo, por assim dizer, surge do particípio presente, que apresentava comportamento análogo ao dos adjetivos. Por isso, a alta produtividade dos adjetivos no português contemporâneo.

Em suma, a língua é o principal elemento cultural de um povo. Faz parte da identidade de uma nação, de uma comunidade. Estudar a história da língua é, por extensão, conhecer a cultura, a própria história do povo que a fala. Esta Tese não pretende ser a última palavra sobre o assunto, mas espera ter contribuído para o entendimento de parte significativa de nossa cultura.

Referências bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: A Academia, 1999.

ALI, Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1965.

ALMEIDA, Napoleão M. de. *Gramática Latina*. 29ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

ALMOYNA, Júlio Martinez. *Dicionário de Português-Espanhol*. 2ª ed. Porto: Porto Editora, [1974?].

ANDRADE, Maria A. N. de. Apostila de Filologia Românica II. Rio: UFRJ, [199-?].

ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Linguistic Inquiry Monograph I. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1976.

AUERBACH, Erich. *Introdução aos Estudos Literários*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

BASÍLIO, M. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. Re-estudo de agentivos. Comunicação apresentada no VI Encontro Nacional de Lingüística. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1981.

_____. Substantivação plena e substantivação precária: um estudo de classes de palavras em português. Comunicação apresentada no VII Encontro Nacional de Lingüística. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1982.

BATTAGLIA, Giovanni. *Grammatica Italiana*. 12ª ed. Roma: Bonacci, 2000.

BOOIJ, G. E. Form and meaning in morphology: the case of Dutch 'agent nouns'. *Linguistics*, 24 (1), 503-17. 1986.

BURTIN-VINHOLES, S. *Dicionário Francês-Português e Português-Francês*. 41ª ed. São Paulo: Globo, 2003.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. Cambridge: Mit Press, 1957.

_____. Remarks on nominalization. In:____(org.) *Readings in english grammar*. Walthom: Gimm, 1970. p. 30-80.

CICÉRON. *Discours*. Tome XII. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

COROMINAS, J. *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*. Madrid: Editorial Gredos, 1969.

_____. *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*. 3ª ed. Madrid: Editorial Gredos, 1973.

COROMINAS, J; PASCUAL, A. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. Madrid: Gredos, 1985.

CORREA, Roberto A.; STEINBERG, Sary H. *Gramática da Língua Francesa*. Rio: Fename, [19-?].

CORTELAZZO, M; ZOLLI, P. *Dizionario Etimologico della Língua Italiana*. Bologna: Nicola Zanichelli Editore, 1988.

COUTINHO, I. de. *Pontos de Gramática Histórica*. 6ª ed. Rio: Acadêmica, 1973.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso F. da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: MEC-Fename, 1975.

DICIONÁRIO Italiano-Português e Português-Italiano. Lisboa: Editorial Presença Langenscheidt, 1999.

DICIONÁRIO Larousse Espanhol-Português e Português-Espanhol. São Paulo: Larousse do Brasil, 2006.

DRESSLER, W. U. Explanation in Natural Morphology, illustrated with comparative and agent-noun formation. *Linguistics*, 24 (1), 519-48.1986.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

_____. *Dictionnaire Etymologique et Historique du Français*. Paris: Larousse, 1994.

ENCICLOPÉDIA Sopena. Nuevo Diccionario Ilustrado de la Lengua Española. Barcelona: Ramón Sopena, 1928.

FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1991.

FARIA, Ernesto. *Fonética Histórica do Latim*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

FAVA, Solveig. *As Gramaticalizações do Particípio Presente*. Rio de Janeiro, 1998. 162f. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GONÇALVES, Maximiliano Augusto. *Tradução da Eneida de Virgílio*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, [1981].

_____. *De Officiis de Cícero*. Rio: Livraria H. Antunes, [196-?].

HALLE, M. Prolegomena to a theory of word-formation. *Linguistic Inquiry*. Winter, 4: 3-16. 1973.

HOUAISS, Antônio et al. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. CD-ROM.

_____. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACKENDOFF, R. Morphological and semantics regularities in the lexicon. *Language*, 51: 639-71. 1975.

JOSEPH, Brian D. Diachronic Morphology. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold M. *The Handbook of Morphology*. Oxford/UK, Malden/MA: Blackwell Publishers, 1998. pp. 351-73.

LAUSBERG, Heinrich. *Linguística Românica*. Lisboa: Fundação Galouste Gulbenkian, 1974.

MARGARIT, Antonio M. B. *Gramática Catalana*. Tomo I. Madrid: Editorial Gredos, [19-?].

MARINHO, Marco A. F. *Questões acerca das Formações X-EIRO do Português do Brasil*. Rio de Janeiro, 2004. 122f. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MAURER Jr, Teodoro H. *Gramática do latim vulgar*. Rio: Livraria Acadêmica, 1959.

MELLO, Gladstone C. de. *Iniciação à Filologia Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1951.

MIAZZI, Maria L. F. *Introdução à Linguística Românica*. São Paulo: Cultrix, [19-?].

MIRANDA, N. S. *Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical*. Rio de Janeiro, 1979. Dissertação de Mestrado em Linguística. Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PARLAGRECO, Carlo. *Dizionario Portoghese-Italiano e Italiano-Portoghese*. Milano: Antonio Vallardi Editore, 1971

PICOCHÉ, J. *Dictionnaire Étymologique du Français*. Paris: Lês usuels du Robert, 1986.

ROUSÉ, Jean; CARDOSO, Ersílio. *Dicionaires Bertrand Portugais-Français*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1972.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. 12ª ed. Garnier: Belo Horizonte, 2006.

SILVA NETO, Serafim. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957. p. 40.

TANNUS, Carlos A. R. (org) et alii. *O latim e suas estruturas*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Fac. de Letras, 1996.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VIDOS, B. E. *Manual de Lingüística Românica*. Madrid: Aguilar, 1973.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)